

VALMIR CHIARELLO

**MARGINALIZADOS NO QUARTO EVANGELHO:
da ação de Jesus à missão da Igreja na América Latina**

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Ramiro Mincato

Porto Alegre
2008

SUMÁRIO

RESUMO/ABSTRACT.....	04
INTRODUÇÃO.....	05
1 - EVANGELHO DE SÃO JOÃO: CONTEXTO E TEOLOGIA.....	08
1.1 – A comunidade Joanina e o conflito com o mundo e com os judeus.....	08
1.2 – As duas cristologias da comunidade Joanina.....	13
1.3 – O Discípulo Amado.....	15
1.4 – Os Sinais, Jesus e os pobres.....	18
2 - ALGUMAS CATEGORIAS DE MARGINALIZADOS NO EVANGELHO DE SÃO JOÃO.....	22
2.1 – Os famintos de pão material.....	22
2.2 – Os doentes.....	27
2.3 – Os pecadores e discriminados.....	34
2.4 – As mulheres.....	40
3 – O QUARTO EVANGELHO, OS DOCUMENTOS LATINO-AMERICANOS E OS ESTUDOS EXEGÉTICOS NO BRASIL.....	49
3.1 – Breve contextualização da realidade atual.....	49
3.2 – O Quarto Evangelho e os Documentos latino-americanos.....	52
3.2.1 – Medellin.....	56
3.2.2 – Puebla.....	62
3.2.3 – Santo Domingo.....	70
3.2.4 – Aparecida.....	76
3.3. – O Quarto Evangelho e os estudos exegéticos no Brasil.....	84

3.3.1 – Revista Estudos Bíblicos.....	87
3.3.2 – Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana.....	92
3.3.3 – Revista Teocomunicação.....	95
3.3.4 – Revista Perspectiva Teológica.....	97
3.3.5 – Revista Estudos Teológicos.....	100
CONCLUSÃO.....	102
BIBLIOGRAFIA.....	105

RESUMO: A presente dissertação tem como objetivo mostrar que o Quarto Evangelho tem uma aderência histórica e ao contrário do que normalmente se pensa, ele não está alheio à realidade e aos problemas concretos da humanidade. No final do primeiro século a comunidade Joanina entende-se como a mais fiel a Jesus e nela, o Discípulo Amado é um personagem destacado ao ser apresentado como protótipo do discípulo de Cristo. No Quarto Evangelho, encontramos algumas categorias de excluídos; os pobres, as mulheres, os pecadores, os doentes, que receberam especial atenção da parte de Jesus. Estes existiam no tempo de Jesus, na época da comunidade Joanina e existem em nosso tempo. A Igreja da América Latina através de seus Documentos contempla o Quarto Evangelho ao tratar do tema do pobre e do marginalizado, ainda que o recurso ao nosso Evangelho não seja tão abundante quanto aos Sinóticos. Também a literatura Joanina no Brasil, especialmente algumas revistas bíblicas, tem presente a dimensão concreta do Quarto Evangelho ao abordar o tema do pobre e do marginalizado.

PALAVRAS-CHAVE: Quarto Evangelho, marginalizados, Jesus, América Latina, Documentos do “CELAM”.

ABSTRACT: This dissertation aims to show that the Fourth Gospel has a historical grip and contrarily to what is usually thought, it is not unconnected to reality and the practical problems of humanity. At the end of the first century, the Johannine community regards itself as the most faithful to Jesus and, for whom the beloved disciple is a prominent figure to be displayed as a prototype of the disciple of Christ. In the Fourth Gospel, we find some categories of excluded: the poor, the women, the sinners, the patients who received special attention from Jesus. They existed in Jesus` time as well as in the Johannine community`s time, and they still exist nowadays. The Church in Latin America through its Documents contemplates the Fourth Gospel to address the issue of poor and the marginalized, even though the use of our Gospel is not so abundant as the use of the Sinoptical Gospels. In addition, the Johannine literature in Brazil, especially in some Biblical magazines, considers the real dimension of the Fourth Gospel in addressing the issue of the poor and the marginalized.

KEY WORDS: Fourth Gospel, marginalized, Jesus, Latin America, Documents of “CELAM”.

INTRODUÇÃO

No contexto latino-americano, principalmente após o Concílio Vaticano II, valorizou-se sempre mais uma cristologia libertadora que prioriza Jesus no seu contexto histórico onde Ele se torna paradigma da prática libertadora para a comunidade cristã na sua realidade atual. Dessa forma, muitas vezes o Quarto Evangelho foi marginalizado no contexto da Teologia da Libertação na América Latina, pois que fazer com um Cristo cujo “reino não é deste mundo” (Jo 18,36), onde seus seguidores “não são deste mundo” (Jo 17,16)? De fato os cristãos de nosso continente são chamados ao empenho para as mudanças históricas e a transformação social que é injusta. Já, segundo Clemente de Alexandria, a descrição de Jesus no Quarto Evangelho é “pneumática” não “somática”¹. Assim, o Quarto Evangelho não faz boa figura² na literatura joanina brasileira. No entanto, em nosso trabalho, pretendemos mostrar que o Quarto Evangelho tem aderência histórica e não é alheio à dimensão concreta da salvação.

O presente trabalho, a partir de uma releitura do Quarto Evangelho, visa a entender e perceber a relação que Jesus tem com a categoria dos excluídos ou dos marginalizados. Como Jesus se relacionou com os excluídos do seu tempo? Os pobres? Os doentes? Os pecadores? As mulheres? Estudaremos a situação da comunidade Joanina, os conflitos e a importância da figura do Discípulo Amado dentro dela.

Em nosso trabalho cotidiano convivemos com pessoas que pertencem às diversas classes de excluídos e marginalizados de nosso tempo. Estamos certos de que a pobreza material é apenas uma das exclusões atuais. Nas classes mais abastadas da sociedade, aparecem outros tipos de pobreza, não menos degradantes para os seres humanos: drogadição, ausência de valores humanos e cristãos, entre outros.

Queremos verificar a hipótese de que em toda a sua missão, Jesus joanino mostrou a sua preferência pelos mais fracos, pelos pobres, pelos excluídos, pelos doentes, pelos pecadores. Se assim foi a atitude de Jesus, ela faz com que a Igreja também se posicione do

¹ O Quarto Evangelho é visto como “Evangelho espiritual” por não fornecer receitas prontas para o agir histórico das pessoas nem regras a serem seguidas. Não são ditadas normas em relação à vida conjugal ou social, mas destaca-se a relação íntima de Jesus Cristo com o Pai. É o Evangelho da Alta cristologia e a história exterior de Jesus aparece menos que nos Sinóticos. Nada se fala de sua infância, por exemplo.

² Dizemos que o Quarto Evangelho não faz boa figura na literatura da América Latina pelo fato que o mesmo apresenta uma cristologia tão elevada que se não for bem compreendida, parece apresentar um Jesus, poderíamos dizer, nada humano, distante e que está alheio às dificuldades sociais presentes em nosso contexto.

lado dos mais fracos e dos pobres. Para isso estudaremos os Documentos de Medellin, Puebla, Santo Domingo e Aparecida. O cristão do nosso tempo é convidado a amar a Deus, amando também o irmão que está ao seu lado. Assim deve ser o seguimento a Jesus Cristo.

Nosso estudo parte da leitura da Bíblia porque ela é a Palavra de Deus que ilumina o caminho de nossos povos na vida cotidiana. Na América Latina, em especial, desde a sua descoberta, a Palavra de Deus foi pregada por zelosos missionários constituindo-se luz para todos. A história de todo o Ocidente não pode ser contada sem mostrar a relevância da Bíblia e a orientação segura que sempre foi para todos.

Escolhemos o Evangelho de São João, atraídos pela curiosidade e pelo preconceito existente que, muitas vezes, o coloca distante das realidades terrenas e dos reais problemas da humanidade. Para alguns, o Quarto Evangelho é espiritualizante³, de difícil acesso e difícil compreensão, não contemplando assim as angústias e as esperanças da humanidade.

Seguiremos o método sócio-antropológico para compreender o Evangelho. A dissertação inicia com o estudo da comunidade joanina, seus conflitos e sua teologia, para ver como se dá a sua relação com as realidades históricas (ver a realidade da comunidade joanina). No segundo capítulo buscaremos verificar, de acordo com os problemas concretos do primeiro capítulo, como o Jesus joanino reagiu diante dos excluídos do seu tempo (é o momento do julgar). Se temos uma realidade (comunidade joanina) e nela verificamos a atitude de Jesus diante dela (julgar) precisamos agora verificar como deve ser o agir da Igreja, a partir do testemunho do Evangelho de João (vamos verificar o agir da Igreja). O agir da Igreja na América Latina pode ser verificado, segundo nosso estudo, em primeiro lugar pela incidência do Quarto Evangelho nos Documentos Oficiais, isto é, como a Igreja é fiel ao Jesus joanino. E, em seguida, em que medida os Estudos Exegéticos realizados no continente ajudam a Igreja a ser fiel a sua missão, pois a Igreja é Discípula da Palavra de Deus. Deverá continuamente confrontar-se com essa Palavra, para descobrir em que medida está sendo fiel a Jesus Cristo. O texto da Bíblia tem autoridade em todos os tempos sobre a Igreja cristã e, se bem que se passaram séculos desde os tempos da sua composição, ele conserva seu papel de guia privilegiado que não pode ser manipulado. O Magistério da Igreja “não está acima da Palavra de Deus, mas ele a serve, ensinando somente aquilo que foi transmitido; por mandato de Deus, com a assistência do Espírito Santo, ele a escuta com amor, conserva-a santamente e explica-a com fidelidade” (*Dei Verbum*, 10). “A exegese bíblica preenche, na Igreja e no

³ Para alguns, o Quarto Evangelho seria espiritualizante por mostrar mais o lado espiritual de Jesus, não tanto o humano. Nesse sentido é diferente dos Sinóticos, que descrevem com mais clareza a história exterior de Jesus e os fatos vivenciados no decorrer de sua vida.

mundo, uma *tarefa indispensável*. Querer se dispensar dela para compreender a Bíblia seria ilusão e manifestaria uma falta de respeito para com a Escritura inspirada”⁴.

⁴ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 118.

1. EVANGELHO DE SÃO JOÃO: CONTEXTO E TEOLOGIA

1.1. A COMUNIDADE JOANINA E O CONFLITO COM O MUNDO E COM OS JUDEUS

Desenvolveremos este capítulo com o intuito de perceber a compreensão que a comunidade Joanina e também os judeus tinham de Jesus de Nazaré e os reflexos para os leitores do Quarto Evangelho no contexto latino-americano atual. Para isso estudaremos o conflito existente entre os judeus, o mundo, a sinagoga e a comunidade Joanina que têm como dificuldade principal a compreensão da cristologia que fatalmente levava os cristãos Joaninos à situação de exclusão e marginalização.

De uma leitura do cap. 1,29-51 percebemos que a comunidade Joanina nasceu da união, ou da confluência do movimento de João Batista na obra de Jesus. De fato, João Batista é a testemunha que O apresenta como aquele que veio restaurar Israel e carregar o pecado de todos. “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (*Jo* 1,29). Este testemunho de João Batista é aceito e reconhecido por todos. A partir do testemunho de João Batista, os discípulos seguem Jesus: “Toda a seção 1,19-40 quer mostrar a continuidade entre o movimento de João (reconhecido pelas autoridades judias) e Jesus. É um convite aos discípulos de João (Batista) a entrar na comunidade do Discípulo Amado.”⁵ O grupo que seguia João Batista fazia parte de um movimento profético messiânico que, ao entrar na comunidade Joanina, caminha para uma outra compreensão de messias. Os seguidores de João Batista, bem como parte do povo de Israel, passarão a seguir Jesus, reconhecendo Nele o Messias, o Rei de Israel (*Jo* 1,49), formando assim a comunidade Joanina. No entanto, Jesus os conduz a uma nova compreensão, dando-se a conhecer como o Filho do Homem e Filho de Deus; “Enquanto “Filho de Deus” designa mais a união do homem Jesus com o Pai, o

⁵ RICHARD, Pablo. Chaves para uma re-leitura histórica e libertadora. (Quarto Evangelho e cartas). *RIBLA*, Petrópolis; São Leopoldo, n. 17. 1994/1, p. 18.

segundo título, “Filho do Homem”, acentua sua missão divina. Não acentua sua humanidade.”⁶ Ele manifestará assim a glória de Deus para o mundo e não apenas para Israel.

No Quarto Evangelho, o mundo é visto como o lugar que está em contraposição com os desígnios de Deus. Com o objetivo de viver com fidelidade o seguimento de Jesus, a comunidade Joanina se opõe a tudo aquilo que vem da realidade do mundo. “O mundo, inimigo de Jesus e da comunidade do discípulo amado, é uma realidade universal; às vezes é identificado com os “judeus”, mas é muito mais amplo do que este grupo específico.”⁷ O conflito com o mundo se manifesta nas forças hostis que se contrapõem ao projeto de Jesus. O mundo é representado por aqueles que rejeitam a luz, ou seja, rejeitam o próprio Cristo. Por isso, Ele mesmo dirá que seu reino não é daqui; “meu reino não é deste mundo” (*Jo* 18,36). Jesus critica o império romano, que aqui representa o mundo, e que teve parte na sua condenação além de ser opressor da população da Judéia e da Galiléia.

A morte de Jesus na cruz foi o resultado quase natural dos muitos conflitos com os seus contemporâneos, assim como seus seguidores seriam perseguidos e muitos deles chegariam ao martírio, no tempo da comunidade Joanina. Durante sua vida, Jesus se torna questionador dos preceitos que oprimiam os mais fracos; sua presença incomoda; “Este homem realiza muitos sinais. Se o deixarmos assim, todos crerão nele e os romanos virão, destruindo nosso lugar santo e a nação” (*Jo* 11,47-48).

O mesmo embate e oposição que o Jesus histórico teve com o mundo são sentidos pela comunidade Joanina; “se o mundo vos odeia, sabeis que primeiro me odiou a mim. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas porque não sois do mundo, a minha escolha vos separou do mundo, o mundo, por isso, vos odeia” (*Jo* 15,18). Portanto, os membros da comunidade Joanina sofrem a exclusão da sinagoga no seguimento de Jesus.

O auge dos conflitos entre os judeus e a comunidade Joanina parece estar narrado em João 16,2: “Expulsar-vos-ão das sinagogas. E mais ainda: virá a hora em que aquele que vos matar julgará realizar um ato de culto a Deus.” Nesta passagem, o tempo é futuro, mas do ponto de vista do tempo do ministério de Jesus. É verdade que os judeus estavam matando ou iriam matar os cristãos como um serviço prestado a Deus e alguns fatos isolados aconteceriam neste sentido. Veja-se, por exemplo, a morte de Estêvão (*At* 7,58-60) e de Tiago, filho de Zebedeu (*At* 12,2-3). A morte de Tiago agradou aos judeus. Tais acusações feitas aos judeus

⁶ KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João. Amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. 2000, p. 110.

⁷ RICHARD Pablo. Chaves para uma releitura histórica e libertadora. (Quarto Evangelho e Cartas). *RIBLA*, Petrópolis; São Leopoldo, n. 17. 1994, p. 13.

serão encontradas também no segundo século em Justino: “Vós matastes Cristo e não vos arrependeis; mas vós nos odiais e nos matais também...sempre que tendes autoridade”(Trypho 133,6;95,4). Agora sabemos que no século segundo a “morte” de cristãos infligida por judeus era, na maior parte das vezes, não uma ação direta, mas através de uma denúncia aos romanos”⁸.

Citamos aqui uma passagem do Evangelho de João onde aparece o conflito de Jesus com os Judeus, mas principalmente a opressão a que estes eram submetidos em nome de uma pretensa vivência religiosa que já não mais tinha sentido. Trata-se da cura do cego de nascença, narrada no capítulo 9 de João. O ex-cego curado por Jesus passa literalmente por uma inquisição por parte das autoridades dos Judeus que estão “cegos” diante da Boa Nova de Jesus. Os Judeus não querem ver o milagre e principalmente não querem entender o sinal que este revela. É interessante perceber que os pais do ex-cego confirmam que o mesmo é seu filho e que era cego, mas por medo de serem excluídos ou expulsos da Sinagoga, fingem não entender o sinal realizado por Jesus. “Que os Judeus decidiram “expulsar da Sinagoga” quem acreditasse em Jesus (9,22) é anacrônico quanto ao momento histórico de Jesus, nos anos 30. Os “crentes” de Jesus não eram tão conhecidos no tempo de sua vida terrestre.”⁹ Alguns autores, entre eles Konings, situam no “Sínodo de Jâmnia” a decisão de expulsar os cristãos da sinagoga, ou seja depois da destruição do templo no ano 70, ainda que esta prática já existisse antes. Os cristãos proclamavam Jesus como Cristo, o Filho de Deus, algo inaceitável para os Judeus.

Na realidade o que João faz é colocar o texto nestes termos para dar força aos seus leitores. Certamente a dificuldade de serem expulsos das sinagogas foi mais forte nos anos 80 ou 90, no tempo da missão dos discípulos de Jesus e muito menos visível no tempo da missão de Jesus. Há, porém, que se destacar a sobreposição dos conflitos no Evangelho de João entre o tempo do ministério de Jesus que entra em conflito com os judeus e o tempo da comunidade Joanina quando seus membros são expulsos da sinagoga¹⁰. O Evangelista não diferencia esses dois momentos históricos.

⁸ BROWN Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulus, 5 ed. 2006, p. 44.

⁹ KONINGS Johan, *Evangelho segundo João, amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. 2.000. p. 227.

¹⁰ O uso do termo “os judeus” em nossa dissertação é empregado no mesmo sentido que é usado no Evangelho de João, ou seja, indica um grupo específico que se opõe a Jesus e aos seus seguidores, geralmente líderes ou autoridade judaicas, tanto do tempo de Jesus quanto do tempo da comunidade Joanina. Esse termo, portanto, não indica os judeus em geral.

A comunidade Joanina tinha o objetivo de viver com fidelidade o Evangelho de Jesus, bem como todos os seus ensinamentos. No entanto, devido à sua composição heterogênea formada pelos discípulos de João Batista, samaritanos, gentios e judeus heterodoxos, formou-se uma concepção diferente de messias, certamente não a mesma concepção do messias davídico. Isto levou a comunidade Joanina a uma compreensão mais completa de Cristo, aquilo que hoje chamamos de “alta cristologia”, que porém provocou a hostilidade dos chefes da sinagoga. Por consequência, esse grupo foi ficando sempre mais isolado.

Com o passar do tempo, a própria comunidade Joanina dividiu-se; enquanto alguns mantiveram-se firmes na comunidade, outros separaram-se dela assumindo uma interpretação helenista e gnóstica do Evangelho. “Os separatistas, não mais em comunhão com a ala mais conservadora da comunidade Joanina, provavelmente tenderam mais rapidamente no século segundo para o docetismo, o gnosticismo, o cerintianismo e o montanismo.”¹¹ Esse é o período posterior ao Evangelho, por volta do ano 100 d.C., segundo o autor citado, na quarta fase de vida da comunidade Joanina. A dificuldade residia na cristologia pois os dissidentes, preocupados em mostrar a Divindade de Jesus, acabaram por transcurar a sua humanidade. Faziam uma leitura demasiada espiritualista do Evangelho. Antes, na fase inicial da comunidade Joanina este problema não existia, pois o Jesus histórico estava aí, visível, e a questão era exatamente pôr em evidência a sua Divindade. Dessa forma, a comunidade construiu uma imagem espiritualista de Jesus; na fase inicial, a humanidade de Jesus era óbvia, todos aceitavam. Era preciso provar a sua divindade. Por isso o evangelho acentua a divindade de Jesus. Na quarta fase da comunidade, quando ocorre o problema com os dissidentes, era preciso recuperar a humanidade de Jesus. Há, no entanto, um anacronismo.¹² Encontramos aqui as raízes de tendência espiritualista do Quarto Evangelho, que, quando não bem compreendidas, terminam por acentuar uma feição de Jesus demasiado espiritual, e que, por consequência, não se interessaria pelas questões terrenas. Nesse caso, segundo a leitura dos dissidentes, o Evangelho de João não teria uma aderência histórica; na verdade, não é assim.

O Evangelho interpretado pelos dissidentes, nos primeiros séculos da era cristã, tornou-se fonte de heresias que se multiplicaram, não certamente porque pessoas mal intencionadas buscavam isto. Somente no quinto século em 431 com o Concílio de Calcedônia, é que se chegou a uma definição mais completa e mais madura das Verdades

¹¹ BROWN Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulus, 5 ed. 2006. p. 22.

¹² Falamos em anacronismo porque o redator final do nosso Evangelho, por volta do ano 90 projeta os fatos para a realidade do tempo de Jesus, por volta dos anos 30.

crists, sem diminuir ou reduzir aquilo que as Escrituras, e principalmente o Novo Testamento dizem sobre Jesus de Nazaré.

Houve, então, uma evolução da comunidade Joanina; a comunidade Joanina primitiva, composta por judeus, na sua primeira fase vivia uma cristologia baixa, aplicando a Jesus títulos como Servo, Messias e Profeta, com raízes no Antigo Testamento. Em um segundo momento, a comunidade vivenciava, ou professava uma Cristologia mais alta. A este ponto a comunidade Joanina já estava em aberto conflito com os Judeus, que em alguns momentos são símbolos do “mundo”. O conflito gira em torno, tanto da cristologia, quanto porque está estabelecida uma ordem social e religiosa extremamente injusta criada e apoiada pelas autoridades judaicas. A oposição a esta ordem desencadeia o conflito.

Estamos na época da comunidade Joanina quando os cristãos sofriam a expulsão da sinagoga. Essa exclusão tinha conseqüências graves, semelhantes à excomunhão na cristandade medieval. Pertencer a um grupo era questão de sobrevivência para as pessoas. “O excluído tornava-se um sem pátria, uma pessoa sem referência social, sem proteção e sem lastro econômico. Para os pobres, a excomunhão significava a mendicância; para os ricos, a perda do prestígio e de suas relações sociais.”¹³ Portanto, a expulsão da sinagoga, derivada da interpretação cristológica, não era apenas uma questão religiosa, mas social, pois o excluído não tinha mais referências, não encontrava apoio, ficava à margem da sociedade.

Aos excluídos, Jesus acolhe; exemplo dessa atitude está em relação ao cego de nascença: “Jesus ouviu dizer que o tinham expulsado. Encontrando-o, disse-lhe: ‘Crês no Filho do Homem?’ Respondeu-lhe: ‘Quem é senhor para que eu creia nele?’ Jesus lhe disse: ‘Tu o estás vendo, é quem fala contigo.’ E prostrou-se diante dele” (*Jo* 9,35-39). Sendo verdade que os membros da comunidade Joanina eram expulsos da sinagoga pela sua interpretação cristológica, não é menos verdade, pelo mesmo motivo, que essa comunidade, fiel a Jesus, também acolhia os excluídos e marginalizados.

Portanto, a opção por Jesus levou os cristãos à situação de conflito com os judeus e a consequente marginalização que os conduziu à morte ou à expulsão da sinagoga. Esta última tinha reflexos diretos na vida social da pessoa, que era afastada da convivência de seu grupo. “O expulso era considerado um renegado. Não era só uma medida religiosa, mas também uma condenação social. Era proibido todo relacionamento pessoal e social com os renegados. Seus filhos não podiam receber educação nem aprender um ofício. Era proibido vender aos

¹³ KONINGS Johan. op cit p. 42.

renegados ou comprar deles.”¹⁴ Para muitos pobres excluídos da sinagoga o caminho da mendicância era a única alternativa.

Essa comunidade de pessoas empobrecidas e marginalizadas torna-se um espaço de acolhida fraterna. Essa é a comunidade do discípulo amado, isto é, a comunidade idealizada.

1.2 – AS DUA CRISTOLOGIAS DA COMUNIDADE JOANINA

A cristologia, ou seja, o modo como Cristo foi compreendido em seu tempo e no tempo posterior, tornou-se ponto central das lutas e discórdias entre a comunidade Joanina, os judeus e os outros cristãos. Convencionou-se chamar as duas cristologias de baixa e alta cristologia. O Quarto Evangelho foi escrito para fortalecer a fé dos cristãos Joaninos em Jesus Cristo e na sua pré-existência e divindade; “Estes, porém, foram escritos para credes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (*Jo* 20,31).

A Cristologia conhecida como “baixa Cristologia” é aquela defendida pelo grupo dos judeus que não toleravam a pretensão dos Cristãos de colocar Jesus no mesmo nível de Deus. Este grupo de Judeus atribuía a Jesus títulos aceitáveis, no seu entender, como Servo e profeta; aliás, até hoje assim Jesus é compreendido pelos Judeus. Em *Jo* 1,35-51 podemos identificar as origens da comunidade Joanina onde um grupo de judeus, seguidores de João Batista, começaram a seguir Jesus mas com uma compreensão de Jesus de Nazaré que ainda não era completa, mas que evoluirá. Para os judeus, era diabólico o fato de o próprio Jesus fazer-se igual ao Altíssimo: “Então os Judeus, com mais empenho, procuravam matá-lo, pois, além de violar o sábado, ele dizia ser Deus seu próprio pai, fazendo-se assim igual a Deus” (*Jo* 5,18). Os judeus entendiam que os cristãos Joaninos estavam proclamando Jesus um segundo Deus e isto feria profundamente o mandamento da unicidade de Deus (*Dt* 6,4), algo absolutamente inaceitável. Nesse sentido, entende-se por que as autoridades judaicas expulsavam essas pessoas da sinagoga.

¹⁴ RICHARD, Pablo. Chaves para uma re-leitura histórica e libertadora. (Quarto Evangelho e Cartas). *RIBLA*, Petrópolis; São Leopoldo, n. 17.1994/1, p. 15.

Em alguns textos do Quarto Evangelho, como nas bodas de Caná (*Jo* 2,1-11), o leitor é desafiado a perceber a glória de Deus manifestando-se nos sinais realizados em Jesus de Nazaré. O Evangelista mostra que através dos sinais Jesus revela a sua identidade de Filho de Deus.

Para alguns autores, a Cristologia dita “do alto”, nasceu da compreensão do grupo de judeus contrários ao Templo e de samaritanos convertidos ao Cristianismo, que foi um catalisador para uma cristologia mais elevada; “o termo “catalisador” foi escolhido de propósito porque João (4,4-42) revela entre os samaritanos uma cristologia diferente da cristologia articulada pelos primeiros seguidores de Jesus em 1,35-51.”¹⁵ Este grupo teria trazido consigo novas formas de interpretar Jesus. Em *Jo* 4,25 a samaritana diz: “Sei que o Messias (que se chama Cristo) está por vir. Quando Ele vier, nos anunciará tudo”. Parece quase impossível que os samaritanos pudessem acreditar em um Messias de descendência davídica, vindo de Jerusalém. Os samaritanos ainda acreditavam que Moisés que viu Deus foi quem veio para mostrar quem era Deus, mas na verdade foi Jesus quem veio de Deus revelando e mostrando de fato a sua face (*Jo* 1,17-18). Ele mesmo dirá em seguida “quem me viu, viu o Pai” (*Jo* 14,9). Assim, a cristologia Joanina é, na realidade, a mais elevada do Novo Testamento, é a Cristologia da preexistência pregada já no início do Evangelho de João: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (*Jo* 1,1).

No entanto, essa alta cristologia nunca deixou de ser encarnada ou distante da história, pois no mesmo texto lemos: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (*Jo* 1,14). É o próprio Deus que se encarnou na história humana. O Evangelista afirma a sua alta cristologia mostrando que Jesus veio do alto, de junto de Deus: “Não que alguém tenha visto o Pai; só aquele que veio de junto de Deus viu o Pai” (*Jo* 6,46).

O amor concreto de Deus manifestado nas ações concretas de Jesus se dá neste mundo. Os cristãos seguidores de Jesus, a seu exemplo, buscam transformar a realidade histórica.

Os cristãos da comunidade Joanina defendiam uma “alta cristologia”: “Eu e o Pai somos um” (*Jo* 10,30), “Quem me viu, viu o Pai” (*Jo* 14,9). Mas, esse é um Deus encarnado na história pois “o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (*Jo* 1,14). No seu Evangelho João nos mostra que em Jesus de Nazaré está o agir de Deus, pois Ele é o Filho de Deus. O agir de Deus em Jesus de Nazaré se manifesta concretamente em favor dos famintos, por exemplo,

¹⁵ BROWN, R. E. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulus. 5. ed. 2006, p. 45.

com a multiplicação dos pães em João 6 ou com a ressurreição material ou corporal de Lázaro. O agir de Deus acontece no concreto da história de seu povo em particular dos pobres e marginalizados. O agir solidário de Deus em favor dos mais fracos é continuado no agir da comunidade Joanina e entre seus discípulos.

No Quarto Evangelho Jesus é o Filho de Deus, é Deus mesmo. Assim, seu reino “não é deste mundo” (*Jo* 18,36) e seus seguidores “não são deste mundo” (*Jo* 17,16). No contexto de teologia da libertação na América Latina, o nosso Evangelho acaba não sendo bem visto pois valoriza-se mais o Jesus histórico, o qual é paradigma da ação libertadora da Igreja, principalmente após o Concílio Vaticano II. Na realidade não é assim, pois, se em muitos momentos o “mundo” é visto em sentido negativo, no mesmo Evangelho vamos encontrar que “Deus não enviou seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele” (*Jo* 3,17).

Vemos assim que a alta cristologia não se afasta da aderência histórica e da preocupação de Jesus para com os pobres e marginalizados. Ela é encarnada nesse mundo onde se encontra a salvação.

1.3 - O DISCÍPULO AMADO

Na comunidade Joanina o Discípulo Amado, embora sendo um personagem misterioso, tem uma função importante, pois é figura para todo discípulo de Jesus Cristo imitar. O Discípulo Amado, mesmo que tenha sido uma figura histórica no tempo de Jesus, foi idealizado pela comunidade e por isso nele podemos retratar a vida da comunidade Joanina no fim do primeiro século, quando da redação final do Evangelho. Comunidade Joanina com seus problemas atuais e conflitos também atuais e reais. Nesta comunidade havia uma concepção particular de escatologia onde as coisas últimas são antecipadas e trazidas para dentro da história; “quem escuta a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não vem a juízo, mas passou da morte à vida” (*Jo* 5,24). Esta compreensão da escatologia deriva da cristologia onde Jesus aparece sempre ligado a Deus Pai, ou dando lugar a Ele. Há uma relação íntima com Deus Pai, por isso este é o Evangelho da filiação divina.

Mais que pregar o Reino, Jesus prega a si mesmo; “os homens não são chamados à conversão, mas simplesmente a crer em Jesus. O Reino é substituído pela vida eterna e esta consiste em crer em Jesus.”¹⁶ A comunidade Joanina, na qual o Discípulo Amado é figura de todo discípulo, acredita que o juízo de Deus já se realizou em Jesus de Nazaré e que, portanto, o Reino já chegou. A salvação consiste em crer em Jesus; “quem nele crê não é julgado, quem não crê, já está julgado, porque não acreditou no nome do filho único de Deus” (*Jo* 3,18). O Reino torna-se uma realidade histórica porque já está realizado em Jesus de Nazaré.

No final do I século, a comunidade busca uma explicação, pois percebe que a escatologia e a promessa do Reino não se haviam realizado. A libertação esperada não chegara, a fome, as doenças continuavam. Por isso a comunidade Joanina mostrou que a escatologia, de fato, já se realizara no Jesus terreno. Ao idealizar o Discípulo Amado, a comunidade Joanina se propõe viver o seguimento de Jesus onde o pobre e o marginalizado são prediletos.

Embora a narrativa evangélica, como de resto todos os Evangelhos, se reviste de interesse teológico, ela nos remete ao Jesus histórico. O Quarto Evangelho é obra de uma comunidade que retrata a sua história. Se podemos afirmar que a autoria do Quarto Evangelho é do Discípulo Amado, também podemos afirmar que o nosso Evangelho é obra coletiva de toda a comunidade Joanina. Brown cita D. Moody Smith que diz: “Se a comunidade Joanina que produziu o Evangelho se viu a si mesma em continuidade tradicional com Jesus, podemos perceber no “nós” do prólogo não só do Evangelho como também da Epístola, não a testemunha ocular apostólica em si, mas uma comunidade que, apesar disso, entendeu que era herdeira de uma tradição baseada em alguma testemunha histórica de Jesus.”¹⁷

O nome do Discípulo Amado permanece escondido porque sua identidade está em ser discípulo. O discípulo possui uma estreita relação com o Mestre. Sua característica é muito mais que ser apóstolo. Aparece inclusive uma certa concorrência entre a comunidade Joanina e a comunidade da grande Igreja, ou Igreja dos Apóstolos. Alguns textos apontam para esta realidade. Na cena do lava-pés (*Jo* 13,1-20), a ação de Jesus é rejeitada por Pedro. Jesus que é Mestre age como servo, para que todos sejam como Ele, mas não é compreendido. Pedro, primeiramente não quer que Jesus lhe lave os pés e depois não entende o significado, não entendendo que Jesus quer uma comunidade onde todos sejam iguais. Este é o modelo de

¹⁶ MINCATO, Ramiro. Escatologia no Quarto Evangelho. O Reino já chegou. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 93, 2007/1, p. 52.

¹⁷ SMITH, Moody, apud. BROWN, op. cit. p. 33.

comunidade do Discípulo Amado. Em *Jo* 13,23-26, quem está perto de Jesus é o Discípulo Amado. Enquanto isso, Pedro está longe e se comunica através do outro discípulo. Significa que a Igreja do Discípulo Amado acredita estar mais perto de Jesus e isto pressupõe um conflito entre os dois tipos de Igreja. E ainda em *Jo* 20,1-10, depois da ressurreição percebemos mais um contraste entre o discípulo amado e Pedro. Os dois correm depressa até o sepulcro e o relato diz que Pedro chegou primeiro, entrou e apenas viu, enquanto o Discípulo Amado entrou, viu e creu. O contraste apresentado no Evangelho entre o Discípulo Amado e Pedro, chefe dos apóstolos, pode levar a crer que o Discípulo Amado se quer era um dos doze; “A evidência externa (final do século segundo), que identifica o Discípulo Amado a João, é um passo posterior numa direção, já visível no Novo Testamento, isto é, numa tendência de simplificar as origens cristãs, pela redução a doze apóstolos.”¹⁸

Esses conflitos entre Pedro e o Discípulo Amado mostram que o Evangelho de João reproduz o contexto histórico da comunidade Joanina no final do século primeiro. Essa comunidade se vê agora em conflito com outras comunidades apostólicas e isso prova a aderência histórica do Evangelho no tempo da comunidade Joanina. A comunidade Joanina entende-se mais fiel a Jesus na medida em que se retrata no Discípulo Amado. Essa fidelidade se traduz também em termos de atenção aos pobres e marginalizados.

Sabemos que no fim a comunidade Joanina foi englobada pelas igrejas apostólicas que assumiram a alta cristologia. Os conflitos entre as igrejas se davam porque, no entender do Discípulo Amado, este é agora o modo verdadeiro de ser fiel ao seu fundador, pois como vimos acima, nessa comunidade seus membros são iguais e estão a serviço (*Jo* 13,1-20), seus membros estão próximos de Jesus (*Jo* 13,23-26) e são detentores de uma fé mais madura (*Jo* 20,1-10).

Portanto, o modelo de Igreja fundada sobre o Discípulo Amado segundo esta tradição é a que está mais próxima de seu fundador Jesus Cristo, pois vive o Evangelho concretamente no serviço aos irmãos. Lavando os pés dos Apóstolos o próprio Jesus se fez servo e se colocou a serviço da comunidade, mostrando que todos assim devem fazer; “Se, portanto, eu, o Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros” (*Jo* 13,14).

Propomo-nos a partir de agora, buscar descobrir, no tempo da comunidade Joanina, como ela viveu a fidelidade a Jesus em relação aos pobres, marginalizados, doentes,

¹⁸ BROWN, op. cit. p. 35.

pecadores e mulheres. Quais eram os grupos sociais e religiosos que faziam parte dela? O Quarto Evangelho é encarnado na história da comunidade do final do primeiro século. O Jesus Joanino em toda a sua vida teve sempre um olhar atento e misericordioso para com todos, mas particularmente para com os excluídos e marginalizados.

1.4 – OS SINAIS, JESUS E OS POBRES

É notável que o Quarto Evangelho pouco destaca de forma específica a questão dos pobres. Em todo o Evangelho de João, encontramos somente quatro vezes a palavra “pobres”. Muitos são os personagens ou fatos destacados que não têm a ver com pobres: Nicodemos, funcionário real, José de Arimatéia, Maria de Mágdala. Ou fatos como as bodas de Caná, a família de Lázaro que oferece um banquete. “Talvez o Evangelho de João reflita, até certo ponto, a sociedade urbana helenista, com sua estrutura clientelista, na qual cabia aos cidadãos influentes o cuidado dos pobres a eles ligados.”¹⁹ No entanto, o mesmo Evangelho apresenta o cuidado para com os pobres como algo natural tanto nas atitudes de Jesus quanto nas atitudes dos discípulos, onde a prática de dar esmolas parece ser comum (*Jo* 12,5-6; 13,29). Se não vemos no Evangelho de João ensinamentos específicos de Jesus em relação aos pobres, vemos que o acento está na prática do amor fraterno que inclui ao natural o cuidado para com os pobres; “dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros” (*Jo* 13,34). O amor para com os pobres manifesta-se ainda no serviço mútuo onde Jesus é exemplo: “Se portanto, eu, o Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros” (*Jo* 13,14).

Encontramos, no Quarto Evangelho, algumas passagens que mostram que diante dos que sofrem e em particular diante dos que são pobres, sofredores e excluídos, Jesus tem compaixão e age para atender às suas necessidades e restabelecer a sua dignidade. Verificamos em *Jo* 4,1-42 a grande acolhida e valorização de Jesus para com a samaritana, marginalizada por ser mulher e por ser samaritana. Em *Jo* 6,1-15 Jesus mostra sensibilidade e compaixão para com a multidão faminta e por iniciativa própria sacia a fome de todos. Ao curar o cego de nascença (*Jo* 9,1-41), Jesus devolve ao cego a alegria de viver e, ao mesmo

¹⁹ KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João. Amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2000, p. 41.

tempo, revela-se como luz do mundo. Ao perdoar a mulher adúltera (*Jo* 8,1-11), Jesus lhe restabelece a dignidade.

Esse olhar atento de Jesus para com os pobres e marginalizados no Evangelho de João, revela seja a sua atitude concreta e histórica em favor destes seja a atitude da comunidade Joanina em relação aos pobres. O evangelista, ao evidenciar os gestos de Jesus está também mostrando que nesta comunidade do final do primeiro século havia um seguimento fiel a Ele, que se concretiza no amor para com os pobres, onde se buscava garantir a proteção e o cuidado para com eles. Ao seguir o exemplo de Jesus no tratamento para com os pobres e excluídos, a comunidade Joanina evidencia que o Evangelho está bem encarnado na história.

Os milagres de Jesus não são apenas milagres, mas são sinais de que o Reino de Deus está presente. Esta é a pedagogia usada por Jesus: as pessoas O procuram por uma necessidade material, Ele atende a esta necessidade, mas as conduz a um plano superior. Ou seja, não basta o pão material, mas Ele mesmo vai revelar-se como o pão que dura por toda a eternidade. Basta ver nesse sentido a passagem da multiplicação dos pães apresentada no capítulo 6 de João: Jesus faz a multiplicação dos pães realizando assim um sinal. As pessoas querem fazê-lo Rei, mas Ele se retira porque sabe que não estão compreendendo a sua missão que é servir. Está em Jogo a concepção de messias; Jesus é o messias servo sofredor, frustrando assim a expectativa daqueles que esperavam um rei potente. É significativo também que mais adiante, no mesmo capítulo, Jesus dirá: “Não trabalhem pelo alimento que se estraga; trabalhem pelo alimento que dura para a vida eterna. É este alimento que o Filho do homem dará a vocês...” (*Jo* 6,27). E, por fim, Jesus vai se declarar como o “Pão da vida” (*Jo* 6,35). O contexto da multiplicação dos pães é de extrema carência. Mas o destaque desta passagem, como de resto todo o Evangelho de João, é o cristocentrismo. Jesus é o centro da multiplicação dos pães, por isso a necessidade da multidão sequer é mencionada. Ele age sozinho e distribui o pão sem a intervenção dos discípulos. Jesus é o centro absoluto de toda a cena. Ele é Deus, conhece e sabe de todas as necessidades de seu povo.

É Ele quem se preocupa com a fome da multidão. Embora a multiplicação dos pães tenha um sentido simbólico, antes de tudo tem a situação real de fome da multidão. O pão é sim símbolo da Eucaristia, mas é antes símbolo do alimento que sacia a fome; no pão o homem encontra a sua subsistência material. Jesus veio para que todos tenham vida em abundância (*Jo* 10,10) e a abundância da multiplicação dos pães se torna sinal desta vida em abundância. É o Reino de Deus que está se realizando.

Sendo assim, podemos afirmar que, de fato, Jesus se preocupa com a pobreza real e material das pessoas, mas não para aí, conduz as pessoas a um plano espiritual. Ensina também desse modo que deseja salvar o pobre, o excluído no seu todo, não apenas dando de comer, mas principalmente restabelecendo a sua dignidade de filhos de Deus, e os conduzindo à salvação.

No contexto da Galileia, onde havia opressão seja por parte do templo, seja por parte do Império Romano, todos os gestos e atitudes de Jesus se tornam prática libertadora para o seu povo; “Os sinais (*sêmeion* – em João) eram atos de libertação das diversas formas de seqüelas da exclusão do povo – doença, desinformação, desestímulo, humilhação, e a submissão à forte ideologia religiosa do judaísmo. A exclusão gera a morte. A libertação é para a restauração da vida.”²⁰ As ações de Jesus sempre trouxeram novas esperanças e vida nova para os excluídos e marginalizados.

A comunidade Joanina, no final do primeiro século, quer viver a fidelidade a Jesus também no amor fraterno, manifestado no serviço aos pobres, seguindo os ensinamentos de Jesus Cristo.

Concluindo este primeiro capítulo, percebemos que a comunidade Joanina viveu a fidelidade a Jesus em relação aos pobres e marginalizados de seu tempo, pois seguiu o seu exemplo no tratamento para com eles. O nosso Evangelho retrata a vida da comunidade Joanina do final do primeiro século entretecida com a época histórica de Jesus. Isso significa que o Quarto Evangelho está bem encarnado na história. Até mesmo os conflitos entre a comunidade Joanina, representada pelo Discípulo Amado, e as igrejas apostólicas, representada por Pedro, são prova da aderência histórica do nosso Evangelho.

A comunidade Joanina entrou em conflito com os judeus, levando seus membros à situação de exclusão. Exclusão esta, que o mesmo Jesus já tinha sentido em seu tempo. Jesus fôra excluído por revelar sua identidade de Filho de Deus; os membros da comunidade Joanina foram excluídos pela sinagoga por terem tido esta compreensão de Jesus, ou seja, pela sua alta cristologia.

Nesta comunidade, destaque especial é dado ao Discípulo Amado, que é idealizado e apresentado como protótipo para todo discípulo de Jesus. A comunidade Joanina entende-se como a mais fiel a Jesus, por isso, o discípulo amado é figura ideal da comunidade.

²⁰ OLIVA, José Raimundo. Do Cristo a Jesus de Nazaré. Batismo e cidadania. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, n. 79, 2003, p. 98.

No Quarto Evangelho, os marginalizados recebem de Jesus uma atenção especial. Jesus revela a sua identidade de Filho de Deus que veio para trazer a salvação, mas não acha inútil atender as necessidades primárias das pessoas, como dar o pão a quem tem fome. É esse o exemplo que a comunidade Joanina deve imitar no final do primeiro século.

2 – ALGUMAS CATEGORIAS DE MARGINALIZADOS NO QUARTO EVANGELHO

2.1 – OS FAMINTOS DE PÃO MATERIAL

Alguns textos do Quarto Evangelho, embora não sejam muitos, mostram que a preocupação de Jesus com os necessitados, com os pobres, era presente.

Três perícopes no Evangelho de São João tratam especialmente do tema do pobre, do marginalizado; são eles: *Jo* 12,1-8; *Jo* 13,21-30 e *Jo* 6,1-15.

A perícopa (*Jo* 12,1-8), conhecida como unção de Betânia, revela a crítica feita a Maria que unge os pés de Jesus com perfume caro e enxuga com seus cabelos. A crítica dos opositores de Jesus, representados na pessoa de Judas, se dá porque Maria teria desperdiçado dinheiro que poderia ter sido usado em benefício dos pobres: “Por que não se vendeu esse perfume por trezentos denários para dá-los aos pobres?” (*Jo* 12,5).

Uma leitura superficial deste texto, poderia levar o leitor a pensar que a preocupação de Jesus não era grande em relação aos pobres, mas na verdade não era isto. Pareceria que Jesus quer que lhe prestem um serviço requintado em detrimento da solicitude para com os pobres. “Os que preferem enfeitar os altares, em vez de prover à mesa dos pobres, encontram neste versículo aparente justificação. E os que se empenham pela mesa dos pobres, evitam citá-lo.”²¹

A resposta de Jesus à acusação de Judas: “Pois sempre tereis pobres convosco; mas a mim nem sempre me tereis” (*Jo* 12,8), tem duplo sentido: por um lado elogia o gesto de Maria porque reconhece ser o embalsamento antecipado, gesto muito importante para os

²¹ KONINGS Johan. Jesus ou os pobres? Análise redacional e hermenêutica de *Jo* 12,1-8. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 25, 1993. p. 149.

judeus. Por outro lado, Jesus remete os seus objetores ao dever cotidiano do cuidado para com os pobres²². O texto paralelo no Evangelho de Marcos também é claro no sentido da importância com relação à solicitude para com os pobres: “Na verdade, sempre tereis os pobres convosco e, quando quiserdes podeis lhes fazer o bem, mas a mim nem sempre tereis” (*Mc 14,7*).

A redação de Marcos evoca *Dt 15,4-11*, que trata da solicitude para com os pobres. Deus quer dar aos Israelitas uma terra onde não haja famintos e, portanto, os que têm devem dar aos que nada têm. Deve-se então trabalhar para que não haja pobres e isto é um ideal a ser buscado, pois “nunca deixará de haver pobres na terra; é por isso que eu te ordeno: abre a mão em favor do teu irmão, do teu humilde e do teu pobre em tua terra” (*Dt 15,11*). Este é o projeto de Deus desde o início; uma sociedade justa onde o poder e a riqueza são repartidos entre todos para que assim não haja opressores e oprimidos, mas sim vida e dignidade para todos. Enquanto houver pobres a sociedade toda é responsável por eles, pois são frutos de uma sociedade injusta e conseqüentemente pecaminosa. O texto mostra que é responsabilidade de todos o cuidado permanente para com os pobres.

A perícopé de João 12,1-8, de forma alguma coloca em oposição a boa obra que Maria faz a Jesus e a solicitude para com os pobres. João não diminui a importância da assistência aos pobres. Este dever “Não é suprimido, mas confirmado. Porém é um dever de todas as horas, enquanto a boa obra da sepultura de Jesus só cabe na sua “hora”, que está chegando (cf. 12,23)”²³.

A tendência teológica não só da perícopé, mas de todo o Quarto Evangelho é o Cristocentrismo, ou seja, através das narrativas o Evangelista quer revelar a identidade e a missão de Jesus. Para demonstrar isto, mencionamos três passagens do Quarto Evangelho: na cura do cego, em *Jo 9,5*, o sinal de Jesus revela que Ele mesmo é a luz do mundo; nas bodas de Caná, onde Jesus transforma água em vinho, o acento está Nele, o verdadeiro noivo da festa que está manifestando a sua Glória (*Jo 2,11*); ao ressuscitar Lázaro, revela que Ele é a Ressurreição e a Vida (*Jo 11,25*). Embora seja Judas que vai entregar Jesus, percebemos que o senhorio e o protagonismo de Jesus são evidentes, pois é Jesus que manda Judas executar logo o que pretende fazer. Também na entrega de sua vida Ele é soberano.

²² Como vimos anteriormente, no capítulo “a comunidade Joanina e o conflito com o mundo e com os judeus”, é constante e sempre maior a oposição que Jesus encontra no dia-a-dia no exercício de sua missão. Entre os seus objetores destacamos os “Judeus”, que em João, têm o significado de “autoridades judaicas” na maioria das vezes.

²³ KONINGS Johan. Jesus e os pobres? Análise redacional e hermenêutica de Jo 12,1-8. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte n. 25, 1993, p. 159.

O Evangelho quer acentuar a unicidade do momento histórico de Jesus: “não sempre”, enquanto os pobres “sempre”. Por isso, dissemos que uma leitura superficial desta perícópe poderia ser interpretada como falta de cuidado ou interesse de Jesus para com os pobres, mas de fato não é assim; Jesus ensina que a atenção e o cuidado para com os pobres devem ser constantes.

A perícópe de *Jo* 13,21-30 está inserida no contexto do lava-pés e da traição de Judas: “Como era Judas quem guardava a bolsa comum, alguns pensavam que Jesus lhe dissera: ‘Compra o necessário para a festa’, ou que desse algo aos pobres” (*Jo* 13,29). O Evangelista trata da questão dos pobres como algo normal, corriqueiro e natural na vida de Jesus e dos seus discípulos. Embora Judas não quisesse agir movido pelo desejo de dar esmolas ou ajudar os pobres, mas sim pela cobiça e pelo desejo de roubar: “Ele disse isto, não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, tendo a bolsa comum, roubava o que aí era colocado” (*Jo* 12,6).

Ainda que o tema central da perícópe pareça não ser o pobre, é significativo que mesmo nesta hora, assim difícil e decisiva na vida de Jesus, quando Ele está entregando a sua vida para a salvação de todos, apareça o tema do pobre. Os próprios discípulos acreditavam que Jesus estivesse mandando Judas comprar algo para dar aos pobres. Eles estavam catequizados para ter uma atenção especial à categoria dos excluídos, ainda que não compreendessem tudo; “Mas os discípulos entendem que Jesus fala em comprar comida ou dar algo aos pobres, pois Judas tomava conta da caixa”²⁴. Portanto, este era um assunto familiar a todos.

O tema da fome de pão material é apresentado na perícópe de João 6,1-15, onde Jesus multiplica os pães e sacia a fome do povo. A preocupação de Jesus com os famintos se faz sentir na pergunta que dirige aos discípulos: “Onde compraremos pão para alimentá-los?” (*Jo* 6,5). Jesus se preocupa com as pessoas e especificamente com a fome da multidão. De acordo com o Quarto Evangelista, Jesus passa o olhar sobre a multidão sem surpresa alguma, mas conhece este povo e sabe da sua necessidade. Em *Mc* 6,32-34, Jesus também sente compaixão do povo, mas ao contrário do Quarto Evangelista, Jesus é pego de surpresa pela multidão que não permite que Ele fique sozinho com os seus discípulos. A generosidade de Deus se dá na abundância do pão distribuído a todos. O evangelista chama atenção para o simbolismo do gesto que Jesus está realizando e lembra a proximidade da festa da Páscoa, comemoração do Êxodo de Israel que saiu do Egito onde Deus alimentou este seu povo com o Maná do deserto.

²⁴ KONINGS, op. cit. p. 301.

Deus, em seu amor providente, saciou a fome de seu povo através das súplicas de seu representante máximo, Moisés. “Aliás, Jesus não vai a Jerusalém para a festa. Talvez João queira apresentar uma “alternativa cristã” para comemorar as tradições da Páscoa e do Êxodo. Talvez possamos ver aqui o esquema teológico de João que consiste em substituir as instituições judaicas por Jesus.”²⁵ De fato, o Evangelista lembra que estava perto a festa da Páscoa dos judeus (*Jo* 6,4). Ao contrário do Êxodo, quando tiveram que comer às pressas os pães ázimos para fugir, aqui puderam se alimentar com tranqüilidade, sentados. Nesta alternativa à festa da Páscoa há abundância de pão, prova disso é que sobraram doze cestos cheios, o que é um típico traço escatológico, como também a abundância do vinho em Caná (*Jo* 2,1-12).

A abundância do pão material é sinal de que o Reino de Deus está presente no meio do povo. Mas este povo ainda não entende o sentido mais profundo dos sinais realizados por Jesus. Entendem em parte, pois “Vendo o sinal que ele fizera, aqueles homens exclamavam: ‘Este é, verdadeiramente, o profeta que deve vir ao mundo!’” (*Jo* 6,14). Reconhecem Nele uma figura especial, mas tiram disso conseqüências equivocadas e querem fazê-lo Rei. Neste episódio, portanto, as pessoas revelam que a expectativa messiânica não era a mesma que Jesus pensava e desejava. Inclusive entre o próprio grupo dos doze apóstolos esta compreensão não era correta. Jesus objetiva a salvação de todos, mas esta não é abstrata, pois passa pela satisfação das necessidades básicas do ser humano.

Ainda que Jesus seja o protagonista que multiplica o pão, Ele quer contar com a participação das pessoas para partilhar aquilo que possuem; o texto lembra que aí havia um rapaz que tinha cinco pães e dois peixes e que certamente ele colocou à disposição de todos. No Brasil e na América Latina, o problema da fome não está na falta de alimentos, mas sim no egoísmo e na incapacidade de partilhar.

Neste texto Jesus age em primeira pessoa para saciar a fome do povo. De fato o Evangelho diz que foi Ele mesmo que distribuiu o pão a todos para que fossem saciados. Podemos dizer que Jesus atuou para a solução de um problema específico: diante da multidão pobre e faminta, Ele multiplica os pães e sacia a sua fome. Este é o objetivo primeiro do seu gesto concreto. O gesto que Jesus realizou foi um “sinal” de que o Reino já estava no meio deles; e diante deste sinal os discípulos foram convidados a optar por Jesus e pelo seu Reino. Na prática, enquanto Jesus atendia as necessidades de seu povo, estava mostrando que o seu Reino estava presente no meio deles.

²⁵ KONINGS, op. cit. p. 169.

É ponto fundamental da fé cristã a convicção de que o senhorio da história pertence a Deus. Por isso quem nele confiar será objeto de sua justiça. Deus é justo, o homem é que se torna injusto. Sobrino fala no “triunfo de Deus sobre a injustiça”²⁶. O problema não mais se põe sobre a fidelidade de Deus ou não, mas sim sobre o problema da injustiça na história. “Eis aí o escândalo teológico fundamental: O poder da injustiça parece maior que o poder de Javé.”²⁷ Aparentemente parece escandaloso o fato de que um Deus justo permita a existência de vítimas da história. No entanto, temos a convicção existente na Bíblia que Deus fará justiça. E aí está a consolação do pobre, mas nem por isso deverá deixar de lutar pelos seus direitos básicos que são inerentes à sua dignidade. Cabe a todos, e em especial aos pobres, às vítimas, manter acesa a esperança de que Deus fará justiça. Deus continua se utilizando dos braços das pessoas para fazer chegar o alimento à mesa dos pobres, mas de alguma forma isto não está acontecendo em modo satisfatório e muitos continuam na miséria. Jesus, ao enfrentar os opressores do seu tempo, lutou para que as injustiças fossem superadas e os pobres tivessem seus direitos básicos garantidos, a começar pelo direito ao alimento.

Deus conhece o seu povo e a sua miséria e vem ao seu encontro. Deus cuida de cada um de nós. Esta preocupação de Deus que vem ao encontro do fraco, do oprimido, do miserável podia ser visto no Êxodo. “Iahweh disse: Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores, pois eu conheço as suas angústias” (*Ex 3,7*). A iniciativa é de Deus que sabe a situação na qual se encontra o seu povo. Este é o mesmo Deus que prometeu ao povo de Israel a sua libertação da escravidão do Egito dando a estes a terra prometida onde “corre leite e mel” (*Ex 3,8*). Deus promete a abundância dos bens terrenos, os quais são necessários para uma vida digna. Embora muitas vezes o povo de Israel tenha sido infiel a Javé, constatamos que Deus sempre se manteve fiel à sua promessa e, muitas vezes, entre outras coisas, alimentou este povo com o Maná do deserto.

Jesus realiza o milagre da multiplicação dos pães com poder próprio, mas mostra que está em perfeita sintonia com Deus Pai, tanto que antes de realizar o milagre agradece ao Pai: “Tomou, então, Jesus os pães e, depois de dar graças, distribuiu-os aos presentes, assim como os peixinhos, tanto quanto queriam” (*Jo 6,11*).

O milagre da multiplicação dos pães mostra então que Deus se preocupa com as necessidades de seus filhos; necessidades reais, materiais, primárias. Jesus, ao ver a multidão

²⁶ SOBRINO John. *A fé em Jesus Cristo. Ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 65.

²⁷ SOBRINO J. op cit. p.66.

e sabendo que estava com fome, não se preocupou em ensinar algo, mas sim em atender a uma de suas necessidades primárias que é saciar a fome.

Nesta passagem vemos que o problema da fome do povo no tempo de Jesus estava muito presente. Este mesmo povo que esperava por um Messias não entendia a proposta de Jesus e desejava um Messias da abundância material e do poder humano. “Jesus, porém, sabendo que iriam buscá-lo para fazê-lo rei, retirou-se de novo, sozinho, para o monte” (*Jo* 6,15). Significa que a missão de Jesus não estava sendo compreendida pela multidão e principalmente que a sua missão não se resumia em saciar a fome de pão material, mas sim trazer a todos a salvação, por intermédio da cruz. Jesus tinha ciência disso: “Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade eu vos digo: vós me procurais, não por terdes visto sinais, mas porque comestes dos pães e vos saciastes” (*Jo* 6,26).

Mas Jesus não achou desnecessário saciar a sua fome. A salvação trazida por Ele não é abstrata, mas se concretiza na vida cotidiana das pessoas.

2.2 – OS DOENTES

A categoria dos doentes ou enfermos, na tradição bíblica, são pessoas marginalizadas, carentes, pobres e muitas vezes considerados pecadores. A cura dos doentes foi uma das atividades mais exercidas por Jesus em sua passagem pela terra. Jesus demonstra compaixão para com os que sofrem e cura suas enfermidades, normalmente por iniciativa própria, mas às vezes atendendo ao pedido das pessoas, que com muita fé a Ele recorriam. Muitos o seguiam, entre outros motivos, porque sabem que Ele cura os doentes. “Uma grande multidão o seguia porque tinha visto os sinais que Ele operava nos doentes” (*Jo* 6,2).

Em *Jo* 5,1-9, temos a cura do paralítico que se encontrava nesta situação havia 38 anos e, embora Jesus conte com a participação da pessoa para realizar a cura, a iniciativa é Dele, pois é Ele quem realiza o milagre: “Disse-lhe Jesus: ‘Levanta-te, toma o teu leito e anda!’. Imediatamente o homem ficou curado, pegou o seu leito e se pôs a andar”(*Jo* 5,8-9). O homem curado volta a andar readquirindo assim a sua liberdade e a sua dignidade, embora parece não compreender bem o sentido profundo da ação de Jesus, por isso, ele simplesmente

vai contar para as autoridades judaicas o ocorrido. “Depois de aguardar 38 anos, como Israel no deserto, em vez de entrar na liberdade da Terra Prometida, entra numa nova escravidão, a da lei sequestrada pelas autoridades.”²⁸ Mas o fato de Jesus o encontrar no templo mais tarde já é um sinal de que ele não mais era excluído da sociedade, já que como aleijado ele não podia entrar no Templo. A respeito disso, na época anterior a Jesus, no Segundo livro de Samuel lemos: “Quanto aos cegos e aos aleijados, Davi os aborrece na sua alma. É por isso que se diz: os cegos e os aleijados não entrarão no Templo” (2Sm 5,8). Esta discriminação era muito forte na época anterior a Jesus, época de Davi, bem como em seu tempo. É precisamente a estes marginalizados que Jesus lança seu olhar benevolente e os resgata da sua exclusão. “Veja-se a mentalidade de Qumrã a este respeito: ‘todo o que tiver defeito corporal: paralisado de pés ou mãos, coxo ou cego, surdo ou mudo; o que tiver no seu corpo defeito visível, pessoa velha vacilante, que não se possa manter em pé no meio da assembléia, nenhum destes entrará para participar da assembléia dos notáveis pois há anjos santos que assistem à assembléia... (IQS. II, 5-10)’”²⁹. Portanto, era comum a discriminação para com os aleijados, os cegos, os coxos. Para estes impotentes e miseráveis não havia nem mesmo a possibilidade de celebrar no Templo. Não havia alegria.

A cura deste parálítico da Piscina de Betesda acontece quando Jesus sobe a Jerusalém por ocasião da festa dos judeus e sua primeira ação foi fixar o olhar e curar o mais pobre de todos, que estava ali há 38 anos. Ou seja, sua visita a Jerusalém começa com a opção pelos pobres, pelo parálítico excluído.

No capítulo 9 do Quarto Evangelho, Jesus cura um cego de nascença que era mendigo e considerado pecador, mas que dará testemunho de Jesus e por isso será injuriado e expulso da sinagoga. Aqui também, mais uma vez o protagonismo e a iniciativa são de Jesus. Ele realiza o sinal e dá ao cego uma vida nova e com esta vida nova ele crê firmemente em Jesus, dando testemunho Dele, mesmo na adversidade. Esse episódio retrata a situação da comunidade Joanina no final do primeiro século. “Sabe-se muito bem que a história deste cego representa a história da comunidade do Discípulo Amado. A situação do cego, pobre e excluído é também a situação de uma comunidade pobre e excluída.”³⁰ A comunidade do Discípulo Amado buscava viver a radicalidade do Evangelho de Jesus. Essa comunidade excluída vivia em conflito com o mundo, com os judeus ou autoridades judaicas, e também,

²⁸ KONINGS J. op. cit. p. 155.

²⁹ MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João. Análise lingüística e comentário exegético*. São Paulo: Paulinas, 1989. (Col. Grande comentário Bíblico,), p. 246.

³⁰ RICHARD, Pablo. Chaves para uma re-leitura histórica e libertadora. (Quarto Evangelho e Cartas). *RIBLA*. Petrópolis n. 17, 1994/1, p. 08.

como já dissemos, com a própria sinagoga. Ela passou por várias etapas na sua formação, mas certamente começou com o testemunho do próprio discípulo amado que foi um dos discípulos de João Batista, mas que passa a ser discípulo de Jesus. Seria, então, a comunidade do Discípulo Amado uma seita? A questão passa pelo próprio conceito de seita. Esta seria uma atitude, uma posição contra uma corporação religiosa, neste caso o judaísmo ou os outros cristãos. A questão é controversa, mas o pensamento de Brown é esclarecedor: “A comunidade seria de fato uma seita, como entendo o termo, se explícita ou implicitamente tivesse rompido a comunhão (Koinonia) com a maioria dos outros cristãos ou se, em virtude de suas tendências teológicas ou eclesiológicas, grande parte dos outros cristãos tivesse rompido a koinonia com a comunidade Joanina.”³¹. Entendemos que a comunidade do Discípulo Amado não se tornou uma seita, pois embora tenha acentuações particulares na vivência cristã, não rompeu com a Igreja na sua essencialidade. A busca do seguimento de Jesus continuou sendo para todos o ponto de encontro.

O ex-cego passa literalmente por um julgamento, poderíamos dizer por um processo, mas mantém-se firme até o final. Não hesita em dizer a verdade e dar testemunho de Jesus. Não é obrigado por ninguém, mas confirma que foi curado por Jesus. Não se deixa intimidar, mesmo que seus próprios pais o deixem à própria sorte. O texto mostra que a fé do cego curado cresce ainda mais na adversidade; seus olhos abrem-se ainda mais. Quando os fariseus rejeitam o testemunho do cego, rejeitam o próprio Jesus e buscam Nele motivos para condená-lo. Querem condená-lo também porque Jesus quebra o preceito em curar alguém em dia de sábado. Para eles, Jesus é pecador porque infringe a lei. No episódio percebemos que enquanto o cego evolui sempre mais acreditando que Jesus é um profeta enviado de Deus, os fariseus fazem um caminho inverso, tornam-se sempre mais “cegos” e não aceitam a pessoa de Jesus. Preferem condená-Lo.

Mas Jesus veio para ser a luz do mundo. No episódio da cura do cego Jesus mostra que está do lado de quem sofre, de quem é pobre, de quem é excluído. Ele se revela como o Deus que cura, que liberta, que salva. E lembremos mais uma vez que a iniciativa de curar o cego foi do próprio Jesus; ou seja, Ele é o Deus providente que nos conhece, nos ama e sabe do que nós precisamos. “No episódio do cego é exposto o aspecto central da libertação que Jesus leva a termo no homem e que funda o seu êxodo. Consiste em devolver-lhe a consciência do seu

³¹ BROWN R. E. op. cit. p. 13.

próprio valor e, em conseqüência, do valor de todo homem.”³² Jesus manifesta dessa forma o amor de Deus ao homem não através de doutrinas, mas principalmente através de sua ação.

Embora aqui não se fale ainda, era comum associar a doença ao pecado. “Seus discípulos indagaram: ‘Rabi, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?’” (*Jo* 9,2). Seria a deficiência³³ e a doença castigo de Deus? No Antigo Testamento alguns textos apontam para a relação causal entre pecado e doença ou deficiência. O capítulo 14 do Levítico narra a purificação do leproso relacionando a lepra ao pecado. No livro dos Números, cap. 12, a irmã de Moisés é atacada pela lepra por ter-se revoltado contra ele: “A ira de Iahweh se inflamou contra eles e retirou-se e a nuvem deixou a tenda. E Maria tornou-se leprosa, branca como a neve” (*Nm* 12,9-10). Já o livro de Jó nos ensina que não é possível relacionar a doença ao pecado cometido ou ao castigo de Deus. É possível pensar estes textos com conotações didáticas, ou seja, quem faz o bem sempre receberá graças, mas quem faz o mal pode também encontrar o mal. Os pecadores não eram considerados dignos de acessar ao Templo e portanto eram excluídos. O texto do Levítico, capítulo 21, mostra que a pureza de Deus exige a pureza humana do sacerdote, e de alguma forma, parece discriminar as pessoas que possuem deficiências: “Fala a Aarão e dize-lhe: Nenhum dos teus descendentes, em qualquer geração, se aproximará para oferecer o pão de seu Deus, se tiver algum defeito” (*Lv* 21,17).

Na época de Jesus e após: “A doença era geralmente atribuída, no mundo judaico tardio, à influência dos demônios ou dos espíritos impuros, que podiam prejudicar as pessoas que se expunham à ação deles por causa do pecado. A cura consistia primeiramente num voltar a Deus (conversão) e, somente num segundo momento, na aplicação de uma terapia médica apropriada.”³⁴ Jesus com seu poder reúne em si os dois elementos, perdoadando os pecados e curando as enfermidades e deficiências. Para que haja a cura, Jesus exige a fé como componente indispensável, pois os milagres são sinal da presença do Reino de Deus. Na cura do paraplético narrada pelo Evangelho de Marcos (*Mc* 1,1-12), Jesus, antes da cura, perdoa os pecados e somente depois faz o milagre. Portanto, Jesus não apenas curou o aleijado, mas deu a ele uma vida nova, uma vida digna. Jesus pessoalmente se empenha em favor da pessoa, em favor da vida.

Outra passagem importante que mostra a atenção e o cuidado que Jesus tem para com os enfermos é *Jo* 4,43-54, onde na Galiléia Jesus cura o filho do funcionário real. O Evangelista destaca a pedagogia da fé na cura realizada por Jesus: “Disse-lhe Jesus: ‘se não

³² MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O evangelho de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989. (Col. Grande comentário Bíblico). p. 428.

³³ Neste capítulo onde tratamos do tema “os doentes”, referimo-nos também à categoria dos deficientes físicos.

³⁴ SCHIAVO, Luigi. Jesus taumaturgo – Elementos interpretativos. *RIBLA*. Petrópolis, n. 47, 2004/1. p. 81.

virões sinais e prodígios, não acreditareis” (*Jo* 4,48). Jesus fala no plural para se referir a todos os galileus e quem sabe a nós, os futuros crentes. Jesus, de fato, acabava de voltar para a Galiléia, sua terra natal, consciente que nenhum profeta é bem recebido em sua terra. O funcionário do rei pretende levar Jesus pessoalmente até a sua casa, mas Jesus acha isso desnecessário; no entanto, atende o seu pedido principal que era alcançar a cura do filho. Mesmo não conhecendo o filho do funcionário do rei, o cura à distância, mostrando grande poder e força, além de compaixão por um pai desesperado com o sofrimento do filho. Jesus não fica alheio à dor humana: “O funcionário real lhe disse: ‘Senhor desce, antes que meu filho morra!’ Disse-lhe Jesus: ‘Vai, o teu filho vive’. O homem acreditou na palavra que Jesus lhe havia dito e foi embora” (*Jo* 4,49-50). O funcionário real reconhece o poder de Jesus; no entanto, sua fé não era madura, havia dúvidas, tanto que quando encontrou seus servos sentiu a necessidade de perguntar a eles qual foi a hora da cura de seu filho. “Jesus não precisa descer a Cafarnaum. Ele comunica vida com sua palavra, que, sendo palavra criadora (1,3), não se circunscreve a lugar, mas pode chegar e chega a todo lugar. Dá vida ao doente diretamente, sem exigir nenhuma condição.”³⁵ Há que se notar que o funcionário real era alguém que gozava de um certo poder, mas que diante, de Jesus, se revela impotente, reconhecendo Nele o único capaz de curar seu filho e mantê-lo em vida. Também nesta passagem, embora tenha sido importante a fé de seu interlocutor, Jesus age e cura com força e poder próprio, com autoridade que lhe foi dada pelo próprio Deus. Jesus não ficou indiferente àquele homem, que mostrou ter muita fé, embora o homem que buscava a cura para seu filho fosse um galileu. Inclusive, em resposta ao prodígio operado por Jesus, houve a conversão do funcionário real e de toda a sua família: “E acreditou, ele e toda a sua casa” (*Jo* 4,53).

Jesus se revela como Senhor da vida, mas, percebemos que a fé do funcionário é muito profunda porque crê que Jesus pode curar seu filho. Há nesse sentido um contraste com os judeus que não tinham fé em Jesus. Mas Jesus é o doador da vida. A fé fundada sobre Jesus e sobre a sua palavra leva à vida. Jesus é Aquele que pode libertar da morte e dar a vida e a salvação. A salvação trazida por Jesus não é restrita aos judeus, mas é universal, tanto que curou o filho do funcionário real, que não era judeu. Este funcionário real poderia ser da administração ou do exército, portanto romano, e conseqüentemente pagão. Sendo assim, mais admiração ainda adquire este personagem pela grande fé que demonstrou em Jesus. “Assim como no episódio de Jerusalém (2,23-3,21), o autor isolou um personagem dentre os participantes da festa (Nicodemos, 3,1), assim também aqui ele focaliza um personagem

³⁵ MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989. (col. Grande comentário bíblico), p. 239.

dentre os galileus que acolheram Jesus”³⁶. Antes de chegar em casa, avisado pelos seus servos o funcionário real comprova o poder de Jesus e a eficácia de sua palavra ao ser informado da cura do filho.

O funcionário real crê definitivamente em Jesus. Jesus havia chegado à sua terra natal e sido bem recebido pelos galileus que tinham visto os sinais realizados por Jesus em Jerusalém (*Jo* 2,23-25). Jesus sabia, no entanto, que a fé dos galileus era fraca, incompleta e “que nenhum profeta recebe honra em sua pátria” (*Jo* 4,44), por isso não confiava neles. O galileu em questão era alguém de certa importância, pois exercia um cargo de confiança para o rei. Em outro momento, os samaritanos também darão prova do universalismo da salvação trazida por Jesus: “E diziam à mulher: ‘já não é por causa das tuas palavras que acreditamos. Nós próprios o ouvimos e sabemos que este é verdadeiramente o salvador do mundo’” (*Jo* 4,42). O universalismo da salvação é um traço característico do Quarto Evangelista, embora quem melhor acolha a sua pessoa e a sua mensagem é principalmente o povo simples. “Diante da rejeição e da incompreensão dos chefes, Jesus muda o seu programa. Não se dirigirá mais às instituições; a seguir, irá em busca do homem necessitado de vida, prescindindo do marco institucional em que se encontra.”³⁷

É no capítulo 11 que temos a ressurreição de Lázaro. Este era integrante da comunidade de Jesus, junto com Maria e Marta. Em *Jo* 11,5 se diz que “Jesus amava Marta, sua irmã (Maria) e Lázaro.” Estes três personagens constituem em Betânia a comunidade de Jesus enquanto são seus amigos e partilham com Ele a sua Revelação e missão. “Não mais vos chamo servos, porque o servo não sabe o que o seu amo faz; mas eu vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi do Pai eu vos dei a conhecer” (*Jo* 15,15). Enquanto Jesus está longe, Lázaro adoece e morre. É muito significativo o fato que Jesus chore diante da perda do amigo. Aqui transparece forte a humanidade de Jesus e Ele se comove diante da dor, do sofrimento e da morte. Por isso ressuscita Lázaro trazendo-o de volta à vida. Esta é a missão de Jesus, dar a vida, e vida em abundância. Jesus ressuscitou Lázaro não porque fosse seu amigo, mas para que fosse manifestada a glória de Deus e do próprio Jesus (*Jo* 11,4). Aliás, a maioria das pessoas que foram curadas por Jesus, Ele nem mesmo as conhecia. As exceções ficam por conta da cura da sogra de Pedro, narrada em Marcos 1,29-31, além da ressurreição de Lázaro.

Diante desta realidade de cura o que acontece em nossos dias? Se é verdade que alguns dizem ser curados milagrosamente de suas doenças, não é menos verdade que também

³⁶ KONINGS, Joahn. *Evangelho segundo João. Amor e fidelidade*. Petrópolis, Vozes; São Leopoldo, Sinodal, 2000. p. 149

³⁷ MATEOS Juan; BARRETO Juan. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989. (Col. Grande comentário Bíblico). p. 241.

são muitos os que não alcançam a cura de suas enfermidades, muito embora sejam verdadeiros crentes. Teria a Igreja perdido o poder da cura deixada por Jesus aos discípulos e aos seus sucessores? Certamente que não, mas menos vistoso sim. Muitas paróquias concedem a bênção da saúde aos fiéis doentes e estes sentem-se fortalecidos na luta contra suas enfermidades. Ou seja, o poder de Deus e do próprio Jesus continua agindo através da Igreja e de seus sucessores. Por outro lado, como explicar o sucesso atual de algumas igrejas não tradicionais, que aparentemente continuam realizando muitas curas? Não é difícil afirmar que algumas igrejas de cunho pentecostal, às vezes, se aproveitam da boa fé e da ingenuidade do povo, fazendo com que seus fiéis vejam milagres por todos os lados. A ignorância em relação à religião, a pobreza, a miséria e o desespero deixam os fiéis vulneráveis e sujeitos à indução. Isto não significa que estas igrejas não possam também realizar verdadeiras obras boas ou que não tenham seriedade. Ou talvez, podemos dizer que o que era milagre no tempo de Jesus, hoje continua sendo milagre através da evolução da medicina? De qualquer forma, os textos bíblicos deixam bem claro que, de fato, Jesus lançou muitas vezes seu olhar amoroso sobre os doentes, os enfermos e buscou a cura de suas enfermidades. Não apenas os curou, mas os libertou de suas fraquezas, suas misérias e pobreza, dando-lhes um novo sentido em suas vidas.

Foi Jesus um taumaturgo? “A atividade taumatúrgica não é um acontecimento marginal; pelo contrário, trata-se de um dos elementos essenciais do ministério de Jesus, através do qual Ele se revela como Filho de Deus e Messias.”³⁸ No episódio da cura do funcionário real Ele mostra que não precisa estar presente para realizar a cura, pois tem este poder extraordinário pelo fato de que é o Filho de Deus. O Quarto Evangelho quer mostrar a Divindade de Jesus mais que seu poder taumatúrgico. Os sinais que Ele realiza são a manifestação da glória divina e a preocupação concreta com as pessoas e as suas misérias. Jesus devolve a vida onde há perigo, exclusão e morte.

A missão da Igreja é continuar acreditando nesta verdade do milagre porque estes foram obra de seu fundador, Jesus Cristo. Ele veio implantar o seu Reino e este Reino não é algo abstrato, feito somente de palavras, mas é real e concreto. Atinge e liberta as pessoas na sua concretude. Jesus estava inserido no contexto histórico daquele povo. No entanto, sabemos que o Jesus que encontramos nos evangelhos é o Jesus histórico e o Jesus da fé de uma comunidade, mais que o Jesus real, e isto acontece também em relação aos milagres. É o

³⁸ SCHIAVO, Luigi. Jesus Taumaturgo – elementos interpretativos. *RIBLA*. Petrópolis, n. 47, 2004/1. p. 80.

problema da historicidade dos milagres. A descrição dos milagres é uma interpretação que a comunidade faz das ações de Jesus, nesse caso, em favor dos doentes.

Muitas pessoas entendiam que o Reino de Deus aconteceria na vida futura, mas Jesus vem mostrar que o Reino já estava acontecendo ali mesmo, com a libertação de seu povo. Jesus era movido por uma grande compaixão para com os oprimidos e buscava a sua libertação através das curas, palavras e milagres.

Jesus não espera reconhecimento por aquilo que faz; no episódio da cura do cego de nascença (*Jo 9*), Ele cura e desaparece da vista dele; o reencontro se dará somente mais tarde no Templo. O mesmo acontece na cura de um enfermo na piscina de Betesda (*Jo 5*). “Em ambos os casos, Jesus desaparece da cena e o indivíduo curado não sabe quem é e onde está; este recurso literário comum frisa o desinteresse, a gratuidade do benefício; põe-se em primeiro plano o favor concedido.”³⁹ Jesus realiza a cura sem exigir nada em troca e nisto consiste a sua gratuidade. A Igreja inspirada Nele continua a sua missão também em nossos dias.

2.3 – OS PECADORES E DISCRIMINADOS

Uma outra categoria marginalizada e excluída no tempo de Jesus eram os pecadores. Com esta categoria de marginalizados, Jesus se mostra extremamente receptivo, acolhedor e principalmente lhes mostra a face misericordiosa de Deus.

No Quarto Evangelho uma passagem emblemática que revela o modo que Jesus tratava os pecadores é a passagem de *Jo 8,2-11*. No próximo item⁴⁰ veremos melhor este texto, mas interessa-nos agora perceber que Jesus não veio para condenar, por isso não o fez em relação à mulher surpreendida em flagrante adultério: “Disse, então, Jesus: ‘Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais’” (*Jo 8,11*). O povo não entendeu, ou não aceitou a atitude de Jesus, pois esperava sua condenação. Jesus, o inocente, não condena ninguém, nem mesmo os pecadores.

³⁹ MATEOS, Juan; BARRETO Juan. O evangelho de São João. São Paulo: Paulinas, 1989. (Col. Grande comentário Bíblico). p. 429.

⁴⁰ Retomaremos essa perícopa ao tratarmos do tema das mulheres no item 2.4.

Há, no Evangelho de João, a categoria do povo em geral que era discriminada pelo simples fato de não pertencer à classe dos fariseus e magistrados, conhecedores da lei que se julgavam superiores a todos. “Mas este povo, que não conhece a Lei, são uns malditos!” (*Jo* 7,49). Este povo ou esta multidão aparece em clara oposição aos fariseus e magistrados e são considerados malditos simplesmente porque não conhecem a lei. Assim são discriminados e marginalizados. Há um verdadeiro ódio dos fariseus e sacerdotes para com o povo que não conhece a Lei, pois não hesitam em chamá-los de malditos. Bem outra foi a atitude de Jesus em relação a estes. “O texto de *Jo* 7 deixa entrever que Jesus não se deixa envolver neste clima de ódio, discriminação e marginalização reinante contra o “povo da terra”, numa atitude diversa da dos líderes religiosos de sua época. Pelo contrário, Jesus aceita e procura contato também com este “povo da terra”.⁴¹

Nessa passagem (*Jo* 7,40-52) é narrada uma discussão sobre a origem de Jesus. A multidão estava dividida em três grupos: Os que viam Jesus positivamente como um profeta (*Jo* 7,40); outros assim o proclamavam: “Este é o Cristo” (*Jo* 7,41) e o terceiro grupo compreende aqueles que não acreditavam em Jesus. Discutia-se se da Galiléia poderia vir um profeta. Muitas pessoas do povo acreditavam que sim, por terem ouvido as palavras de Jesus e visto os sinais que Ele havia realizado. Mas muitos outros não acreditavam: “Diziam outros: ‘É este o Cristo?’ Mas alguns diziam: ‘Porventura pode o Cristo vir da Galileia?’ A Escritura não diz que o Cristo será da linhagem de Davi e virá de Belém, a cidade de onde era Davi?” (*Jo* 7,41-42). Aqui as pessoas se encontram em grande dúvida; sabem da procedência de Jesus que vem da Galiléia mas, ao mesmo tempo, não conseguem conciliar o fato de que o messias deveria ser da descendência de Davi. “E quando teus dias estiverem completos e vieres a dormir com teus pais, então farei permanecer a tua linhagem, gerada das tuas entranhas (e firmarei a sua realeza. Será ele que construirá uma casa para o meu Nome), e estabelecerei para sempre o seu trono” (*2Sm* 7,12-13). Jesus, no entanto, permanece alheio a esta discussão, ela permanece em nível de multidão. A multidão que acreditava em Jesus era vista como ignorante, desconhecadora da Lei diante dos fariseus e magistrados. A multidão também é identificada com todos os moradores da Galiléia: “Responderam-lhe: És também galileu? Estuda e verás que da Galiléia não surge profeta” (*Jo* 7,52). Este versículo se refere a Nicodemos. Ele havia questionado os judeus por estarem condenando Jesus sem mesmo julgá-Lo. Mas os judeus “Em lugar de responder a Nicodemos, insultam-no; chamam-no de galileu, como alguém do vulgo desprezível. Com seus insultos querem encobrir seu

⁴¹ ZIZEMER, Osmar. “Este povo que não conhece a Lei , são uns malditos” (*Jo* 7,29). *Estudos Bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 27, 1990, p. 52.

posicionamento.”⁴². Não hesitam em apoiar seu preconceito na Escritura: “Verás que da Galiléia não sai profeta” (*Jo* 7,52).

Jesus conquistou muitos adeptos de todas as classes sociais, mas é claro que a maioria de seus seguidores era composta por pessoas das classes menos favorecidas: doentes, pobres, famintos, marginalizados, ignorantes da lei. “Algum dos chefes ou dos fariseus, por acaso acreditou Nele?” (*Jo* 7,48). A impressão é de que quem é conhecedor da Lei não poderia de forma alguma acreditar em Jesus. “Segundo o Quarto Evangelho, esta é a posição social dos que crêem em Jesus e da comunidade do Discípulo Amado”.⁴³ As multidões viam em Jesus sua última esperança, a única possibilidade de sair do estado de miséria, de serem curados de suas enfermidades e de poderem por fim viver um pouco mais dignamente.

Os samaritanos também constituíam uma classe de pessoas extremamente discriminada pelos judeus. “Há duas nações que minha alma detesta e uma terceira que nem sequer é nação: Os habitantes da montanha de Seir, os filisteus, e o povo estúpido que habita em Siquém” (*Eclo* 50,25-26). “Esse povo era de fato oprimido. Estava no fundo da pirâmide social. O poderio judaico fazia tudo para que esse povo, se possível, até mesmo desaparecesse.”⁴⁴ Os samaritanos não podiam expressar sua cultura. Há ódio e desprezo dos judeus para com os samaritanos. Mas com Jesus inaugura-se uma nova fase onde Ele acolhe a samaritana e, ao seu anúncio, muitos samaritanos o seguem. “Considerados impuros porque seu sangue estava misturado com o de povos estrangeiros e porque haviam profanado, na páscoa do ano 6 d.C., o templo de Jerusalém, jogando nele ossos humanos, os samaritanos eram odiados pelos judeus”.⁴⁵ Por isso os judeus os consideravam hereges e não permitiam que pudessem acessar o Templo para oferecer sacrifícios. Até mesmo os discípulos de Jesus aparentam ter ódio dos samaritanos, por isso pedem que Jesus permita que enviem o fogo do céu para destruí-los quando estes recusam hospitalidade para Jesus e os que estavam com Ele (*Lc* 9,53-54). Jesus não se deixa guiar pelo ódio e repreende seus discípulos.

Na relação com os samaritanos Jesus os acolhe e respeita. “Deixou a Judéia e retornou à Galiléia. Era preciso passar pela Samaria” (*Jo* 4,3-4). Jesus passa pelo território dos samaritanos não por acaso; está indo ao encontro de um povo excluído. “Podia ter ido para a

⁴² MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João. Análise lingüística e comentário exegético*. São Paulo: Paulinas, 1989. (Col. Grande comentário bíblico). p. 364.

⁴³ RICHARD P. A tradição do discípulo amado. Quarto Evangelho e Cartas. *RIBLA*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 17, 1994, p. 9.

⁴⁴ LIMA, Cyro Assis. Os samaritanos: Os oprimidos como primícias do Reino. *Estudos Bíblicos*, n. 27 Petrópolis; São Leopoldo, 1990. p. 67.

⁴⁵ FELLER, Vitor Galdino. *A Revelação de Deus a partir dos excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 46.

Galiléia passando pela Transjordânia; a necessidade que expressa Jo é de outra ordem: “Era necessário” para a missão messiânica de Jesus.”⁴⁶ Embora judeus e samaritanos nutrissem ódio mortal uns para com os outros, Jesus dá o primeiro passo e vai ao encontro deles. Jesus veio para salvar a humanidade inteira. A passagem de *Jo* 4,1-42 revela abertura e disponibilidade para dialogar com a mulher samaritana reconhecendo nela e em seus conterrâneos pessoas abertas à salvação trazida por Ele.

A mulher samaritana se surpreende com a atitude de Jesus que lhe pede de beber: “Diz-lhe então a samaritana: ‘como sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?’ (pois os judeus não se dão com os samaritanos” (*Jo* 4,9). Assim, Jesus inclui no seu círculo de amizade e salvação uma samaritana e com ela um povo que era considerado herege, indigno. Ele mostra que a salvação veio para todos e não apenas para os judeus. À acolhida de Jesus os samaritanos retribuem com a conversão. Os judeus o rejeitam: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (*Jo* 1,11). João está provavelmente falando do povo judeu. É o povo marginalizado que responde a Jesus. Ao contrário, os que estão sendo beneficiados pelo regime judaico não o aceitam e não o compreendem, forçam-no até para ir-se da Judéia. Enquanto isso, os marginalizados acolhem a sua pessoa e a sua mensagem, reconhecendo-O como salvador.

Outra passagem que revela a relação próxima que Jesus nutria com os samaritanos é *Jo* 8,48. Esta frase está no contexto de um forte embate entre Jesus e os judeus. “Os judeus lhe responderam: Não dizíamos, com razão, que és samaritano e tens um demônio?” Jesus responde à segunda acusação, dizendo que não tem um demônio, mas nada diz a respeito da primeira acusação, isto é, a de que seria um samaritano. Jesus não via os samaritanos com maus olhos e por isso não sente necessidade de defender-se de tal acusação. Refuta sim a acusação de que teria um demônio: “O que ele está fazendo é precisamente defender a honra de seu Pai, reivindicar a sua fama, destruindo a imagem falsa de Deus, que eles criaram. Defende a honra de Deus, mostrando o seu verdadeiro rosto.”⁴⁷ Os seus acusadores haviam criado a imagem de um Deus tirano enquanto Jesus vem mostrar a face de um Deus que é amor.

É na relação com os discriminados do povo judeu, bem como com os samaritanos, que Jesus revela a sua compaixão, a sua misericórdia, a sua acolhida incondicional. Sua atitude

⁴⁶ MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João. Análise lingüística e comentário exegético*. São Paulo: Paulinas, 1989. (Col. Grande comentário bíblico). p. 207.

⁴⁷ MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. op. cit. p. 397.

causou escândalo nas pessoas de seu tempo, mas revelam a face do próprio Deus. Deus amor, Deus que é Pai cheio de bondade e misericórdia. Deus que acolhe, que inclui e que jamais exclui.

A opção de Jesus para com essa gente levou à sua própria morte. Jesus foi morto porque quis ser fiel à sua missão de denunciar a corrupção dos chefes do seu povo, que impunham um jugo insuportável aos mais simples. Jesus era judeu e como judeu estava escandalizado pelo uso que os chefes faziam da lei.

Os fariseus usavam a lei para justificar a opressão aos pobres e fracos. Jesus, tomando a parte deles, traçou o seu próprio destino, mas continuou fiel à Missão que seu Pai lhe havia confiado, ficando do lado dos fracos e oprimidos até o fim. Jesus foi condenado por se ter colocado do lado dos mais fracos e assim ter enfrentado os poderosos e opressores. Jesus se rebelou contra o sistema injusto. O conflito de Jesus com as autoridades judaicas atravessa todo o Quarto Evangelho. No tempo de Jesus, o povo era oprimido e marginalizado tanto pelo império romano quanto pelo poder religioso. Na esfera social, a opressão vinha em forma de impostos: “O imposto direto era o da terra e o imposto pessoal...os impostos indiretos eram vários: corvéia para as tropas, taxas de alfândegas, pedágio sobre a circulação de pessoas e mercadorias.”⁴⁸ As cargas tributárias eram muito pesadas. Esta função de cobradores de impostos era normalmente exercida pelos publicanos. Existia também a opressão na esfera religiosa: “A opressão criada pelo poder religioso era mais profunda do que a submissão ao poder romano. Em nome de Deus justificava-se o nacionalismo judaico, a marginalização social, a submissão cega à Lei, a separação entre o puro e o impuro gerando sentimento de indignidade perante Deus e uma religião desligada da prática social.”⁴⁹

A dimensão política da condenação de Jesus é evidente após a ressurreição de Lázaro. As autoridades da sinagoga decidiram matá-Lo para evitar problemas com os romanos. “Se o deixarmos assim, todos crerão Nele e os romanos virão, destruindo nosso lugar santo e a nação” (*Jo* 11,48). O ponto crucial que chama atenção das autoridades judaicas é a crescente influência que Jesus exerce sobre o povo. Na opinião deles, isto poderia criar uma situação perigosa na Judéia que estava sobre a administração e dominação dos Romanos. O medo era de que os Romanos pudessem destruir o templo e a nação. Este medo que as autoridades judaicas tinham por Jesus, revela o forte poder e o impacto que Jesus exercia sobre a população.

⁴⁸ NAKANOSE, Shigeyuki; MARQUES, Maria Antônia. Jesus e seus opositores. *RIBLA*, n. 47. Petrópolis; São Leopoldo, 2004/1, p. 95.

⁴⁹ NAKANOSE, Shigeyuki; MARQUES, Maria Antônia. *Idem* p.100.

As autoridades invocam o princípio do mal menor, para justificar a condenação a Jesus. “Um deles, porém, Caifás, que era Sumo Sacerdote naquele ano, disse-lhes: ‘Vós de nada entendeis. Não compreendeis que é de vosso interesse que um só homem morra pelo povo e não pereça a nação toda?’” (*Jo* 11,49-50). De certa forma, ironicamente, tal profecia se concretiza. A morte de Jesus na cruz, foi um ato de amor gratuito para com a humanidade.

Durante toda a sua vida Jesus optou pelos marginalizados indo contra a Lei em muitos momentos. Permite que os discípulos colham espigas ao sábado para saciar a fome. Os fariseus o criticam duramente por ter ido contra a Lei (*Mt* 2,23-28). Jesus recorre ao Antigo Testamento, mais exatamente a *1Sm* 21,1-8, lembrando que o próprio Davi desrespeitou a lei quando comeu os pães sagrados que eram acessíveis somente aos sacerdotes. Foi também contra a maré ao acolher a pecadora adúltera: “Mas quando toma a palavra, Ele propõe um novo critério de avaliação. Ele se interessa pela pessoa e pelas suas relações recíprocas, não pela lei. Ou melhor: Jesus interpreta a lei na perspectiva das relações pessoais. Neste horizonte, também a mulher adúltera é uma pessoa”⁵⁰.

Ao tomar posição do lado dos pecadores, parece que Jesus se posiciona contra as leis do Antigo Testamento, pois, para os escribas e fariseus, pecado era desobediência às leis do AT. “A lei servia como critério para definir o grau de pecaminosidade das pessoas. Pressuposto desse conceito é que todos teriam condições de viver uma vida em integral obediência à lei, e portanto de viver uma vida sem pecado. Estes seriam os justos diante de Deus.”⁵¹ Ainda segundo Verner Hoefelmann, havia três situações em que o pecado era dado como certo nas pessoas: Em primeiro lugar, pecadores seriam todos os pagãos, pois não conheciam a Lei e assim não podiam cumpri-la e conseqüentemente seriam pecadores; é o caso da samaritana. Em segundo lugar, o povo pobre do país era considerado pecador. Estes, que eram a maioria da população, não tinham condições de cumprir a grande quantidade de leis pois não eram instruídos. Em terceiro lugar, eram considerados pecadores aqueles que exerciam certas profissões consideradas indignas e pecaminosas, especialmente os publicanos e cobradores de impostos.

Não somente a desobediência às leis era causa de pecado e motivo de afastamento de Deus, mas também o contato com as coisas impuras como com leprosos, cadáveres, mulheres menstruadas, pagãos (*Lv* 17-26). Jesus supera esta separação e busca uma relação próxima com as pessoas doentes, pecadores, pagãos. “Jesus, portanto, elimina a tradicional separação

⁵⁰ FABRIS, Rinaldo. *Giovanni*. Roma: Borla, 1992. p. 492.

⁵¹ HOEFELMANN, Verner. A crítica de Jesus à Lei como opção pelos marginalizados. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 27, 1990, p. 58.

entre o puro e o impuro. Por isso ele se relaciona desembaraçadamente com os samaritanos, com os pagãos, com os doentes, com as mulheres, com os pobres do seu povo, transmitindo a eles a grande alegria do amor e da bondade de Deus.”⁵²

Através de José, Jesus adquiriu a descendência davídica. Temos relatos bíblicos em que o próprio Davi já assumia a causa dos oprimidos. “Davi partiu dali e se refugiou na caverna de Odolam. Os seus irmãos e toda a sua família souberam disso e desceram ali para estar com ele. Todos os que se achavam em dificuldades, todos os endividados, todos os descontentes se reuniram ao seu redor, e o fizeram seu chefe” (1Sam 22,1-2). De algum modo, já Davi representava para os mais fracos esperança de libertação. Esperança esta depositada por muitos em Jesus. “O Davi, defensor dos camponeses empobrecidos, endividados pela alta tributação, retomado em Samuel, nos situa o título atribuído a Jesus: “Filho de Davi”, como líder de camponeses endividados, empobrecidos, expropriados de suas terras.”⁵³ A questão da carga tributária imposta pelos romanos aos conterrâneos de Jesus e o dízimo imposto pelos sacerdotes do templo causava grande opressão ao povo.

Jesus se coloca contra estes poderes opressores, assumindo a causa dos oprimidos e dos discriminados. Também em relação aos pecadores Jesus demonstra acolhida. Sua postura em relação aos discriminados e pecadores se tornou motivo que o levou à sua condenação e a sua morte na cruz.

2.4 – AS MULHERES

Em nossa sociedade atual ainda vemos que as mulheres são de alguma forma discriminadas, seja no mundo do trabalho, seja na vida social e muitas vezes dentro da própria Igreja que ainda carrega em si alguns sinais de “machismo”. Na vida social não é difícil de detectar este problema, por exemplo, no mundo do trabalho, onde o salário das mulheres é inferior ao dos homens. “O preconceito social e cultural manifesta-se, por exemplo, na diferenciação salarial. Mesmo quando possuem o mesmo grau de instrução de uma mulher, os

⁵² HOLFELMANN Verner. A crítica de Jesus à lei como opção pelos marginalizados. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 27, 1990, p. 60.

⁵³ TONINI, Hermes. Re-criando a casa de Jesus e seu discipulado de iguais: O movimento de Jesus na tradição do/a discípulo/a amado/a. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 67, 2000. p. 22.

homens recebem, geralmente, um salário 50% superior.”⁵⁴ Em nível eclesial permanecem questões a serem respondidas em relação aos ministérios instituídos. Ou ainda, para falar de algo bem mais próximo, basta observar que, nas paróquias, quase sempre o presidente do conselho paroquial é homem. E isto certamente não se dá pela incapacidade ou falta de participação da mulher. No tempo de Jesus, esta discriminação era mais acentuada. Bastaria para isso pensar no episódio da mulher adúltera (*Jo* 8,1-11). Fala-se somente na mulher como pecadora e nem cogita-se em perguntar pelo seu cúmplice. Jesus sabendo disso valorizou as mulheres, combateu as discriminações e muitas vezes com isso causou escândalo. “Com relação às mulheres, consideradas em tudo inferiores aos homens, incapazes do culto religioso, condenadas à ignorância, impedidas de dar testemunho, discriminadas segundo a lei civil quanto segundo a lei religiosa, obrigadas a prescrições desumanas, consideradas perigo e tentação..., Jesus tem uma atitude totalmente escandalosa. Ele enfrenta a estrutura patriarcal da sociedade, não receia estar só e conversar com uma mulher (*Jo* 4,4-42)”⁵⁵. A atitude de Jesus causou escândalos em seus conterrâneos e aos discípulos. Mas Ele rompeu com as barreiras do preconceito dando início a uma nova forma de relação com as mulheres.

Os Evangelhos mostram que Jesus, em relação às mulheres, teve atitude de acolhida: em *Jo* 8,2-11 Jesus não age conforme o senso comum ao defender uma mulher surpreendida em adultério. Ao invés de condená-la, a acolheu na sua condição de pecadora, revelando o seu amor, a sua misericórdia e o seu perdão. A passagem de *Lc* 10,38-42 mostra que Jesus era amigo de Marta e Maria. Em *Mt* 19,3-9 Jesus defende a igualdade de direitos e deveres para homens e mulheres nas relações conjugais. Em *Lc* 7,36-48 Jesus não se preocupa em provocar escândalo ao apresentar uma prostituta arrependida como modelo de amor. *Lc* 8,1-3 mostra que Jesus tinha mulheres em seu grupo de discípulos. Ao ressuscitar aparece primeiramente a uma mulher, Maria Madalena que se torna a primeira testemunha de sua ressurreição (*Jo* 20,11-18). Estes, entre outros textos, mostram que Jesus valorizou e acolheu as mulheres de seu tempo, embora isso pudesse causar escândalo.

Vejamos agora dois textos do Evangelho de João. Na perícopes de *Jo* 4,1-42 temos o inusitado encontro entre Jesus e a samaritana junto ao poço de Jacó na Samaria, enquanto Jesus voltava para a Galiléia. A expressão “era preciso passar pela Samaria” (*Jo* 4,5), mostra que Jesus tinha o domínio de seu destino e de seu caminho, mas ao mesmo tempo seguia os planos do Pai. “Jesus passa através da Samaria por causa de sua missão, não por necessidade

⁵⁴ BERGESCH, Karen. Poder e violência a partir da ótica da mulher. *Revista de Interpretação Latino-americana*. Petrópolis, n. 41, 2002/1. p. 130.

⁵⁵ FELLER Vitor Galdino. *A Revelação de Deus a partir dos excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995.

do trajeto, pois poderia seguir pela outra margem do Jordão (como parece ser o caso de *Mc* 10,1: “além do Jordão”, passando por fora da Samaria”⁵⁶.

O encontro se dá junto ao poço, onde Jesus pára fatigado da caminhada para descansar. “Jesus é narrado como um homem cansado que senta à beira da fonte de Jacó na cidade de Sicar, na região da Samaria. É perto do meio-dia.”⁵⁷ A samaritana encontra Jesus e a princípio não poderia haver diálogo pois ela é mulher, samaritana. Mas é Jesus que inicia a conversa com a samaritana dizendo “Dá-me de beber” (*Jo* 4,8). Assim Jesus rompe as barreiras discriminatórias que desaconselhavam um judeu falar a sós com uma mulher, pior ainda sendo samaritana⁵⁸. A atitude de Jesus causa estranheza na própria samaritana; “diz-lhe então a samaritana: ‘como sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim, que sou samaritana?’ (pois os judeus não se dão com os samaritanos” (*Jo* 4,9). No entanto, pelo fato de dialogar com ela, Jesus deixa claro que com Ele não há espaço para a discriminação. A samaritana gosta de dialogar com Jesus, abre-se à curiosidade embora o diálogo sobre a água se dá em níveis diferentes; enquanto a samaritana entendia “água viva” como água vinda do fundo do poço de Jacó, Jesus falava de Si próprio, que veio para se fazer Dom para a humanidade. “Aquele que bebe desta água terá sede novamente; mas quem beber da água que eu lhe darei, nunca mais terá sede” (*Jo* 4,13-14). Jesus falava em nível espiritual além de material, a samaritana permanecia em uma realidade puramente material.

A condição de pecadora e, portanto, de pessoa que vivia à margem da sociedade, aparece em modo mais claro quando Jesus manda chamar seu marido e ela responde que não tem marido. Jesus concorda com a sua resposta e finaliza acolhendo com ternura a sua condição: “Falaste bem: ‘não tenho marido’, pois tiveste cinco e o que agora tens, não é teu marido; nisto falaste a verdade” (*Jo* 4,17-18). A mulher o reconhece e o proclama profeta. Em seguida, a mulher conduz o assunto sobre a questão que Judeus e samaritanos veneravam Deus em lugares diferentes. Jesus lhe explica que “Deus é Espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em Espírito e verdade” (*Jo* 4,24). Já no livro do Deuteronômio é Javé quem escolhe o lugar para sua própria adoração: “Pelo contrário: busca-lo-eis somente no lugar que Iahweh vosso Deus houver escolhido, dentre todas as tribos, para aí colocar o seu nome e aí fazê-lo habitar” (*Dt* 12,5). Embora a mulher não entenda tudo isso, quer participar deste culto verdadeiro e revela a sua expectativa messiânica embora fosse diversa daquela dos judeus:

⁵⁶ KONINGS Johan. *Evangelho segundo João, amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2000, p. 140.

⁵⁷ WEILER Lúcia. Jesus e a samaritana. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-America*. Petrópolis; São Leopoldo n.15. 1993/2, p. 99.

⁵⁸ Em prática Jesus rompe com dois tipos de preconceito; Ele sendo homem judeu fala com uma mulher e ao mesmo tempo fala com alguém que é samaritana e portanto inimiga dos judeus.

“Os samaritanos não esperavam um messias descendente de Davi, já que se separaram da casa de Davi (1Rs 12,16), mas um profeta como foram suas figuras mais queridas, Moisés e Elias.”⁵⁹ Jesus, ao perceber a esperança messiânica da samaritana, revela a ela a sua identidade: “Sou Eu que falo contigo” (*Jo* 4,26).

Nesse momento os discípulos voltam da cidade e encontram Jesus falando com a mulher. Ainda que achem essa atitude de Jesus estranha, ninguém se atreve a perguntar a Jesus porque estava falando com ela. A samaritana vai embora sem levar o balde com água (*Jo* 4,28). Depressa vai até a cidade e se torna uma missionária anunciadora de Jesus: “Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz. Não seria Ele o Cristo?” (*Jo* 4,29). Assim, a partir do anúncio da Samaritana, todos da cidade vão ao encontro de Jesus e acreditam Nele graças ao testemunho da mulher que foi recebida e acolhida pelo Mestre. Assim João atesta: “Muitos samaritanos daquela cidade acreditaram nele, por causa da palavra da mulher que atestava: ‘Ele me disse tudo o que fiz’” (*Jo* 4,39).

Desse modo, a mulher que era discriminada no tempo de Jesus, é por Ele acolhida e valorizada e se torna missionária, anunciadora e testemunha de que o Messias já estava presente.

Outra perícopete revela o quanto Jesus foi contra a mentalidade de seu tempo em relação ao tratamento com as mulheres: *Jo* 8,2-11. Neste texto Jesus viola um preceito legal, de apedrejar quem fosse pega em adultério, ao perdoar essa mulher surpreendida em flagrante delito. A mulher adúltera não tinha ou nem se quer era chamada pelo próprio nome; fala-se apenas em “uma certa mulher surpreendida em adultério” (*Jo* 8,3).

O episódio acontece no templo onde Jesus está ensinando o povo. Os escribas e fariseus, preocupados com o cumprimento das leis muito mais que com o bem estar das pessoas, levam até Jesus a mulher surpreendida em adultério também com o intuito de pô-lo à prova. Os acusadores colocam a mulher diante de Jesus sem dar se quer a mínima possibilidade de defesa; a acusação é grave, a sua sorte está lançada; todos os acusadores aguçados querem apedrejá-la. O evangelista não põe nenhuma palavra na boca da mulher, que passivamente espera pela condenação.

Jesus também é provado: “Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante delito de adultério. Na lei, Moisés nos ordena apedrejar tais mulheres. Tu, porém, que dizes?” (*Jo* 8,4-5). “O problema que os fariseus lhe apresentam é parecido com a moeda do tributo de César, em Lucas. Se Ele autoriza a morte, transgride a lei romana que não permitia aos judeus aplicar

⁵⁹ KONINGS, op. cit. p. 144.

a pena capital. Se aconselha a compaixão, transgride a Lei de Moisés.”⁶⁰ Como diz aquele velho ditado popular, Jesus estava entre a cruz e a espada. Mas Ele remeterá aos seus interlocutores a questão, fazendo com que estes reflitam sobre a condição de pecadores da qual eles também faziam parte.

Jesus está sob pressão. Ou concorda com os escribas e fariseus condenando definitivamente a pecadora, ou Ele mesmo começa aos poucos ser condenado pelas suas atitudes. Jesus não cede às pressões, permanece firme na sua missão; Ele de fato não veio para condenar ninguém, mas para salvar a todos. “Se alguém ouvir minhas palavras e não as guardar, eu não o julgo, porque não vim para julgar o mundo, mas para salvar o mundo” (*Jo* 12,47). Mas “como persistissem em interrogá-lo, ergueu-se e lhes disse: ‘Quem dentre vós que não tem pecado, seja o primeiro a atirar uma pedra!’” (*Jo* 4,7). Assim Jesus vai aos poucos fazendo com que todos reflitam e que todos se dêem conta de que não estão em grau de condenar ninguém, nem mesmo a mulher que foi surpreendida em adultério.

O diálogo entre Jesus e a pecadora continua. “Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou? Disse ela: Ninguém Senhor” (*Jo* 8,10). Somente Jesus permanece com ela, Aquele que não condena. “Disse então Jesus: ‘Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais’” (*Jo* 8,11).

Assim Jesus mostra que a pessoa é mais importante que a lei e que Ele não veio para condenar. A mulher marginalizada pela sua condição social de ser mulher e ainda adúltera, em um grande gesto de amor de Jesus, é perdoada. Jesus, ao acolher a pecadora, lhe restitui a dignidade. Este gesto de Jesus mais uma vez causou escândalo em muita gente, mas Ele pouco ou nada se importou com isso, ou pelo menos nada disso o texto afirma. Importou-se sim em elevar a categoria das mulheres que eram marginalizadas. Com o seu perdão dá à mulher a possibilidade de começar tudo de novo, em uma nova vida.

A atitude de Jesus mostra que seu critério único é o amor. Jesus rompe com os preconceitos. Um momento novo começa para a mulher adúltera a partir do encontro com Jesus pois com o perdão dos pecados, Jesus deu a ela uma nova chance para recomeçar: “Vai, e de agora em diante não peques mais” (*Jo* 8,11).

Na comunidade Joanina, encontramos vários elementos que apontam para a valorização da mulher. No Quarto Evangelho existem poucas informações sobre os cargos eclesiásticos, no entanto: “Ofereceram-lhe aí um jantar; Marta servia e Lázaro era um dos que estavam à mesa com ele” (*Jo* 12,2). Portanto, Marta estava exercendo a diaconia, ou seja

⁶⁰ BROWN, Raymond E. *Evangelho de João e Epístolas*. São Paulo: Paulinas, 1975. p. 77.

estava servindo. O servir era próprio da mulher no tempo de Jesus. “Na comunidade Joanina a mulher poderia exercer uma função que em outras igrejas era função de pessoa “ordenada””.⁶¹ Isso já acontecia na teologia paulina. Percebemos isso nas cartas aos Coríntios: “Mas toda mulher que ore ou profetize com a cabeça descoberta, desonra sua cabeça; é o mesmo que ter a cabeça raspada” (1Cor 11,5). Portanto, a mulher com a incumbência de profetizar. Mas a comunidade Joanina havia dado passos largos e quebrado preconceitos que nem todos tinham conseguido quebrar na Igreja primitiva.

Já vimos também neste capítulo a importância que a Samaritana teve para que seu povo acreditasse em Jesus (Jo 4,1-42). Na oração sacerdotal Jesus assim reza: “Não rogo somente por eles, mas pelos que, por meio de sua palavra, crerão em mim” (Jo 17,20). Nesse sentido, o papel missionário da samaritana adquire uma importância ainda maior. “O evangelista pode descrever tanto a mulher quanto os discípulos (presumivelmente homens) na Última Ceia como dando testemunho de Jesus através da pregação, levando assim o povo a crer nele em virtude de sua palavra.”⁶² A Samaritana, portanto, foi missionária pois foi através dela que os samaritanos vieram a acreditar na Messianidade de Jesus. Ela semeou para que outros pudessem colher. “Eu vos enviei a ceifar onde não trabalhastes; outros trabalharam e vós aproveitastes os seus trabalhos” (Jo 4,38). A evangelização de um povo confiado a uma mulher, a samaritana, é sem dúvida uma grande novidade: “A versão Joanina que narra a evangelização da Samaria pode ser considerada extremamente revolucionária. Uma mulher, marginalizada por ser mulher e por ser samaritana, torna-se evangelizadora dentro de sua própria cultura e a partir dela.”⁶³

Ainda no contexto da valorização da mulher como missionária na comunidade Joanina, fundamental é a passagem de Jo 20,2-18, pois Maria Madalena teve o privilégio de ser a primeira pessoa a ver o Senhor ressuscitado. Coube a Maria Madalena ter o encontro com o Senhor ressuscitado. Desolada próximo do sepulcro vazio ela reconhece o Senhor Ressuscitado ao ser chamada pelo próprio nome. Na passagem do Bom Pastor (Jo 10), é dito que as ovelhas reconhecem a voz do seu pastor. A missão de anunciar Jesus foi-lhe dada pelo próprio Cristo: “Jesus lhe diz: Não me retenhas, pois ainda não subi ao Pai. Vai porém a meus irmãos e dize-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus” (Jo 20,17). Diante disso, Maria Madalena vai imediatamente levar a todos a Boa Nova da Ressurreição do Senhor. Missão nobre e privilegiada concedida a uma mulher. Todo o anúncio apostólico que

⁶¹ BROWN, Reymond E. *A comunidade do discípulo amado*. 5 ed. São Paulo: Paulus, 2006. p. 197.

⁶² BROWN, R.E. op. cit. p. 198.

⁶³ WEILER Lúcia. Jesus e a samaritana. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 15, 1993/2, p. 102.

virá depois feito pelos apóstolos, terá sempre como tema principal a ressurreição de Jesus. “O fato de dar a uma mulher o papel tradicionalmente associado com Pedro pode muito bem ser uma ênfase deliberada da parte de João, porque temos também um exemplo de substituição na narrativa de Lázaro, Maria e Marta.”⁶⁴ De fato, nos Sinóticos, a confissão solene em Jesus, foi feita por Pedro: “Tu és o Cristo o Filho de Deus.” João coloca esta confissão nos lábios de uma mulher, Marta, a irmã de Maria e Lázaro (*Jo* 11,27).

A valorização às mulheres por parte da comunidade Joanina se revela nos dois fatos mostrados acima: A suprema confissão de que Jesus é o Filho de Deus foi feita por uma mulher e mais; após a sua ressurreição Ele apareceu primeiramente a uma outra mulher. Isto não subtrai a importância da autoridade eclesiástica que estava em Pedro e nos demais apóstolos, mas João vai mostrando que o mais importante é ser discípulo do Senhor. Esta é a categoria mais importante para João, isto é ser discípulo ou discípula.

Nesta mesma ótica é que aparece também a Mãe de Jesus. No episódio das Bodas de Caná, ela se revela como discípula: “Sua mãe disse aos serventes: ‘Fazei tudo o que Ele vos disser’” (*Jo* 2,5). Embora antes Jesus pareceria ter ficado alheio à preocupação de sua mãe com a falta de vinho, depois acaba por atender a sua vontade. No entanto, é ao Pai que busca obedecer: “Minha hora ainda não chegou” (*Jo* 2,4). Brown arremata: “Assim o quarto evangelho concorda com os outros três em que Maria não desempenha nenhum papel no ministério como mãe física de Jesus.”⁶⁵ Da mesma forma ao pé da cruz, é destacado o papel de mãe em relação a missão do discípulo amado; “Jesus então, vendo a sua mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho” (*Jo* 19,26). Assim Maria se torna à mãe do Discípulo Amado. A concepção de família para Jesus vai muito além dos laços de sangue, mas está em fazer a vontade do Pai: “Avisaram-no então: ‘tua mãe e teus irmãos estão lá fora querendo te ver.’ Mas Ele respondeu: ‘Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põe em prática’” (*Lc* 8,20-21). Maria então faz parte da família de Jesus não somente pelos laços de sangue, mas também porque é sua discípula e nisto consiste sua missão.

A Mãe de Jesus, ao pé da cruz, torna-se modelo de discípulo ao lado do discípulo amado, que é o modelo para todos. “Surpreendemo-nos ainda de ver até que ponto na comunidade Joanina as mulheres e os homens já estavam em pé de igualdade no rebanho do Bom Pastor.”⁶⁶ Podemos então concluir que a acolhida diferenciada proporcionada por Jesus à

⁶⁴ BROWN, R.E . op. cit p. 200.

⁶⁵ BROWN, R. E. op. cit. p. 206.

⁶⁶ BROWN, R. E. op. cit., p. 208.

categoria das mulheres foi assumida e levada a sério pela comunidade Joanina. Diante de Jesus a importância não está em ser homem ou mulher, mas sim em ser seus discípulos e discípulas.

No Quarto Evangelho, sete momentos importantes e decisivos contam com a participação das mulheres⁶⁷. Em *Jo* 2,1-11, nas bodas de Caná, é narrada a importância da Mãe de Jesus. Em *Jo* 4,1-42, temos o encontro de Jesus com a samaritana que vai evangelizar a Samaria. Em *Jo* 11,21-27, Marta faz a profissão de fé no Messias, Filho de Deus, no contexto da ressurreição de Lázaro. Em *Jo* 12,1-3, Jesus é ungido para a hora suprema, pelas mãos de Maria, irmã de Marta. Em *Jo* 16,21, a mulher que está para dar a luz, símbolo do sofrimento articulado com alegria, gera o novo. Em *Jo* 19,25-27, João é entregue a Maria e se torna seu filho, enquanto Maria assume a maternidade do discípulo amado. Em *Jo* 20,11-18, Maria Madalena é testemunha ocular da ressurreição do Senhor e faz o primeiro anúncio aos discípulos e comunidade.

As mulheres foram valorizadas por Jesus e igualmente pela comunidade Joanina, a comunidade do discípulo amado. Elas foram valorizadas e, poderíamos dizer que aos poucos iniciou-se um processo de superação da discriminação contra elas.

A atitude de Jesus em relação às mulheres foi inovadora. Ele veio anunciar o seu Reino e no seu Reino há lugar para todos. A postura de Jesus com as mulheres, em sua época, foi sem dúvida revolucionária. Acolher em seu grupo mulheres, em paridade de condições com os homens, era o Reino de Deus colocado em prática. O seu Reino é um Reino onde não há espaço para discriminações. Todos têm lugar. Sua ação para com as mulheres foi sempre de caráter libertador.

Nos textos do Quarto Evangelho acima analisados, percebemos que a acolhida entre Jesus e as mulheres foi recíproca. Enquanto Jesus rompia as barreiras da exclusão, as mulheres em questão respondiam a Ele acolhendo a sua Boa Nova. Elas mostraram-se abertas e receptivas a Jesus e ao anúncio do Reino.

Vinte séculos se passaram. Jesus rompeu o preconceito e a discriminação em relação às mulheres e hoje caminhamos entre avanços e tropeços. Mas as mulheres em nosso tempo continuam caminhando, construindo sua história e vencendo desafios. Por isso, na voz de uma dessas mulheres queremos encerrar este capítulo: “Ser mulher, hoje, é saber lidar com a opressão e libertação; combinar experiências e práxis; no seio da desgraça vislumbrar a superabundância da graça e acenar com segurança à insegurança e ao medo. É saber integrar

⁶⁷ WEILER Lúcia; Jesus e a samaritana. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 15, 1993/2. p.101.

contrastes diferentes, contemplar e discernir, no dilaceramento da cruz, o sopro da ressurreição e, mesmo com gemidos inefáveis, anunciar o parto da Nova Criação que desponta.”⁶⁸

Muitas conquistas foram feitas pelas mulheres e isto é perceptível hoje, seja na vida da Igreja, seja na vida social. No entanto, ainda falta muito caminho para que toda a discriminação seja superada. Jesus, e a seu exemplo a comunidade Joanina, com a sua acolhida e carinho para com as mulheres, supera preconceitos e apesar de causar escândalos em muitos, mostra a estrada que se deve seguir. Dessa forma a categoria das mulheres, marginalizadas no tempo de Jesus, é por Ele acolhida e valorizada.

Portanto, concluindo esse capítulo, vimos que no Quarto Evangelho há uma escatologia realizada, ou seja, as coisas últimas são antecipadas para dentro da história. Com a vinda de Cristo a este mundo, a vida eterna já começou para quem crê; “Quem escuta a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não vem a juízo, mas passou da morte à vida” (*Jo* 5,24). O Reino de Deus se torna uma realidade histórica e para os pobres e marginalizados tem um sabor especial.

Ao estudarmos as categorias de marginalizados no Quarto Evangelho, nos deparamos com uma atitude de Jesus para com todos estes que é recorrente: Jesus dispensa aos marginalizados um olhar, uma atenção e atitudes concretas de compaixão para com eles. Aos famintos dispensa sua atenção provendo-lhes o pão. Aos pecadores demonstra misericórdia e acolhida. Às mulheres valoriza-as acolhendo-as e mostrando sua dignidade de ser humano. Aos doentes restabelece a saúde. O Jesus Joanino não está alheio ao sofrimento dos excluídos e marginalizados e vai ao encontro das necessidades reais das pessoas.

Jesus, no seu agir, revela a face bondosa do Pai que ama seus filhos e que quer que todos tenham vida em abundância e plenitude (cf. *Jo* 10,10). No entanto, demonstra predileção especial para com os mais fracos, os pobres e excluídos. Desde o Êxodo, percebemos que esse é também o modo de agir de Deus para com a humanidade. Esse foi também o exemplo deixado pela comunidade Joanina no final do primeiro século. É o Quarto Evangelho encarnado na história.

A missão que Jesus iniciou continua na Igreja que Ele fundou. O processo de libertação dos pobres e oprimidos, iniciado por Jesus, segue sendo compromisso intransponível para seus seguidores.

⁶⁸ BINGEMER, Maria Clara. *O segredo feminino do mistério*. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 29-30.

3 - O QUARTO EVANGELHO, OS DOCUMENTOS LATINO-AMERICANOS E OS ESTUDOS EXEGÉTICOS NO BRASIL

3.1 – BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA REALIDADE ATUAL NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA

Depois de termos evidenciado as principais categorias de marginalizados no Quarto Evangelho e a atenção de Jesus a eles dispensada, queremos agora voltar o nosso olhar para o contexto latino-americano. Através de alguns tópicos, buscaremos mostrar como está a realidade social em nosso continente, no qual a Igreja está inserida.

A análise da realidade atual na América Latina revela que vivemos uma situação paradoxal: por um lado nos deparamos com o progresso, a tecnologia, a era digital, as riquezas, os avanços da medicina. Por outro lado encontramos uma grande camada da sociedade que vive na miséria, na fome, sem saúde, sem poder acessar às riquezas e sem condições de usufruir dos avanços tecnológicos. Para estes, a realidade exclusão faz parte do cotidiano de suas vidas. Diante desta realidade, enquanto muitos lutam para avançar e para viver com mais dignidade, outros perdem a esperança e resignados não encontram forças para tentar sair de tal situação. Outros ainda acreditam ser esta a vontade de Deus.

Podemos identificar algumas causas que contribuíram para o aumento do número de excluídos na América latina. A modernização que atinge a sociedade mudou a concepção de homem. A autonomia e a liberdade, bem como a subjetividade, são vistos como valores intocáveis. Cresce assim o egoísmo e diminui a preocupação para com os outros.

O processo de exclusão no Brasil também persiste em função da crise da ética e de um processo de modernização mal feito. Tem-se dado demasiada importância para a economia e muitas vezes parece que tudo gira em torno dela. A ausência de valores morais diminuiu a preocupação para com os outros e para muitos os interesses pessoais foram colocados acima de qualquer coisa.

O neoliberalismo é apontado por muitos como o causador principal do aumento de excluídos no Brasil e na América Latina. A instabilidade econômica e social, a insegurança e as incertezas quanto ao futuro do continente são grandes, embora a esperança do povo seja ainda maior. Embora o neoliberalismo tenha vários aspectos positivos como grande progresso tecnológico, aumento da produção e circulação de bens, facilidade e rapidez na comunicação, acordos comerciais entre países, admissão ao investimento estrangeiro, entre outros, a impressão que temos é de que existem medos e incertezas em relação a este fenômeno. Na era da tecnologia, as máquinas substituem a mão-de-obra causando o desemprego, existem riscos concretos de catástrofes climáticas, terrorismo, dependência de outros países, medo da bomba atômica, aumento da violência, corrupção, angústia e insegurança.

A exclusão nasce e persiste porque a sociedade criou mecanismos que criaram condições para isso. Onde há os excluídos, os explorados, há os exploradores. Enquanto alguns enriquecem rapidamente, o número dos que vivem à margem da sociedade também cresce. Para estes não existe muita esperança. As oportunidades não lhes são dadas. Hoje tudo ou quase tudo gira em torno da economia. Muitas vezes as pessoas são valorizadas por aquilo que têm e possuem, mais do que por aquilo que são. A sociedade contemporânea é voltada para a produção e o domínio da natureza. Mas isto nem sempre beneficia as pessoas, pelo contrário, se torna motivo de exclusão para muitos.

A realidade dos excluídos na América Latina é um fenômeno que preocupa a todos. Estes estão à vista de todos e é impossível não se deparar com eles. A expressão máxima da exclusão se dá na mendicância de pessoas que moram nas ruas das grandes cidades, alimentando-se com os restos de comida que é encontrada no lixo.

As pessoas que são vítimas do sistema sócio-econômico, das injustiças, da falta de oportunidades, assumiram diversos rostos: famintos, favelados, desempregados, doentes, moradores de rua, drogados, crianças e idosos abandonados pelas famílias. Estes vivem em condições subumanas longe de ter uma vida digna ou em condições para bem viver. Estes são os últimos da sociedade atual.

No Brasil, assim como na América Latina, a distância entre ricos e pobres sempre foi grande. Vejamos alguns números do final da década de 80: “Os dados estatísticos comprovam o processo de concentração de renda e de marginalização dos pobres. Conforme Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, realizada pelo IBGE em 1989, os 10% mais ricos da população brasileira detinham 53,2% da renda nacional, contra 0,6% dos 10% mais pobres, o que mostra o agravamento da situação, pois em 1981 os 10% mais ricos detinham 46,6% da

renda contra 0,9% dos 10% mais pobres.”⁶⁹ Alguns caracterizam a década de 80 como a década perdida porque houve grande deterioração da qualidade de vida das pessoas. O desenvolvimento da indústria foi muito pequeno. Aliada a isso há uma má distribuição da renda.

Outros dados mais recentes revelam que o problema da indigência permanece: “Conforme os dados do Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA) – atualizados em 16 de fevereiro de 2006 -, a média de pessoas em domicílios que estão abaixo da linha de indigência, a partir de 1976 está em franca ascensão. Em 1993, tínhamos 28,36 milhões de pessoas em domicílios morando abaixo da linha da indigência. Em 2001, na porta de entrada do novo século, tínhamos 25,32 milhões de brasileiros em domicílios morrendo pelas mãos do espectro da fome. Em 2004, passamos a ter 23,24 milhões.”⁷⁰ Esta pesquisa mostra que o número de pessoas em situação de fome chegou a cair, mas ainda continua muito elevado. Enquanto alguns esbanjam bens e a própria comida, outros não têm o básico para sobreviver. Basta para isto ver a distribuição da renda *per capita*: “Essa desigualdade se expressa igualmente no consumo *per capita*. Em 1990 o consumo *per capita* anual dos mais ricos da população foi de 8.615 dólares, enquanto os 10% mais pobres era de 166 dólares e dos 20% mais pobres de 416 dólares. Isto significa que 30% da população brasileira vive em estado de pobreza, ou seja, tem um consumo igual ou inferior a 600 dólares.”⁷¹ Portanto, o problema principal está na má distribuição das riquezas, concentração de renda nas mãos de poucos e nas injustiças sociais e não na falta de bens ou riquezas. Embora países como o Brasil se orgulhem pela democracia, na realidade ela não se realiza onde grandes parcelas da população vivem em estado de miséria e sem os meios necessários para viver.

Os últimos dados do IBGE de 2008 mostram que houve redução do índice de pobreza no Brasil. Isso se deve a uma melhora na distribuição de renda, através de programas sociais como o bolsa-família do governo federal. Nesse período houve também aumento da oferta de empregos melhorando assim o poder aquisitivo das pessoas. Mas a situação está longe de ser o ideal. Alguns governos têm criado políticas públicas para os pobres, mas que na realidade não resolvem a questão, apenas mantêm uma situação social, sem mudar as estruturas: “As alternativas às “novas” expressões da questão social têm sido as políticas voltadas para a pobreza. Entretanto, tais políticas apenas confirmam e legitimam a “subalternização” de

⁶⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação pastoral da igreja no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 72-73.

⁷⁰ FREIRE, Silene de Moraes (Org.). *Direitos humanos. Violência e pobreza na América Latina Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Letra e Imagem, 2007. p. 173.

⁷¹ NEUTZLING, Inácio. A crise de um modelo de desenvolvimento. Notas para uma análise da conjuntura brasileira. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, n. 23. 1991, p. 372.

vastos segmentos por meio de benefícios que não constituem legítima apropriação dos resultados da economia.”⁷²

A Igreja, inspirada na obra de seu fundador Jesus Cristo, está inserida nesta realidade e, empunhando o Evangelho, trabalha pela promoção da pessoa e pelo resgate de sua dignidade. O cristão, no cumprimento de seus deveres, não fica alheio a esta situação e trabalha pela mudança e pela construção do Reino.

Sem excluir ninguém, a Igreja fez por estes uma opção clara. “Os pobres merecem uma atenção especial, seja qual for a situação moral ou pessoal em que se encontrem. Criados à imagem e semelhança de Deus para serem seus filhos, esta imagem jaz obscurecida e também escarnecida. Por isso Deus toma a sua defesa e os ama.”⁷³ Dessa forma os pobres e excluídos são os destinatários principais da evangelização da igreja.

3.2 – O QUARTO EVANGELHO E OS DOCUMENTOS LATINO-AMERICANOS

Após verificarmos o contexto social no qual a Igreja latino americana está inserida, buscaremos evidenciar, através da leitura dos Documentos das Conferências do Episcopado latino americano, se estes contemplam o Quarto Evangelho ao tratar do tema do pobre e do marginalizado. Os Documentos citam o Quarto Evangelho? Há uma correta compreensão do nosso evangelho, ao ser abordada a problemática do pobre e do marginalizado na América Latina?

A reflexão em torno da questão dos excluídos no Magistério da Igreja toma força a partir do Concílio Vaticano II, pois este inaugurou um novo tempo na história da Igreja. João XXIII, ao convocar o Concílio, destaca o desejo de dialogar com o homem contemporâneo e de caminhar ao seu lado atualizando a mensagem cristã. “Suas metas principais seriam: o desenvolvimento da fé católica, a renovação da vida cristã dos fiéis, a adaptação da disciplina eclesial às exigências da época recente.”⁷⁴ Dessa forma, a realidade dos excluídos e

⁷² FREIRE, Silene de Moraes. op. cit. p. 152.

⁷³ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, Puebla 1142.

⁷⁴ SANTOS, Manoel Augusto (Org). *Concílio Vaticano II. 40 anos da Lumen Gentium*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005. (Col. Teologia 27). p. 8

marginalizados não podia ficar de fora. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, ao tratar da Igreja no mundo de hoje, aborda o problema da pobreza. “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS, 1). Por isso, a Igreja da América Latina não pode não se angustiar com o problema dos excluídos nos dias atuais. O Concílio busca dialogar com o mundo mostrando a importância e o valor do Evangelho também em nossos tempos.

A Igreja tem como tarefa principal o anúncio da mensagem cristã. Esta mensagem jamais é separada do contexto e da realidade da pessoa. Por isso ela nunca fica alheia aos problemas sociais, pois dizem respeito ao seu bem estar e à sua dignidade. O fundamento desta verdade está em Cristo que se encarnou na história e assumiu a condição humana. E ainda que, embora Ele não tenha excluído ninguém, se identificou com os pequenos e oprimidos, assumindo a sua causa. Assim é o Deus de Jesus Cristo: “Depôs poderosos de seus tronos e a humildes exaltou” (Lc 1,52).

O Concílio Vaticano II, ao entrar em diálogo com o mundo contemporâneo, reconhece nele muitos elementos bons que dignificam o homem, principalmente no que toca a relação de domínio do homem sobre a natureza. No entanto, não faltam preocupações. “Não poucos homens, sobretudo nas regiões economicamente desenvolvidas, parecem como que dominados pela realidade econômica, de tal modo que toda a sua vida pessoal e social é impregnada de um certo espírito de lucro, tanto nas nações que favorecem a economia coletivista quanto nas outras” (GS, 63). A Igreja demonstra preocupação, pois este sistema fatalmente leva muitos à exclusão, às custas do trabalho de outros. Os empobrecidos resultam, não da falta de bens ou riquezas, mas sim de um sistema econômico injusto e de uma visão distorcida da pessoa que é vista a partir de sua capacidade de produzir bens.

A Igreja da América Latina incorpora o espírito do Concílio Vaticano II e traduz para esta realidade as questões lá levantadas. Veremos nos documentos de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida que a opção da Igreja para com os pobres se torna explícita.⁷⁵ Há uma continuidade entre as diversas conferências embora realizadas em tempos bem diferentes: “Esta V Conferência Geral se celebra em continuidade com as outras quatro que precederam no Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. Com o mesmo espírito

⁷⁵ Em nosso estudo, não vamos tratar da Conferência do Rio de Janeiro.

que as animou, os pastores querem dar agora um novo impulso à evangelização.”⁷⁶ Os Bispos falam em continuidade, pois os princípios cristãos são os mesmos, mas têm consciência que muitas coisas mudaram na sociedade entre a realização de uma conferência e outra.⁷⁷

Através de seus Documentos e Conferências a Igreja mostra-se inserida na realidade em que se encontra e nunca esteve alheia ou indiferente ao problema da exclusão e das injustiças sociais. Isto já fica claro desde a Conferência de Medellín: “O Episcopado Latino-Americano não pode permanecer indiferente ante as tremendas injustiças sociais, existentes na América Latina, que mantêm a maioria de nossos povos em uma dolorosa pobreza, chegando, em muitíssimos casos, a ser inumana miséria.”⁷⁸ A Conferência de Medellín tratou de toda a problemática do homem que vive neste continente e do paradoxo em que se encontra. O desenvolvimento e as transformações caminham lado a lado com as injustiças sociais, a violência e a pobreza. A temática dos excluídos teve grande destaque no Documento. “É o próprio Deus, que na plenitude dos tempos, envia seu filho para que, feito Carne, liberte a todos os homens de todas as escravidões a que foram submetidos pelo pecado: a fome, a miséria, a opressão e a ignorância, numa palavra a injustiça que tem origem no egoísmo humano (*Jo 8,32-34*)”⁷⁹. O Documento fala em trabalhar para o desenvolvimento das pessoas; passar de condições de vida menos humanas para condições de vida mais humanas. Para que isso aconteça é necessário construir a paz, mas antes é necessário criar uma ordem social justa, superando as injustiças sociais presentes no continente.

A terceira Conferência do Episcopado Latino-Americano, ocorrido em Puebla, no México, teve como tema a evangelização no presente e no futuro da América Latina. A Conferência de Puebla não hesita em afirmar seu compromisso com o pobre: “Comprometidos com os pobres, condenamos como anti-evangélica a pobreza extrema que afeta numerosíssimos setores em nosso continente. Envidamos esforços para conhecer e denunciar os mecanismos geradores dessa pobreza.”⁸⁰ Há um grande comprometimento da Conferência para com os pobres que são colocados como destinatários e sujeitos privilegiados da evangelização.

⁷⁶ Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições Cnbb; São Paulo: Paulus; São Paulo: Paulinas, 2007. p. 270.

⁷⁷ As Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano foram Cinco: Em 1955 no Rio de Janeiro, Brasil, em 1968 a Conferência de Medellín na Colômbia, em 1979 realizou-se a Conferência de Puebla no México. Em 1992 foi realizada a Conferência de Santo Domingo e por fim no ano de 2007 a Conferência de Aparecida aqui no Brasil.

⁷⁸ Conclusões de Medellín, p. 94.

⁷⁹ Conclusões de Medellín, p. 9.

⁸⁰ Conferência do Episcopado Latino-Americano. Puebla. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 280.

Desejando a concretização de uma nova evangelização a partir da fé em Jesus Cristo, voltada para o homem em sua situação real, realizou-se a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em outubro de 1992 em Santo Domingo. Em seu discurso inaugural, o Papa João Paulo II lembra que a promoção humana é a consequência lógica da evangelização, pois o homem não é abstrato mas concreto. Após 500 anos do início da primeira evangelização em nosso continente, agora busca-se resgatar e revalorizar a história dos indígenas e afro-americanos, oprimidos e marginalizados durante tanto tempo.

A V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe foi realizada em Aparecida, no Brasil em 2007. Aparecida fez sua opção preferencial pelos pobres: “Hoje queremos ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres feita nas Conferências anteriores. Que seja preferencial implica que deva atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais. A igreja Latino-Americana é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e justiça entre os nossos povos.”⁸¹ A Conferência aconteceu em torno do consenso de que estamos vivendo um tempo de profundas transformações. Não é apenas uma época de mudanças, mas uma mudança de época. A experiência religiosa é eclética e difusa. Assim a Conferência quis apresentar uma proposta significativa para o homem de hoje.

A Igreja tem como destinatários de sua missão todos os homens e mulheres, mas especialmente àqueles que lhes é negada a dignidade. Ela manifesta a sua predileção pelos últimos assim como Deus Pai, através de seu filho Jesus Cristo, manifestou esta mesma predileção. É especialmente para eles que foi proclamada a Boa-Nova da libertação: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres” (*Lc* 4,18). Os documentos desejam fazer da fé e dos princípios evangélicos fermento de transformação social. A Igreja se coloca a serviço do homem em obediência a Cristo que veio para servir e não para ser servido (*Jo* 13,14).

Os documentos buscam identificar as causas sociais que levam à marginalização: “Ao analisar mais a fundo tal situação, descobrimos que esta pobreza não é uma etapa casual, mas sim o produto de determinadas situações e estruturas econômicas, sociais e políticas, embora haja também outras causas da miséria.”⁸² Este mesmo documento irá também dar rosto para algumas das categorias de marginalizados: crianças golpeadas pela pobreza, Jovens desorientados, indígenas, camponeses, operários mal-remunerados, subempregados, desempregados, anciãos, famintos, moradores de rua, drogados, presos, mulheres, migrantes,

⁸¹ Conferência do Episcopado Latino-Americano. *Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus; São Paulo: Paulinas, 2007. N. 396.

⁸² PUEBLA n. 30.

prostitutas. Estas são algumas categorias a que a Igreja dará atenção especial, buscando conduzi-las a uma vida digna. Trabalhar pela promoção da vida e sua dignidade permanece sendo o objetivo da Igreja e de seus pastores. “Eu vim para que tenham a vida, e a tenham em abundância” (*Jo 10,10*).

A função primordial da Igreja é a Evangelização mas não prescinde da preocupação com a promoção humana, pois o evangelho é sempre encarnado dentro de uma realidade concreta. Somente Cristo e o seu Evangelho são capazes de libertar a pessoa humana: “Entre evangelização e promoção humana, desenvolvimento, libertação, existem de fato laços profundos: laços de ordem antropológica, pois o homem é concreto no mundo, laços de ordem teológica porque não se pode dissociar o plano da Criação do plano da Redenção e, portanto deve ser combatida a injustiça e instaurada a justiça por uma ordem justa; laços evangélicos pela caridade que promova a justiça e o progresso do homem.”⁸³

Há empenho para continuar o caminho de renovação, empreendido e iniciado pelo Concílio Vaticano II. Ao mesmo tempo a Tradição da Igreja Latino-Americana foi mantida e fortificada em todas as Conferências, mostrando que está atenta à realidade e ao contexto do qual faz parte.

Em todas as Conferências, a temática do pobre e do excluído esteve presente, na medida em que a Igreja assume a opção preferencial pelos pobres. Embora o Quarto Evangelho seja pouco citado nos Documentos, verificamos que há uma correta compreensão do nosso Evangelho, pois, ao se fazer isso, leva-se em conta a dimensão histórica e concreta da salvação e a dimensão concreta do Quarto Evangelho.

3.2.1 – Medellin

A opção preferencial pelos pobres, assumida pela Igreja da América Latina fez os pobres e excluídos redescobrirem a sua própria dignidade. A base dessa dignidade, que se encontra em Deus e na sua opção quase que escandalosa pelos excluídos, sempre foi realizada por Ele no decorrer da história, mas muitas vezes foi esquecido inclusive pela Igreja que não lhes dava a devida atenção conforme exige o Evangelho. Medellin fez história reafirmando

⁸³ SANTO DOMINGO n. 131.

essa opção para humanizar o homem: “A Igreja da América Latina, dadas as condições de pobreza e subdesenvolvimento do continente, sente a urgência de traduzir esse espírito de pobreza em gestos, atitudes e normas, que a tornem um sinal mais lúcido e autêntico do Senhor.”⁸⁴ A missão confiada por Cristo à Igreja deve ser traduzida em gestos concretos de solidariedade, de compromisso e de esforço para a superação da situação de exclusão na América Latina. Esse foi o compromisso assumido por Medellín. A Igreja tem consciência de que quem tem fome não pode esperar. De que quem está excluído precisa ser resgatado. Denunciando a injustiça e a opressão, a Conferência mostra-se solidária para com os pobres pois assume a sua causa.

A Conferência centralizou sua atenção no homem Latino-Americano e no momento histórico em que este vive. Medellín toma consciência do clamor de milhões de irmãos oprimidos e marginalizados e que essa, de forma alguma, poderia corresponder à vontade de Deus. A Igreja latino-americana começou a se sentir desafiada diante de uma situação, na qual reconheceu grandes contradições com a vontade de Deus. Diante desta situação Medellín não se cala, mas levanta a voz. Ela reassume a sua condição profética, entusiasmando alguns e escandalizando outros. A Igreja, que durante séculos tinha aparecido somente como guardiã de uma situação estabelecida, revela-se como aliada daqueles que nunca tiveram aliados, os pobres.

Diante da situação de exclusão de milhões de pessoas na América Latina e diante da necessidade de seguimento a Cristo que assumiu a causa do pobre assim Medellín faz sua opção: “Cristo nosso salvador, não só amou os pobres, mas também sendo rico se fez pobre, viveu a pobreza, centralizando sua missão no anúncio da libertação aos pobres e fundou a sua igreja como sinal dessa pobreza entre os homens.”⁸⁵ A Igreja, a partir disso, assume a causa do pobre, do excluído como uma missão, uma vocação recebida do próprio Cristo. Paulo VI, no discurso de abertura da Conferência, afirma que “A pobreza da Igreja e de seus membros na América Latina deve ser sinal e compromisso. Sinal do valor inestimável do pobre aos olhos de Deus; compromisso de solidariedade com os que sofrem.” Os Bispos se propõem a aproximar-se dos pobres com verdadeira solidariedade e sincera fraternidade. Os excluídos são para a Igreja exemplo de solidariedade. E mais uma vez falam em despertar as pessoas para que se conscientizem do grave dever de assumir a causa dos marginalizados. E como fazer isso? “Isto há de se concretizar na denúncia da injustiça e da opressão, na luta contra a

⁸⁴ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Medellín*. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 1979. (Col. Sal e Terra), p.146.

⁸⁵ Idem, p. 145.

intolerável situação suportada freqüentemente pelo pobre, na disposição de dialogar com os grupos responsáveis por essa situação, para fazê-los compreender suas obrigações.”⁸⁶ No Quarto Evangelho vemos essa constante atitude de indignação de Jesus por ver a opressão a que seu povo era submetido. Sua atitude foi a de enfrentar os opressores. A Conferência de Medellin aponta a promoção humana como linha de ação em favor do pobre. Portanto, não se trata de dar esmolas, mas de promover os pobres e excluídos para que, no resgate se sua dignidade, retomem, ou reconquistem aquilo que de direito lhes pertence.

É missão da Igreja assumir a causa do pobre: “O Episcopado Latino Americano não pode ficar indiferente ante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina, que mantém a maioria de nossos povos numa dolorosa pobreza, que, em muitos casos, chega a ser miséria desumana.”⁸⁷ Esta afirmação já é uma tomada de posição e uma defesa destes que são considerados os injustiçados e excluídos da sociedade. O clamor dos oprimidos se levanta e a igreja não pode ficar indiferente diante disso. Todos os homens devem trilhar um caminho de conversão e de luta pela promoção humana e para que o Reino de paz e de justiça se realize agora.

O tema dos excluídos em Medellin perpassa todo o documento na medida em que fala sempre na promoção humana e na libertação integral do homem Latino-Americano. A fundamentação doutrinária desta posição da Conferência está em Cristo e no seu Evangelho, bem como em Deus que por amor criou o homem à sua imagem e semelhança: “Sob essa luz, toda obra divina na história da salvação é uma ação de promoção e de libertação humana que tem como único objeto o amor.”⁸⁸ Nesse sentido, a Igreja assume a causa dos oprimidos trabalhando pela sua libertação como resposta ao amor de Cristo. É no amor de Cristo que a igreja encontra sua força libertadora e busca superar as injustiças trabalhando sempre a favor da vida. “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (*Jo* 10,10). É sob este impulso que a Igreja atua. Há uma preocupação constante com a promoção da pessoa e o seu bem-estar social e familiar.

Abordando o tema da paz, a Conferência de Medellin toma consciência que a situação de injustiça presente no continente americano conspira contra esta desejada paz. A Conferência afirma que no continente existem diversas formas de marginalização: Política,

⁸⁶ Idem, p. 147.

⁸⁷ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Medellin*. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 1979. (Col. Sal e Terra), p. 143.

⁸⁸ Idem, p. 11.

econômica, racial, religiosa, cultural e fala principalmente na categoria dos pobres⁸⁹. Afirma que as desigualdades entre as classes sociais são excessivas e afirma ainda que há opressão de grupos sobre outros. Nesse ambiente a paz fica comprometida, pois não existe paz onde não há justiça. Mas o documento afirma que os setores oprimidos da América latina estão em crescente tomada de consciência quanto aos seus direitos e possibilidades de mudanças efetivas da realidade.

O ponto de partida é que a nossa sociedade é uma sociedade de classes: opressores-oprimidos, ricos-pobres, dominadores-dominados. Ao tomar consciência da realidade e opor-se a ela, os oprimidos estão contribuindo para a construção da paz. É verdade porém que esta tomada de consciência criará por vezes muitas tensões. Estas tensões poderão ultrapassar as fronteiras dos próprios países. Já a *Populorum Progressio* de Paulo VI denunciou o nacionalismo exacerbado de alguns países e a exagerada preocupação armamentista de outros. Isto se torna escandaloso principalmente em países onde povos padecem fome e vivem na miséria. O Documento de Medellin, trazendo presente os ensinamentos do Concílio Vaticano II, especialmente da *Gaudium et Spes*, sublinha que a paz é obra da justiça (n. 73), que a paz é uma tarefa e uma construção permanente (n. 78) e que ela é fruto do amor (n. 78). A paz e a justiça andam lado a lado: “Se o cristão acredita na fecundidade da paz como meio de chegar à justiça, acredita também que a justiça é uma condição imprescindível para a paz”⁹⁰. Sem justiça não há paz social e nem paz nas pessoas individualmente. Ao mesmo tempo a Conferência alerta para a tentação da violência de um povo que durante tantos anos suportou a situação de exclusão e opressão. O sub-desenvolvimento latino-americano é uma injusta situação que causa tensões em nossos povos.

Ao pensar a paz, o Documento de Medellin a pensa em três notas: a paz é antes de tudo obra da justiça, ou seja, para construir a paz é preciso criar uma ordem justa na sociedade onde todos sejam tratados com dignidade. A paz é tarefa permanente, ela deve ser construída. E por fim, a paz é fruto do amor e ela só existe na sua plenitude em Cristo: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá” (Jo 14,27).

No entanto, constata-se na América Latina um preocupante cenário de violência. “Não se pode ignorar que a América Latina se encontra em muitas partes diante de uma situação de injustiça que pode chamar-se de violência institucionalizada, porque as estruturas atuais

⁸⁹ Os pobres no Documento de Medellin são citados em abundância, mas os termos marginalizados ou excluídos são pouco citados. Não fica claro se o pobre é só o economicamente pobre ou se tem o mesmo significado do Evangelho de João, onde o pobre é também o enfermo, o excluído, o desprezado.

⁹⁰ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Medellin*, p. 31.

violam direitos fundamentais, situação que exige transformações globais.”⁹¹ Nesse contexto há o perigo da violência a partir da tomada de consciência de um povo ferido em sua dignidade. O cristão deve trabalhar pela construção da justiça e da paz em modo pacífico. De forma alguma a violência deve ser combatida com mais violência.

A Conferência de Medellín não se exime de sua responsabilidade na construção da paz: “Cremos que o Episcopado latino-americano não pode deixar de assumir responsabilidades bem concretas, porque criar uma ordem social justa, sem a qual a paz é ilusória, é uma tarefa eminentemente cristã”⁹². Trabalha-se principalmente em favor dos excluídos e marginalizados, pois eles são o fruto de uma sociedade injusta que não oferece condições para se desenvolver e viver com dignidade. “A luta contra a miséria é a verdadeira guerra que devem travar nossas nações”⁹³.

Diante do quadro de tensões que atentam contra a paz, o Documento lança alguns apelos aos cristãos: criar uma viva consciência da justiça, defender os direitos dos pobres e injustiçados, favorecer organizações de base que trabalhem contra as injustiças, criar uma consciência solidária.

O compromisso da Igreja é com todos os homens na sua totalidade, mas fica sempre claro que os primeiros privilegiados pela sua missão são os pobres, os excluídos, pois são eles que mais necessitam dela. Os Jovens, muitas vezes também excluídos, com suas atitudes em relação à Igreja se tornam profetas, pois fazem a Igreja repensar a sua identidade e as suas opções. Os Jovens desafiam a Igreja a ser coerente com o Evangelho e seu fundador, Jesus Cristo. Até mesmo quando a Conferência de Medellín discorre sobre a pastoral das elites revela que estes devem ser educados para a atenção em relação aos menos favorecidos; também quem faz parte das elites deve trabalhar para que aconteça a transformação social. Pela sua condição de cristãos não podem apenas trabalhar para manter o *status quo*. Para as elites, a recomendação pastoral da Conferência diz que “É necessário animar, dentro das elites, as minorias comprometidas, criando – enquanto possível – equipes de base que façam uso da pedagogia da revisão de vida.”⁹⁴ Ou seja, o Documento chama esses para a responsabilidade diante da situação de necessária transformação da América Latina. É preciso acordar para os deveres e princípios cristãos. Estes se tornam missionários para as demais pessoas. As elites são chamadas a trilhar o caminho da conversão, da mudança de vida.

⁹¹ Idem, p. 21.

⁹² CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Medellín*, p. 33.

⁹³ Idem, p. 35.

⁹⁴ Idem, p. 79.

Para buscar o desenvolvimento do continente latino-americano e a conseqüente superação do contexto de injustiças e exclusões, os Bispos apontam a educação como elemento decisivo. A realidade é assim apresentada: “Existe, em primeiro lugar, o vasto setor dos homens “marginalizados” da cultura, os analfabetos e especialmente os analfabetos indígenas, privados por vezes até do benefício elementar da comunicação por meio de uma língua comum”⁹⁵. Todos são chamados à responsabilidade a fim de que os marginalizados alcancem sua libertação. É necessário criar condições para que estes façam seu caminho. A Conferência propõe uma educação libertadora e, citando a *Populorum Progressio*, diz que essa deve elevar a pessoa de condições de vida menos humanas para condições mais humanas. Portanto, também em nível educacional, os Bispos vêem um caminho privilegiado para a superação da exclusão dos povos latino-americanos: “Como toda libertação já é uma antecipação da plena redenção de Cristo, a Igreja da América Latina sente-se particularmente solidária com todo esforço educativo tendente a libertar nossos povos”⁹⁶. É preciso criar um espírito de solidariedade. Onde há boa distribuição dos frutos do progresso, todos são beneficiados e não há espaço para a exclusão. A Conferência pensa a educação como um instrumento de transformação da realidade latino-americana.

A conversão é indicada pela Conferência de Medellín como o motor que poderá levar as pessoas a buscar a mudança das injustas estruturas e a conseqüente promoção humana. Promover o homem é colocá-lo em condições de viver uma vida digna, onde tenha no mínimo as suas necessidades básicas e elementares satisfeitas: que não padeça a fome, tenha uma boa moradia, possa vestir-se, tenha um emprego. Há consciência de que a Igreja é vista por muitos como rica e que está ao lado dos poderosos. O documento esclarece que “com muita freqüência se confunde a aparência com a realidade”⁹⁷. Embora a Igreja disponha de muitos imóveis, as paróquias, dioceses e o próprio clero vivem pobres e com muitas privações. No entanto permanece a dúvida, pois, muitos membros do clero não compartilham no dia a dia a pobreza e a miséria de tantos irmãos, conseqüentemente esta imagem deformada permanece.

O Documento de Medellín distingue três tipos ou modos de pobreza: A pobreza de bens deste mundo, necessários para uma vida digna é um grande mal, pois quase sempre são fruto de injustiças e da ganância de alguns. Diferente é a pobreza espiritual que é uma atitude de abertura para Deus, de confiança Nele. As pessoas que vivem esta condição valorizam os bens deste mundo por ter consciência da necessidade dos bens materiais, mas não são

⁹⁵ Idem, p. 47.

⁹⁶ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Medellín*, p. 51.

⁹⁷ Idem, p. 143.

apegados a ele. E por fim, o Documento mostra a pobreza como compromisso de pessoas ou instituições que assumem voluntariamente esta condição por amor do próximo e do Reino e para testemunhar o mal que ela representa. Assim, uma Igreja pobre, em primeiro lugar, denuncia a carência injusta dos bens deste mundo. Em segundo lugar, prega e vive a pobreza espiritual como abertura para Deus e, em terceiro lugar, compromete-se ela mesma com a pobreza material, seguindo o exemplo de Cristo que sendo rico se fez pobre. Todos os cristãos são chamados a viver a pobreza evangélica.

Em última instância, o que produzirá um mundo melhor para se viver é o amor: “Cremos que o amor a Cristo e aos nossos irmãos seja não só a grande força libertadora da injustiça e da opressão, senão também a inspiradora da justiça social, entendida como concepção da vida e como impulso para o desenvolvimento integral de nossos povos.”⁹⁸ O impulso vem de Deus que enviou seu filho ao mundo para libertar o homem de todas as escravidões causadas pelo pecado: fome, opressão, ignorância, miséria, injustiça (*Jo 8,32-34*).

A Igreja, no cumprimento de sua missão, além de buscar ser fiel ao homem de hoje, quer sempre se espelhar em Cristo que por primeiro deu o exemplo: “Assim, a Igreja, continuadora da obra de Cristo, que sendo rico se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (*2 Cor 8,9*), apresentará ao mundo um sinal claro e inequívoco da pobreza do Senhor.”⁹⁹ Com muita coragem e com uma atitude profética, a igreja na América Latina fez sua opção pelos pobres no seguimento de seu fundador Jesus Cristo. A Igreja demonstra ter consciência da dimensão histórica da salvação e encontra fundamento no Cristo e no seu Evangelho.

3.2.2 – Puebla

A terceira Conferência do Episcopado Latino-Americano foi realizada no ano de 1979 em Puebla no México. Onze anos haviam se passado desde a realização de Conferência de Medellín que tinha marcado profundamente a história da Igreja na América Latina. A Conferência de Puebla teve como tema: “A evangelização no presente e no futuro da América Latina.” Portanto, a preocupação primeira e básica de Puebla é a Evangelização. No entanto,

⁹⁸ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Medellín*, p. 10.

⁹⁹ *Idem*, p. 150.

toda a evangelização terá a marca da opção preferencial pelos pobres: “A evangelização é missão própria da Igreja. A história da Igreja é, fundamentalmente, a história da evangelização de um povo que vive em constante gestação, nasce e se enxerta na existência secular das nações.”¹⁰⁰ Mas sem demora, o documento de Puebla, já no mesmo número, dá sinais claros de que a obra da evangelização se dirige ao homem na sua concretude e realidade: “Quer servir, dentro do quadro da realização de sua missão própria, ao melhor porvir dos povos latino-americanos à sua libertação e crescimento em todas as dimensões da vida.”¹⁰¹ Não há unanimidade nesta questão: Alguns se preocupam com a interpretação demasiado secularista sobre o Reino, que derivaria tão somente da mudança estrutural sócio-política ou econômica e da passagem de uma igreja institucional para uma Igreja popular, nascida do povo e concretizada nos pobres. Houve a preocupação de não cair no terreno das ideologias. Puebla fará sim a opção preferencial pelos pobres assumindo o compromisso de trabalhar pela promoção humana, mas isto seria incompleto se não fosse fundado nas verdades evangélicas e no amor a Deus e ao próximo. O método usado por Puebla foi o tradicional Ver-julgar-agir.

O Documento demonstra que a realidade de miséria e exclusão de muitos na América Latina é um escândalo para o mundo: “Vemos, à luz da fé, como um escândalo e uma contradição com o ser cristão, a brecha crescente entre ricos e pobres. O luxo de alguns poucos converte-se em insulto contra a miséria das grandes massas.”¹⁰² A Igreja vê aqui o pecado social, pois tudo isso vai contra os planos do Criador. Não é racional que dentro de uma mesma nação tenha pessoas extremamente ricas enquanto outras vivem em extrema miséria. Chegou-se a este ponto porque existem estruturas sociais injustas que privilegiam alguns enriquecendo-os às custas da pobreza de outros. Alguns poucos exploram os muitos. Assim criou-se uma situação de pecado porque isto ofende a Deus e é ofensivo à dignidade do ser humano. Através da Conferência, denunciam-se os graves mecanismos opressores que atentam à dignidade humana. Há uma grave situação de injustiça institucionalizada, frente à qual a Igreja não pode fechar os olhos. A pobreza e a miséria são apontadas como um flagelo para milhões de latino-americanos. Como isso se exprime? “Por exemplo, em mortalidade infantil, em falta de moradia adequada, em problemas de saúde, salários de fome, desemprego e subemprego, desnutrição, instabilidade no trabalho, migrações maciças, forçadas e sem

¹⁰⁰ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Puebla. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1979. (texto oficial da CNBB), n. 04.

¹⁰¹ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Conclusões de Puebla n. 04.

¹⁰² Idem, n. 28.

proteção.”¹⁰³ Mas quais são as causas? Deterioração da política, economia de mercado livre, ideologias marxistas, crise econômica, individualismo, consumismo, deterioração dos valores básicos, crise da ética, alto índice de analfabetismo. Estes males encontram suas raízes em sistemas econômicos que não põem o homem no centro, dependência econômica e tecnológica, corrida armamentista, falta de reformas estruturais na agricultura, crise de valores morais, o pecado. A realidade é desconcertante nos países da América Latina: “Países como os nossos, onde com frequência não se respeitam os direitos humanos fundamentais – vida, saúde, educação, moradia, trabalho... – acham-se em situação de permanente violação da dignidade da pessoa humana.”¹⁰⁴ Constata-se que esta situação não se dá por acaso, mas é fruto ou produto de determinadas situações estruturais, econômicas ou sociais. Por exemplo, enquanto alguns donos de empresas se tornam cada vez mais ricos, muitos empregados não conseguem acessar o mínimo necessário dos bens para viver com dignidade. Há um elevado índice de marginalizados e excluídos na América Latina.

A mulher é também apontada pela Conferência como categoria de marginalizados na América Latina. Na sociedade ela não é suficientemente valorizada aparecendo pouco na vida política, social e cultural. É muita vezes vista como objeto de consumo: “Na própria Igreja, tem havido por vezes, uma valorização insuficiente da mulher e uma escassa participação da mesma em nível de iniciativas pastorais.”¹⁰⁵ A Conferência prega o resgate da dignidade da mulher e na Igreja, a sua valorização como missionária do Senhor (*Jo 20,17*).

No seu discurso inaugural, o Papa João Paulo II introduziu os participantes no espírito que desejava fosse realizada a Conferência de Puebla, como um encontro fraterno de pastores: “E como pastores tendes a viva consciência de que vosso dever principal é de ser mestres da verdade. Não de uma verdade humana e racional, mas da verdade que vem de Deus, que traz consigo o princípio da autêntica libertação do homem.”¹⁰⁶ Os bispos foram lembrados da sua condição de pastores e da sua grande missão para com o seu rebanho, missão esta de conduzir o seu rebanho pelos caminhos verdadeiros e seguros e também vigiar sempre pela pureza da doutrina cristã: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (*Jo 8,32*). O Papa ainda exorta a todos para proclamar sem erros as verdades sobre Jesus Cristo, pois daí proverão valores e opções concretas na vida de milhões de cristãos em nosso continente. Demonstra preocupação seja com aqueles que se esquecem da humanidade de Jesus, seja com aqueles que silenciam a sua própria Divindade. É necessário que os pastores ensinem uma sólida

¹⁰³ Idem, n. 29.

¹⁰⁴ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Puebla* n. 41.

¹⁰⁵ Idem, n. 839.

¹⁰⁶ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *PUEBLA. Discurso inaugural*, p. 19.

Cristologia ao seu rebanho. Os Bispos são chamados de mestres da verdade e por isso não podem fraquejar e seu anúncio da verdade deve ser vigoroso: “Mestres da verdade, se espera de vós que proclaméis sem cessar, e com especial vigor nesta circunstância, a verdade sobre a missão da Igreja, objeto do credo que professamos e campo imprescindível e fundamental de nossa fidelidade.”¹⁰⁷ Ela nasce como resposta de fé em Jesus Cristo e por isso não pode se afastar dos ensinamentos de seu fundador. A Ele a Igreja deve fidelidade.

Outro aspecto importante destacado pelo Papa no discurso inaugural se refere à própria missão da Igreja de evangelizar. Esta é a missão essencial da Igreja e faz parte da sua identidade mais profunda. Citando a *Evangelii Nuntiandi*, destaca que a pregação não é de um pensamento ou de uma idéia do evangelizador que diz o que lhe agrada, mas se refere às verdades de fé contidas no Evangelho. Ainda nesse sentido, o Papa lança uma crítica àqueles que opõem aquilo que se chama de igreja “institucional” ou “oficial”, aos que falam em Igreja popular, “que nasce do povo”, principalmente do povo pobre. A Igreja deve permanecer na unidade, pois somente assim cumprirá a sua missão. Esta unidade deve acontecer primeiramente entre os bispos e depois dos próprios sacerdotes e religiosos com o povo.

Na trilha de Medellín, e com renovado vigor profético, a Conferência de Puebla assume a opção preferencial pelos pobres, querendo assim despertar a consciência das pessoas para o problema. Por que essa opção? “A imensa maioria de nossos irmãos continua vivendo em situação de pobreza e até miséria, que se veio agravando. Queremos tomar consciência do que a Igreja latino-americana fez ou deixou de fazer pelos pobres depois de Medellín.”¹⁰⁸ Esta opção foi de grande repercussão pois muitos cristãos e grande parte da humanidade estava inconsciente diante deste compromisso fundamental da Igreja para com os pobres e excluídos. A Conferência encontra em Cristo a motivação para justificar a sua opção pelos pobres. “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (*Jo* 1,14).

A opção da Igreja é a opção de Cristo: “O Filho de Deus demonstrou a grandeza deste compromisso ao fazer-se homem, pois identificou-se com os homens tornando-se um deles, solidário com eles e assumindo a situação em que se encontram, em seu nascimento, em sua vida e, sobretudo, em sua paixão e morte, na qual chegou à expressão máxima da pobreza.”¹⁰⁹ Portanto a verdadeira motivação da Igreja é evangélica e está fundada em Cristo e não em ideologias ou idéias políticas. Os pobres, assim como todos os seres humanos foram criados à imagem e semelhança de Deus, mas a pobreza e a miséria obscurecem esta imagem e por isso

¹⁰⁷ Idem, p. 22.

¹⁰⁸ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Conclusões de Puebla n. 1134.

¹⁰⁹ Idem, n. 1141.

a igreja precisa assumir a sua causa; da mesma maneira que Deus toma a defesa do pobre e o ama: “Não escolheu Deus os pobres em bens deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam?” (Tg 2,5). Jesus, que se fez pobre, uniu-se radicalmente a eles. Esta sua opção não foi para os usar ou manipular, tampouco para chamar atenção sobre si e sua mensagem, foi sim uma atitude concreta de amor e um compromisso de caminhar com eles para com eles alcançar a sua libertação.

Para Puebla, os pobres são os primeiros destinatários da Evangelização e sujeitos privilegiados dela. Por isso assume-se uma postura muito clara em favor dos direitos humanos e da justiça em favor dos menos favorecidos: “O compromisso da Igreja para a promoção e transformação é aquela ação solidária com todos os homens pobres, na realidade desumanizada onde vivem, a fim de conscientizá-los e dignificá-los humanamente, com fundamento no compromisso de Jesus Cristo.”¹¹⁰ É no seguimento de Cristo que a igreja se propõe anunciar o Evangelho e trabalhar pela promoção humana. A Igreja, fiel à sua missão anuncia o Evangelho e, ao mesmo tempo, exige que todos os cristãos trabalhem na construção de um mundo melhor. Não pode haver dicotomia entre fé e vida, entre ação e contemplação. Puebla buscou dar respostas concretas para o homem latino-americano. Há uma íntima relação entre fé e transformação social. A vivência da fé cristã orienta para a transformação social. Nesse contexto a missão da igreja será anunciar o Evangelho e restaurar o amor e a justiça de Deus que foram destruídos. Para que isto aconteça, a Igreja terá que anunciar e denunciar. Esta sua missão profética vai beneficiar e ajudar os pobres, os mais fracos, os excluídos. Na realidade latino-americana a opção preferencial pelos pobres, dessa forma se concretiza. Passar de situações menos humanas para situações mais humanas: “Eis o grande desafio para a igreja. Ma é a este e neste desafio, o clamor dos pobres, que ela deve se unir. O sofrimento dos pobres, as opressões, explorações e marginalização de que eles são vítimas devem ser o óleo da unção da igreja neste novo sacramento, o sacramento da libertação.”¹¹¹ Assim o povo busca justiça e a igreja que assumiu a sua causa caminha com ele lado a lado.

A Conferência declara que, ao se aproximar do pobre, a Igreja aproxima-se do que Cristo nos ensinou, isto é, tornando-se pobre se fez nosso irmão. Servir o pobre é um modo privilegiado de seguir a Cristo, embora não seja o único: “O melhor serviço do irmão é a evangelização que o dispõe a realizar-se como filho de Deus, o liberta das injustiças e o

¹¹⁰ SIMÕES, Jorge J. *Puebla, libertação do homem pobre*. São Paulo: Ed. Loyola, 1981. (Col. Paulo Freire n. 8), p. 69.

¹¹¹ SIMÕES, Jorge J. *Puebla, libertação do homem pobre*, op. cit p. 84.

promove integralmente.”¹¹² A evangelização deve levar à promoção humana do sujeito oprimido. Puebla deseja que o homem latino-americano alcance uma promoção humana integral, libertando-se das amarras do pecado e alcançando condições dignas para viver. Enquanto a igreja evangeliza os pobres, descobre neles um grande potencial evangelizador, pois, mesmo na sua condição de exclusão, vivem valores verdadeiramente cristãos como a simplicidade, a solidariedade e a acolhida a Deus e ao próximo.

Diante da realidade de exclusão na América Latina, o Documento final de Puebla interpela todos a agir em favor dos pobres e oprimidos e a iniciar um caminho de conversão dentro da própria Igreja. Dessa forma o trabalho de promoção humana será mais autêntico e, quem sabe, mais frutífero: “Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação.”¹¹³ A libertação integral passa pela libertação da condição de pecado por que passa o homem e, ao mesmo tempo, trata-se da libertação da situação de injustiças estruturais que geram pobreza e exclusão. Ou seja, a libertação integral refere-se ao homem na sua totalidade de corpo e alma. A Igreja assume a causa do pobre e se empenha para que a libertação integral do homem latino-americano se torne realidade.

Onde há situação de pecado, não há a presença do Reino, não há justiça, nem amor e nem liberdade. Por isso é necessário repelir as estruturas sociais de pecado através do despertar de uma nova consciência e uma nova evangelização: “Como pastores da América Latina, temos razões gravíssimas para urgir a evangelização libertadora, não só porque é necessário recordar o pecado individual e social, mas também porque, de Medellín para cá, a situação se agravou na maioria de nossos países.”¹¹⁴ Mais uma vez a tomada de consciência da realidade é o ponto de partida.

A realidade de exclusão dos povos latino-americanos provoca a Igreja a traçar e caminhar pelas vias da conversão: “Esta realidade exige, portanto, conversão pessoal e transformações profundas das estruturas que correspondam às legítimas aspirações do povo a uma verdadeira justiça social; tais mudanças ou não se deram ou têm sido demasiado lentas na experiência da AL.”¹¹⁵ A conversão é exigida para todos os cristãos. Não bastam gestos isolados em favor dos pobres, mas atitudes e posições constantes dos cristãos que beneficiem os menos favorecidos, mas principalmente que estejam de acordo com o Evangelho de Jesus. Puebla teve cunho pastoral convidando os cristãos para uma práxis evangélica diante da

¹¹² CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Puebla* n. 1145.

¹¹³ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Puebla* n. 1134.

¹¹⁴ Idem, n. 487.

¹¹⁵ Idem, n. 30.

realidade desastrosa. É um apelo à ação como forma de anúncio do Evangelho. Esta ação se enraizou e foi mais forte nos setores populares através das comunidades de base.

Nas suas linhas pastorais, o Documento de Puebla afirma que a opção preferencial pelos pobres objetiva ao anúncio de Cristo, o salvador do mundo. Ele iluminará as suas vidas mostrando a sua dignidade. É Cristo que os ajudará em suas lutas e esforços de libertação de todas as suas carências. Da mesma forma é Cristo que conduzirá todos à comunhão com Deus e com os seus irmãos. Isto acontecerá através da solidariedade e da vivência da pobreza evangélica. A opção preferencial pelos pobres é motivada pela escandalosa realidade latino-americana de uma Igreja que quer ser fiel ao Evangelho de Jesus Cristo. Ela busca construir uma sociedade justa e livre. Mas para que isso aconteça é necessária uma mudança nas estruturas sociais e políticas, mas principalmente é preciso mudar a mentalidade individualista e egoísta de muitos para uma vivência solidária como fruto da conversão: “A exigência evangélica da pobreza, como solidariedade para com o pobre e como rejeição da situação em que vive a maioria do continente, liberta o pobre de ser individualista.”¹¹⁶ O testemunho de quem vive a pobreza evangélica evangeliza os ricos apegados aos bens materiais, libertando-os da escravidão causada pelas riquezas e principalmente pelo egoísmo. O documento aponta sempre a conversão como questão chave para o início do processo de mudança para uma vida austera que deve acontecer primeiramente dentro da Igreja: “Assim apresentará uma imagem autenticamente pobre, aberta a Deus e ao irmão, sempre disponível, onde os pobres têm capacidade real de participação e são reconhecidos pelo valor que têm.”¹¹⁷ A Igreja, acolhendo o pobre e o excluído, além de reconhecer neles o seu valor, assume a sua causa, luta pela sua dignidade e pela promoção humana. O excluído encontra nela um verdadeiro aliado em suas lutas em busca da dignidade.

No seu projeto de evangelização, Puebla convida ainda a renovar as comunidades mediante as CEBs, para que este seja um espaço de manifestação da alegria e da esperança cristã diante da realidade adversa. As Comunidades Eclesiais de Base, seguindo a indicação de Medellin, tinham se tornado verdadeiros centros de evangelização e ponto de partida para a libertação e o desenvolvimento. As Comunidades de Base também foram importantes porque favoreceram o desenvolvimento dos ministérios laicais onde estes atuavam na animação das comunidades, na catequese e na missão. Ao mesmo tempo, toda e qualquer celebração deve ter um caráter evangelizador e catequético, adaptada às diversas assembléias e realidades, ou seja, uma igreja inculturada. Inclusive os indígenas da América Latina são convidados a não

¹¹⁶ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Puebla*, n. 1156.

¹¹⁷ *Idem*, n. 1158.

perder de vista a sua identidade: “Atender pastoralmente a piedade popular da zona rural e indígena para que, segundo sua identidade e seu desenvolvimento, cresçam e se renovem com a doutrina do Concílio Vaticano II. Assim, se hão de preparar melhor para a transformação cultural generalizada.”¹¹⁸ O desrespeito para com a cultura e a religiosidade popular e indígena foi marcante na América Latina. A nova evangelização se propõe mudar esta realidade: “A opção preferencial pelos pobres, reforçada em Puebla, fez com que em algumas igrejas locais os pobres fossem privilegiados como sujeitos evangelizadores.”¹¹⁹ Esta inserção da igreja nas comunidades populares favoreceu a inculturação do Evangelho pois houve um maior conhecimento da realidade dos excluídos.

No seu compromisso com a evangelização libertadora, o Documento faz também a opção pelos Jovens. Eles representam a esperança viva da igreja: “A igreja confia nos Jovens. Eles são sua esperança. A Igreja vê na juventude da América Latina um verdadeiro potencial para o presente e o futuro da evangelização. Por ser verdadeira dinamizadora do corpo social e especialmente do corpo eclesial, a Igreja faz uma opção preferencial pelos Jovens.”¹²⁰ Portanto, a Igreja confia a eles a missão interna da Igreja, mas ao mesmo tempo acredita que eles sejam fermento para transformação social pela força e energia que possuem. Ela conta com a sua participação ativa. Evangelização dentro e fora da Igreja simultaneamente. Nela o jovem encontra um espaço de comunhão e participação. Ao defender e promover a dignidade da pessoa humana, o jovem assume a atitude de Cristo.

O agir da Igreja em favor dos pobres se dá pela evangelização e isso exige conversão constante de todos. Requer ainda muita atenção ao princípio da inculturação e o respeito às manifestações de fé que se realizam nas Comunidades Eclesiais de Base.

O compromisso da Igreja para com a promoção e transformação é aquela ação solidária com todos os homens, principalmente os pobres e excluídos, na realidade desumanizada onde vivem, a fim de transformá-los, conscientizá-los e dignificá-los humanamente, tendo como fundamento o compromisso assumido com Jesus Cristo. Este é o diferencial da Igreja. É o fundamento em Cristo que qualifica para o trabalho em defesa da dignidade dos pobres.

Anúncio do Evangelho e promoção humana estão intimamente ligados. Mas a evangelização não se esgota somente na promoção humana. Por outro lado, a promoção humana dá credibilidade à evangelização. A evangelização libertadora implica que se faça a

¹¹⁸ Idem, n. 464.

¹¹⁹ OLIVEROS, Roberto. *Tradição Eclesial latino-americana: Medellín-Puebla. In Vida, clamor e esperança.* op. cit., p. 109.

¹²⁰ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Puebla* n. 1186.

opção preferencial pelos pobres, mas também exige que se faça a opção de lutar profeticamente pela justiça. A evangelização libertadora ainda exige lutar pelos direitos humanos: “O amor de Deus que nos dignifica radicalmente se faz necessariamente comunhão de amor com os outros homens e participação fraterna; para nós, hoje em dia, deve tornar-se sobretudo obra de justiça para com os oprimidos.”¹²¹ É um esforço de libertação em favor de quem mais precisa, pois, “Se alguém disser: Amo a Deus, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar” (*I Jo 4,20*). Da mesma forma não se pode dizer que se ama o pobre e excluído sem fazer nada em favor de sua libertação.

O Quarto Evangelho é pouco citado no Documento final da Conferência de Puebla, como de resto nas demais Conferências, mas vimos que, ao abordar as diversas formas ou categorias de marginalizados, faz algumas referências a ele mostrando que há um reconhecimento de que o Quarto Evangelho tem aderência histórica.

3. 2. 3 – Santo Domingo

A quarta Conferência do Episcopado Latino-Americano ocorreu no ano de 1992 em Santo Domingo, na República Dominicana e teve como tema: “Nova Evangelização, promoção humana e cultura cristã.” A situação do continente apontada pela Conferência é deplorável: “O crescente empobrecimento a que estão submetidos milhões de irmãos nossos, que chega a intoleráveis extremos de miséria, é o mais devastador e humilhante flagelo que vive a América Latina e o Caribe. Assim o denunciamos tanto em Medellín como em Puebla, e hoje voltamos a fazê-lo com preocupação e angústia.”¹²² A preocupação com uma evangelização inculturada não pode deixar de se dar conta da situação de extrema pobreza em que vivem os povos latino-americanos. Santo Domingo destaca ainda outras formas de exclusão social como a étnica e a cultural que não reconhecem a dignidade dos seres humanos.

¹²¹ Idem, n. 327.

¹²² CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. SANTO DOMINGO. *Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1992, n. 179.

O Documento de Santo Domingo não seguiu a tradicional metodologia do ver – julgar – agir marcante nos documentos produzidos pela igreja da América Latina por decisão do Vaticano: “Nesse sentido, todos os documentos das 30 comissões deviam começar por uma iluminação teológica, seguida de desafios provindos da situação, concluindo com as linhas pastorais.”¹²³ A intervenção dos representantes do Vaticano se fez valer e mudou-se a metodologia. Havia muita dependência dos discursos do Papa: “Esta exagerada dependência formal das palavras do Papa chega a ser doentia. O momento quase ridículo aconteceu no projeto de mensagem aos irmãos separados, onde se citou um discurso do Papa para dizer que Jesus Cristo é o Salvador.”¹²⁴ Houve uma demasiada preocupação em conter possíveis exageros ou avanços da igreja latino-americana.

Não obstante a intervenção de Roma, a Conferência de Santo Domingo conseguiu associar as duas dimensões da evangelização na América Latina: libertação e inculturação. No entanto, a convocação inicial feita por João Paulo II não contemplava suficientemente a dimensão dos excluídos e tinha como título: “Uma nova evangelização para uma nova cultura.” Havia uma grande preocupação com a esfera cultural que trazia consigo o problema da secularização, mas não aparecia a dimensão social e econômica; assim o problema de fundo não seria mais a questão dos excluídos e a sua libertação, mas o da cultura moderna e a sua secularização. Devido ao protesto de muitos setores eclesiais, acrescentou-se no tema da Conferência a questão da promoção humana trazendo o problema do pobre para as discussões de Santo Domingo. “Continuou-se acentuando com maior clareza que a resposta do caráter “secularizante” da cultura moderna era a recuperação do sagrado pela implantação de uma cultura “cristã”, através de uma nova evangelização do continente.”¹²⁵ Houve sensibilidade para incluir a questão dos pobres e sua sobrevivência. Santo Domingo se esforça para reconhecer os valores presentes nas culturas latino-americanas e convida para que sejam apreciados e mantidos. No desafio de implantar a Nova Evangelização, Santo Domingo vê a religiosidade popular como lugar privilegiado da inculturação da fé.

No momento em que Santo Domingo se propõe a uma Evangelização inculturada, ou a uma Nova Evangelização, não tem como não reassumir a opção preferencial pelos pobres, pois os empobrecidos estão aí, visíveis a todos e se mostram com diversos rostos: famintos, deficientes, enfermos, idosos, aidéticos, crianças abandonadas, presos, mulheres, desempregados, indígenas, afro-americanos, camponeses, pobres, moradores das periferias.

¹²³ BEOZZO, José Oscar. op. cit. p. 309.

¹²⁴ VALENTINI, Don Demétrio. *Santo Domingo. Ensaio teológico-pastoral*. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 387.

¹²⁵ BEOZZO, José Oscar. op. cit. p. 327.

Evangelizar é assumir a obra de Jesus. Ele “se fez pobre, embora fosse rico, para nos enriquecer com sua pobreza” (2Cor 8,9). A Igreja se propõe a caminhar com eles, trabalhando pela promoção humana, a exemplo de Cristo, que caminha com eles e que é o caminho: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6).

Houve uma mudança de perspectiva a respeito da evangelização de Puebla a Santo Domingo. Em Puebla a leitura que se fazia da realidade era de um “Radical substrato católico do nosso continente” (Puebla n. 7). A tradição católica existente a quase 500 anos em nosso continente era o chão e o ponto de partida de toda a evangelização da Igreja. O trabalho a ser feito era manter o que se tinha construído durante tanto tempo. O ponto de partida de Santo Domingo é a tomada de consciência da diversidade étnica e cultural presente em nosso continente que forma as mais variadas identidades, tanto sociais quanto religiosas. A América Latina e o Caribe se configuram como multi-étnico e pluricultural com a presença de aborígenes, indígenas, afro-americanos e descendentes de europeus e asiáticos. É a partir desta realidade que se forma a identidade dos povos latino-americanos e as suas manifestações religiosas que eram vistas por muitos como supersticiosas enquanto outros se apressavam em condenar o óbvio sincretismo religioso. Alcançar uma evangelização inculturada no respeito à realidade destes povos se tornou o grande desafio para Santo Domingo.

No contexto americano e mundial se viviam as consequências do avanço do neoliberalismo e a queda do bloco soviético. Na área da política, em alguns países, tinha-se passado de regimes ditatoriais para regimes políticos democráticos. A partir da guerra fria, as injustiças sociais não só permaneceram como também aumentaram no continente: “Nos anos 80, denominados a década perdida para a América Latina, a pobreza cresce e o fosso entre ricos e pobres aumenta escandalosamente. João Paulo II na sua encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* define como “perversas” as estruturas que sustentam e alimentam dita situação.”¹²⁶ As estruturas que mantêm esta situação são combatidas pelo Papa, pois são apontadas como a causa do sofrimento e da exclusão de muitos latino-americanos. Os ideais socialistas tinham desaparecido e o neoliberalismo tinha se implantado. Houve, nos anos 80, um rápido processo de urbanização, expondo milhões de pessoas à miséria nas grandes cidades. Para essa imensa multidão que sofre, os Bispos convidam à esperança evocando o episódio do parálítico inválido há 38 anos: “Levanta-te, toma teu leito e anda” (Jo 5,8).

Ao usar o termo “Nova Evangelização”, a Conferência mostra que é Nova em relação àquela primeira que já houve nos 500 anos na América Latina. Portanto, não se trata de anular

¹²⁶ OLIVEROS, Roberto. *Tradição Eclesial latino-americana: Medellín-Puebla in Vida, clamor e esperança. Reflexões para os 500 anos de evangelização a partir da América Latina*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 111.

a primeira evangelização, mas de atualizá-la: “A Nova Evangelização surge na América Latina como resposta aos problemas apresentados pela realidade de um continente no qual se dá um divórcio entre fé e vida, a ponto de produzir clamorosas situações de injustiças, desigualdade social e violência.”¹²⁷ Esta terá sempre o mesmo conteúdo, Jesus Cristo, mas deverá ser nova em seu ardor, nova em seus métodos e nova em sua expressão¹²⁸. A Boa-Nova do Evangelho deve ser sentida próxima da realidade dos povos latino-americanos.

Com o Pentecostes e a vinda do Espírito Santo há um mandato para uma evangelização universal que quer chegar a todas as culturas. Com a encarnação de Cristo, que se torna humano, então o Verbo de Deus entra na cultura. “Por uma adesão radical a Cristo no Batismo, comprometemo-nos a fazer com que a fé, plenamente anunciada, pensada e vivida, chegue a fazer-se cultura” (*SD* n. 229). Dessa forma podemos falar de uma cultura cristã, principalmente quando esta se torna princípio ou critério de ação. A evangelização da cultura manifesta-se no processo de inculturação. No discurso inaugural de Santo Domingo João Paulo II, afirma que “hoje em dia percebe-se uma crise cultural de proporções inimagináveis.” É nesse contexto que se quer inculturar o Evangelho. Para isso é necessário reconhecer os valores evangélicos já existentes. É necessário que a sociedade reconheça o caráter cristão dos valores existentes. Ainda, deseja-se incorporar na cultura existente os valores cristãos até então desconhecidos. No entanto, há uma preocupação descabível com o sincretismo e com os possíveis erros nas manifestações de fé dos povos latino-americanos, inclusive em relação às seitas.¹²⁹

O tema da Evangelização está no centro da Conferência e é tarefa de todos os cristãos, mas é, antes de tudo, um chamado à conversão. Ainda em seu discurso inaugural, o Papa afirma que “o Evangelho há de ser proclamado em total fidelidade e pureza, assim como foi conservado e transmitido pela Tradição da Igreja. Evangelizar é anunciar uma pessoa que é Cristo”. A Evangelização que é tarefa de todos os cristãos, exige coerência de vida e unidade para ter mais credibilidade (*Jo* 17,23).

A questão dos excluídos, no Documento de Santo Domingo, é tratada em modo mais específico no capítulo II da segunda parte, sob o título de promoção humana, mas que está estritamente unida ao tema da nova evangelização; Cristo é o conteúdo desta Nova

¹²⁷ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Santo Domingo* n. 24.

¹²⁸ Embora o capítulo proponha uma Nova Evangelização que seja nova nos métodos, nova na expressão e nova no ardor, parece não explicar de que forma isso deve acontecer. No entanto, entende-se que o seu novo método consiste em partir do pobre e da sua relação privilegiada com Deus.

¹²⁹ Para alguns críticos de Santo Domingo, a questão do Pentecostalismo foi um grande desafio ausente. O fenômeno do Pentecostalismo foi simplesmente tratado como “seitas fundamentalistas”. Não houve nenhum interesse em entender o forte fenômeno presente na América Latina.

Evangelização. Enquanto esteve em nosso meio, Jesus buscou restabelecer a dignidade de todos os homens, seja provendo o pão aos famintos, seja curando os doentes, seja no anúncio do Reino. Assim Ele evangelizou. Dessa forma a Igreja deseja atuar, evangelizando e trabalhando pela promoção humana. Exercendo a solidariedade cristã, a igreja promove a pessoa. “Nossa fé no Deus de Jesus Cristo e o amor aos irmãos têm de traduzir-se em obras concretas. O seguimento de Cristo significa comprometer-se a viver segundo seu estilo. Esta preocupação de coerência entre a fé e a vida sempre esteve presente nas comunidades cristãs.”¹³⁰ Esta é a proposta de Santo Domingo; em resposta ao seguimento de Cristo, ter uma atuação compromissada com os irmãos, seguindo seu exemplo.

Em uma sociedade marcadamente cristã, muitos cristãos, foram complacentes com a situação injusta que gera pobreza e exclusão. Santo Domingo deseja fomentar uma promoção humana que leve o homem e a mulher a passar de condições menos humanas para condições cada vez mais humanas, até chegar ao pleno conhecimento de Jesus Cristo. Onde não há justiça e dignidade há violação dos direitos humanos, pois todos fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Na Encarnação e na Cruz Cristo mostra o valor de cada pessoa. “Por isso mesmo, Cristo, Deus e homem, é a fonte mais profunda que garante a dignidade da pessoa e de seus direitos. Toda violação dos direitos humanos contradiz o Plano de Deus e é pecado.” (SD n. 164). A Igreja se coloca em defesa dos direitos humanos, pois diz respeito à sua missão, mas lembra que é dever do estado zelar pelo bem estar e garantia de direitos que dêem ao cidadão a dignidade que lhes é devida. A Conferência assume uma atitude profética diante da realidade existente se comprometendo em defender a vida, empenhando-se a favor dela à luz dos valores evangélicos. Busca-se promover a reconciliação e a justiça. Santo Domingo pede uma promoção mais eficaz e corajosa dos direitos humanos e um comprometimento com os direitos individuais e sociais do homem. É preciso comprometer-se com a vida desde a concepção até o seu alento.

A proposta de promoção humana indicada no Documento de Santo Domingo passa também pela questão da ecologia. Cuidar da natureza, que é obra do Criador, é cuidar de seus habitantes. A Conferência exorta todos a aprender com aqueles que mais conhecem e bem convivem com a natureza; os indígenas: “Aprender dos pobres a viver com sobriedade e a partilhar e valorizar a sabedoria dos povos indígenas, no tocante à preservação da natureza como ambiente de vida para todos.”¹³¹ A terra e tudo o que existe, sendo obra de Deus, deve estar a serviço e em benefício de todos. Não é racional que, enquanto sobram bens e alimentos

¹³⁰ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Santo Domingo* n. 160.

¹³¹ Idem, n. 169.

para uns, falte para muitos outros. Essa percepção do Documento revela que a Conferência tem consciência da dimensão histórico-social da comunidade Joanina. Essa mesma percepção encontra seu fundamento no Quarto Evangelho onde Jesus age em favor dos marginalizados que Nele encontram apoio.

O desafio para a Igreja é viver a pobreza evangélica, seja em nível pessoal quanto estrutural. “Esta é a fundamentação que nos compromete numa opção evangélica e preferencial pelos pobres, firme e irrevogável, mas não exclusiva e nem excludente, tão solenemente afirmada nas Conferências de Medellín e Puebla.”¹³² Toda a ação evangelizadora da igreja tem aqui o seu ponto de partida. A Igreja se faz pobre e evangeliza o pobre. É através da fé que vemos, no rosto do pobre, o rosto do próprio Cristo. Por isso em suas linhas pastorais assim se propõe Santo Domingo: “Assumir com decisão renovada a evangélica opção preferencial pelos pobres, seguindo o exemplo e as palavras do Senhor Jesus, com plena confiança em Deus, austeridade de vida e partilha de bens.”¹³³ E para que essa opção seja concretizada, a Conferência quer privilegiar o serviço fraterno aos mais pobres, colaborando com instituições que cuidam dos doentes, dos deficientes, dos idosos, das crianças, dos presos e de outras categorias de excluídos. A Igreja ainda, através de Santo Domingo, define que vai apoiar as iniciativas de organizações que trabalham com economia solidária visando responder e superar a situação de fome e pobreza.

Em suas linhas de ação pastoral, para concretizar a sua opção preferencial pelos pobres, Santo Domingo lança um atento olhar sobre a questão do trabalho. Não se pode esquecer que o homem tem uma vocação co-criadora e por isso o trabalho deve dignificá-lo. Diante desta realidade, Santo Domingo se propõe “apoiar as organizações próprias dos homens do trabalho para a defesa dos seus legítimos direitos, em especial de um salário suficiente e de uma justa proteção social para a velhice, a doença e o desemprego.”¹³⁴ O trabalho deve servir não para a exploração das pessoas, mas para a promoção humana, o crescimento e o modo para adquirir os bens que garantam a sua dignidade. Santo Domingo vê no mundo do trabalho uma passagem obrigatória para a promoção humana.

À luz da opção preferencial pelos pobres, “convidamos a promover uma nova ordem econômica, social e política, conforme a dignidade de todas e cada uma das pessoas, implantando a justiça e a solidariedade e abrindo para todas elas horizontes de eternidade.”¹³⁵ A busca pela dignidade da pessoa é colocada ao centro da ação evangelizadora da Igreja. A

¹³² CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Santo Domingo* n. 178.

¹³³ Idem, n. 180.

¹³⁴ Idem, n. 185.

¹³⁵ Idem, n. 296.

Nova Evangelização que Santo Domingo se propõe quer ser sempre inculturada e assim se tornará salvação e libertação integral para todos, particularmente para os povos marginalizados. A Igreja parte da perspectiva de Cristo que salvou a todos partindo da fraqueza, da pobreza e da cruz redentora.

Embora o contexto da Conferência de Santo Domingo tenha acontecido em um clima de divergências, a questão dos excluídos foi privilegiada, ainda que não tenha atravessado todo o documento como havia acontecido em Medellín e Puebla. Mas o desejo explícito existiu; “Fazemos nosso o clamor dos pobres. Assumimos com renovado ardor a opção evangélica preferencial pelos pobres, em continuidade com Medellín e Puebla.”¹³⁶

A Igreja da América Latina continua, na fidelidade a Jesus Cristo, reassumindo a sua opção pelos pobres. Estes e todos os excluídos continuam sob o olhar atento e amoroso da Igreja. Enquanto ela trabalha a Nova Evangelização, busca também a sua libertação e promoção humana.

É Jesus Cristo que nos dá “vida abundante” (*Jo* 10,10) e nos promete “vida eterna” (*Jo* 6,54). A igreja deposita Nele a sua esperança enquanto se compromete a fazer a sua parte na promoção humana, anunciando o Evangelho da vida.

3. 2. 4 – A Conferência de Aparecida

A Quinta Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe foi realizada na cidade de Aparecida, no Brasil, no ano de 2007 e contou com a presença de S. S. o Papa Bento XVI. Como havia ocorrido já em Santo Domingo, agora também há o desejo de dar um novo impulso à evangelização. Na Conferência de Aparecida usa-se o método ver-julgar-agir já tradicional nos documentos da igreja na América Latina.

O Documento de Aparecida aponta o fenômeno da globalização como o causador principal do aumento de excluídos no continente Latino-americano e dá a eles muitos rostos: em especial, cinco categorias de excluídos são vistos pelos conferencistas como “rostos sofredores que doem em nós”: pessoas que vivem na rua das grandes cidades, migrantes, enfermos, dependentes de drogas, detidos em prisões. Todos eles merecem atenção especial

¹³⁶ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Santo Domingo* n. 296.

da igreja, pois seus direitos mínimos e básicos estão sendo violados. Sua dignidade não está sendo respeitada.

Ao enfrentar o tema da realidade atual do contexto latino-americano e Caribenho, sob o título “a vida de nossos povos hoje”, o Documento de Aparecida constata que estamos em tempos de grandes mudanças na vida social e eclesial. Caminhamos em meio a luzes e sombras. “A novidade dessas mudanças, diferentemente do ocorrido em outras épocas, é que elas têm alcance global que, com diferenças e matizes, afetam o mundo inteiro. Habitualmente são caracterizadas como o fenômeno da globalização.”¹³⁷ Ciência e tecnologia são os dois pilares desse fenômeno. A ciência, enquanto capaz de manipular a própria vida, para o bem ou para o mal, e a tecnologia, com a capacidade de criar uma rede de comunicação de alcance mundial encurtando as distâncias entre as nações. Com isso há dificuldade de perceber a unidade, pois a mesma está fragmentada devido à facilidade da circulação de informações. A percepção dessa realidade torna as pessoas angustiadas e ansiosas. A realidade social se torna muito grande para uma consciência que se julga pequena demais diante de tanta informação e de uma realidade que está muito longe de seu alcance. Alguns se julgam incapazes de colaborar para conseguir qualquer mudança social ou política, sentem-se insignificantes. “Essa é a razão pela qual muitos estudiosos de nossa época sustentam que a realidade traz inseparavelmente uma crise de sentido.”¹³⁸ Os meios de comunicação de massa exercem uma forte pressão trazendo muitas informações em tempo real, mas não conseguem preencher o vazio criado nas consciências pela falta de sentido unitário da vida. Com a crise de sentido, as tradições culturais e religiosas já não são mais transmitidas de geração em geração e o papel da família já não é tão determinante na formação e nas decisões das pessoas. Mas cresceu nas pessoas a autonomia e a capacidade de escolhas próprias, inclusive na religião. Nesse contexto, diante do fato de que muitos querem ignorar a presença de Deus, o Documento afirma que os cristãos devem recomeçar sempre a partir de Cristo e de seu Mistério.

No campo cultural, na América Latina há uma exagerada valorização do subjetivismo individualista, embora continue sendo valorizada a liberdade e a dignidade da pessoa humana. Há a busca pela realização imediata dos desejos dos indivíduos no campo sexual, na família e nos direitos individuais: “Verifica-se, em nível massivo, um a espécie de nova colonização cultural pela imposição de culturas artificiais, desprezando as culturas locais e com tendências

¹³⁷ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007, n. 34.

¹³⁸ *Idem*, n. 37.

a impor uma cultura homogeneizada em todos os setores.”¹³⁹ Há grande desejo de afirmação dos direitos individuais e subjetivos sem preocupação com os critérios éticos. Prejudica-se assim a busca pelos direitos coletivos e a dignidade de todos, principalmente daqueles que vivem em situação de vulnerabilidade pessoal e social. Há uma cultura consumista que afeta principalmente as novas gerações também devido ao grande apelo da publicidade. O Documento aponta também muitos aspectos positivos dessa mudança cultural: aparece o valor fundamental da pessoa, do sentido da vida e de sua transcendência, a necessidade de construir seu próprio destino, desejo de liberdade, valorização da experiência pessoal, reconhecimento da riqueza e da diversidade cultural de nossos povos.

No contexto da situação econômica da América Latina e do Caribe, o Documento parte da globalização que favoreceu a abertura de mercados e o acesso às novas tecnologias favorecendo o desenvolvimento da economia. No entanto, alerta-se para o perigo da busca do lucro como valor supremo. Por isso já em seu discurso inaugural o Papa Bento XVI enfatiza que “como em todos os campos da atividade humana, a globalização deve reger-se também pela ética, colocando tudo a serviço da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus.” O Documento aponta como aspectos negativos da globalização: busca do lucro e estímulo à concorrência; o mercado e a economia se tornam reguladores das relações humanas e favorecem a concentração de riquezas e da informação nas mãos de poucos, aumento das desigualdades sociais. Bem outra é a proposta de globalização sugerida pelo Documento; “Frente a essa forma de globalização, sentimos forte chamado para promover uma globalização diferente, que esteja marcada pela solidariedade.”¹⁴⁰ Essa nova proposta de globalização levará a olhar com mais carinho e mais cuidado o rosto daqueles que sofrem pelas diversas formas de exclusão. Abre-se assim uma nova perspectiva para os indígenas, as mulheres, os afro-americanos, os desempregados, os aidéticos, os sem terra, os famintos, os sem moradia. Uma globalização que não seja marcada pelo amor, pela solidariedade e pela partilha dos bens, não será capaz de beneficiar os setores mais pobres da sociedade. Aparecida propõe a criação de estruturas que façam diminuir a concentração de renda, que ao mesmo tempo, aconteça o desenvolvimento global e solidário que seja capaz de beneficiar a todos.

É deplorável a situação de miséria e de incapacidade de acessar os bens de consumo que são elementares na vida do ser humano; bens como comida, moradia, roupas. Na América Latina, muitos vivem esta situação de extrema pobreza. O Documento aponta outro tipo de pobreza ainda pior: “Não podemos esquecer que a maior pobreza é a de não reconhecer a

¹³⁹ Idem, n. 46.

¹⁴⁰ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Aparecida* n. 64.

presença do mistério de Deus e de seu amor na vida do homem, amor que é único, que verdadeiramente salva e liberta.”¹⁴¹

Para uma mudança efetiva, é necessária a participação de todos os grupos sociais, principalmente dos setores marginalizados. A conscientização e a participação política são formas privilegiadas de romper com o processo de exclusão, mas deve partir dos próprios marginalizados: “Esses grupos estão tomando consciência do poder que têm nas mãos e da possibilidade de gerarem mudanças importantes para a conquista de políticas públicas mais justas, que revertam sua situação de exclusão.”¹⁴² A corrupção é ainda apontada como um grande mal na política do continente latino-americano.

Ainda no contexto da análise da realidade latino-americana, o Documento demonstra muita preocupação com a questão da ecologia e da biodiversidade, especialmente com a Amazônia e a Antártida. Os nativos dessas áreas não são respeitados e a sua cultura e conhecimento que possuem da natureza não são levados em conta pelos dominadores na tomada de decisões sobre o uso das riquezas da biodiversidade. A agressão ao meio-ambiente continua. Os primeiros habitantes destas terras estão ameaçados: “Hoje, os povos indígenas e afros estão ameaçados em sua existência física, cultural e espiritual; em seus modos de vida; em suas identidades; em sua diversidade; em seus territórios e projetos.”¹⁴³ A Igreja, ao assumir a causa do pobre, estimula a participação dos afros e indígenas na vida eclesial. Ela se propõe a trabalhar pela recuperação das identidades de nossos povos e pela superação do racismo.

Diante da realidade de exclusão, a Igreja tem se empenhado em promover a justiça, os direitos humanos, a dignidade humana e a reconciliação dos povos. Isto tem dado à ela reconhecimento e credibilidade na sua missão evangelizadora. Por isso em alguns casos, seus membros foram perseguidos pelo testemunho de sua fé. Por outro lado, o Documento constata o baixo número de vocações sacerdotais e um fraco espírito missionário seja destes, quanto de muitos leigos, como fator limitante para uma Evangelização que liberte e promova o homem latino-americano. Mas o projeto de Aparecida é fazer com que toda a Igreja seja missionária e que saia do âmbito paroquial, onde se ficava esperando os fiéis virem até ela. A proposta é ir ao encontro deles.

Diante disso, Aparecida demonstra angústia e incertezas: “Neste momento, com incertezas no coração, perguntamo-nos com Tomé: “Como vamos saber o caminho?” (*Jo*

¹⁴¹ Idem, n. 405.

¹⁴² CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Aparecida* n. 75.

¹⁴³ Idem, n. 90.

14,5). Jesus nos responde com uma proposta provocadora: “Eu sou o caminho, a Verdade e a Vida” (*Jo* 14,6).”¹⁴⁴ Com a constatação de uma realidade com muitas sombras, não há outro caminho seguro para trabalhar na Evangelização e pela promoção humana, que não seja o caminho apontado por Jesus, o caminho do Pai. Diante do contexto de exclusão, os discípulos de Jesus, a exemplo Dele mesmo, trabalham para defender os direitos dos mais fracos e a vida digna de todo ser humano e ainda, a lutar contra toda forma de opressão e de desprezo pela vida. A dignidade do ser humano está no fato de ter sido criado à imagem e semelhança de Deus. Os discípulos de Jesus são chamados à santidade no seguimento de Cristo e no serviço ao próximo. Sua ação deve ser motivada pelo exemplo do Mestre e pela força do Espírito Santo. Os discípulos de Jesus são enviados a anunciar o Evangelho da vida e da libertação.

A promoção humana é considerada no Documento de Aparecida como tarefa prioritária para os discípulos de Jesus na atualidade do continente Americano: “Deus amor é Pai de todos os homens e mulheres de todos os povos e raças. Jesus Cristo é o Reino de Deus que procura demonstrar toda sua força transformadora em nossa Igreja e em nossas sociedades.”¹⁴⁵ Jesus veio implantar o Reino de Deus que é de justiça, de amor, de paz e de solidariedade e por isso a Igreja trabalha pela transformação social. Sendo assim, Aparecida aponta a urgência de criar estruturas que consolidem a ordem social, política e econômica na qual haja possibilidades para todos viverem com dignidade. Os gestos de misericórdia e piedade devem ser praticados, mas deve-se ficar atento para não acomodar as pessoas. Fica o convite para que não se caia em círculos viciosos que não libertem de verdade a pessoa humana. Mas, pelo contrário, é necessário criar mecanismos que de fato tragam mudanças nas estruturas injustas. Enquanto a igreja trabalha pela promoção e libertação dos pobres, está lutando pela sua dignidade na totalidade da pessoa. A Conferência lembra ainda que a sua tarefa em favor da promoção humana não se resume em palavras, mas deve concretizar-se em ações: “Os discípulos missionários de Jesus Cristo temos a tarefa prioritária de dar testemunho do amor a Deus e ao próximo com obras concretas.”¹⁴⁶ Há um forte apelo ao testemunho para dar mais credibilidade à pregação do Evangelho na obra da Evangelização. Nessa tarefa, a Igreja se propõe recordar sempre a todos que a dignidade humana deve ser respeitada e a razão principal é que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus.

A Conferência de Aparecida não só reafirmou, mas radicalizou a opção preferencial pelos pobres: “Hoje queremos ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres feita

¹⁴⁴ *Idem*, n. 101.

¹⁴⁵ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Aparecida* n. 382.

¹⁴⁶ *Idem*, n. 386.

nas conferências anteriores. Que seja preferencial implica que deva atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais.”¹⁴⁷ A opção preferencial pelos pobres não se concretiza em gestos e atos isolados da Igreja, mas envolve todo o seu agir e a sua ação pastoral. Aparecida quer ser Sacramento vivo de amor, marcando a história dos povos através da vivência da solidariedade e da justiça. Esta opção, segundo Aparecida, está implícita em nossa fé cristológica, pois o próprio Cristo se fez pobre para assim enriquecer a cada um de nós. Portanto, este é o motivo último da opção pelos pobres e não somente as suas necessidades. Os pobres e excluídos se constituem um desafio constante para a missão da Igreja: “Eles desafiam o núcleo de trabalho da Igreja, da pastoral e de nossas atitudes cristãs. Tudo o que tenha relação com Cristo tem relação com os pobres, e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo.”¹⁴⁸ A Igreja serve a Cristo na pessoa do mais fraco, do excluído.

Mas de que forma o Documento pensa concretizar a opção preferencial pelos pobres? Primeiramente nos números 178 e 179 mostra que as Comunidades Eclesiais de Base foram um sinal e a expressão mais visível e genuína desta opção. É necessário evitar todo e qualquer tipo de paternalismo. “Solicita-se dedicarmos tempo aos pobres, prestar a eles amável atenção, escutá-los com interesse, acompanhá-los nos momentos difíceis.”¹⁴⁹ A opção preferencial pelos pobres visa à sua promoção, à sua mudança, à transformação social, à mudança das estruturas injustas.

O Documento fala em globalização da solidariedade, já que a globalização não deu certo, pelo menos para os pobres. Com a globalização aumentou o número dos excluídos na América Latina e no Caribe.

O Documento indica ainda alguns caminhos na globalização da solidariedade para concretizar a opção preferencial pelos pobres e a sua promoção humana, e o principal é a formação reta das consciências: “A Igreja da América Latina e do Caribe sente que tem uma responsabilidade em formar cristãos e sensibilizá-los a respeito das grandes questões da justiça internacional.”¹⁵⁰ Quem exerce função ou tem cargo público deve ser educado para a solidariedade para com os mais fracos.

É necessário ainda trabalhar para que todos possam agir de acordo com a ética cristã, na luta pelos direitos de todos e contra qualquer tipo de corrupção. Difundir a cultura da responsabilidade de todos diante da situação de exclusão, e mais: “É necessário colocar como

¹⁴⁷ *Idem*, n. 396.

¹⁴⁸ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Aparecida* n. 393.

¹⁴⁹ *Idem*, n. 397.

¹⁵⁰ *Idem*, n. 406.

prioridade a criação de oportunidades econômicas para setores da população tradicionalmente marginalizados, como as mulheres e os jovens, a partir do reconhecimento de sua dignidade.”¹⁵¹ Não se trata de dar esmolas aos pobres, mas sim de dar oportunidades para que se libertem das situações injustas e alcancem as condições favoráveis para viver com mais dignidade. A Igreja, assumindo a causa dos excluídos, une-se a todos os homens e mulheres que estejam dispostos a trabalhar pelo bem comum e pela justiça social, no intuito de alcançar a promoção humana e resgatar a dignidade que lhes foi tirada. A defesa da vida é tarefa irrenunciável para a Igreja: “A vida é presente gratuito de Deus, dom e tarefa que devemos cuidar desde a concepção, em todas as suas etapas, até a morte natural, sem relativismos.”¹⁵² A opção preferencial pelos pobres e marginalizados se justifica, pois a vida destes, e a sua dignidade estão ameaçadas.

Nesta perspectiva o ser humano se torna caminho para a Igreja. E para muitos, esta foi a grande novidade de Aparecida: “Para Aparecida, o ponto de chegada não é a Igreja, nem mesmo Jesus Cristo, tomando distância, com isso, tanto do eclesiocentrismo como do cristomonismo reinante nos meios saudosistas da cristandade. Jesus não é o caminho da igreja, mas a salvação. O ponto de chegada é a vida plena, em Jesus Cristo, para a pessoa inteira e para nossos povos.”¹⁵³ Percebemos assim a presença do Quarto Evangelho no Documento de Aparecida.

A Igreja é mediadora entre Cristo e o homem. Ela ajuda a cuidar, defender e promover a vida. Por isso evangelizar não é apenas proclamar o kerigma, mas é resgatar a dignidade daqueles que estão sobrando na sociedade e que são insignificantes, segundo a mentalidade consumista. Por isso “irradiar a vida de Jesus Cristo e o seu Reino é trabalhar por um mundo onde caibam todos, como filhos, que somos, de um mesmo Pai. Ora, nos pobres a dignidade humana está profanada.”¹⁵⁴ Por isso a Igreja, no cumprimento de sua missão e no seguimento de Jesus Cristo, assume a opção preferencial pelos pobres e luta pela sua promoção. Dessa forma está colaborando na realização do Reino de Deus entre nós.

Essa forma oficial de a Igreja assumir a causa do pobre mostra que ela tem consciência de sua fidelidade a Jesus cristo, assim como era fiel a Ele a comunidade Joanina no final do primeiro século.

¹⁵¹ Idem, n. 406.

¹⁵² CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Aparecida* n. 464.

¹⁵³ BRIGHENTI, Agenor. Aparecida. As surpresas, sua proposta e novidades. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, n. 109, set./dez 2007. p. 324.

¹⁵⁴ BRIGHENTI, Agenor. Aparecida. As surpresas, sua proposta e novidades. *Perspectiva Teológica* n. 109. p. 326.

Verificamos neste capítulo, estudando os quatro Documentos das Conferências do Episcopado latino-americano, que estes trazem para dentro deles o Quarto Evangelho, na medida em que o citam para tratar das categorias de marginalizados presentes nesse nosso contexto.

Ao assumir a causa do pobre e do marginalizado, a Igreja latino-americana trabalha para a sua promoção e faz a sua parte para que todos alcancem condições de vida mais digna, mais humana. A Igreja trabalha “para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (*Jo* 10,10).

Medellin cita *Jo* 14,27 ao tratar do tema da paz como superação da pobreza e das injustiças. A solidariedade humana não acontece de fato se não em Cristo que dá a paz que o mundo não pode dar. O cristão que quer trabalhar pela construção do Reino e pela justiça social deve antes cultivar a paz e a justiça no coração para transformar em prática cristã.

Em Puebla, já no discurso inaugural há uma importante citação do nosso Evangelho sobre o tema da verdade: “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (*Jo* 8,32). O referido discurso revela a preocupação com a compreensão errada que muitos têm de Cristo: “Em alguns casos ou se silencia a divindade de Cristo, ou se incorre de fato em formas de interpretação contrárias à fé da igreja. Cristo seria apenas um “profeta”, um anunciador do reino e do amor de Deus, mas não o verdadeiro Filho de Deus, nem seria, portanto, conteúdo e o objeto da mesma mensagem evangélica.”¹⁵⁵ O mesmo discurso inaugural critica aqueles que vêem Jesus apenas como um político revolucionário ou como o subversivo de Nazaré. O conjunto dos Evangelhos mostra que a atuação de Jesus não era meramente política, mas sim se trata de alcançar a redenção e a salvação integral de todos.

O Discurso Inaugural do Papa em Puebla critica portanto, aqueles que, dessa forma, silenciam a Divindade Cristo e por isso os Bispos são chamados a atuarem como mestres da verdade. É bem possível que este seja o motivo principal pelo qual pouco se recorre ao Evangelho de João para tratar da questão do pobre. Uma leitura exageradamente humana de Jesus exclui o Quarto Evangelho que tem uma visão de uma cristologia mais elevada, onde a Divindade de Jesus aparece mais forte. Puebla ainda cita *Jo* 18,36 para lembrar que o Reino que Jesus anuncia não é deste mundo.

A Conferência de Santo Domingo, por sua vez, também recorre ao Evangelho de João ao tratar do tema da vida. A missão da igreja na América Latina se torna a mesma de Jesus:

¹⁵⁵ CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO. Puebla. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Discurso inaugural, p. 20.

“Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância” (*Jo* 10,10). Todo o processo de Evangelização que Santo Domingo se propõe visa levar a Boa Nova de Cristo a todos os povos, mas, ao mesmo tempo, coloca o tema da promoção humana por ter consciência da realidade do povo da América Latina. A Igreja trabalha para que todos tenham vida ou tenham condições para viver com dignidade. Jesus promete a vida eterna (*Jo* 6,54), mas a Igreja faz e assume a sua parte para que, através da libertação e da promoção humana, a vida possa já ser vivida com dignidade na sua concretude histórica.

Também na Conferência de Aparecida, ao tratar do tema do discipulado ou da vida, o Quarto Evangelho é algumas vezes citado: “Só o Senhor é autor e dono da vida. O ser humano, sua imagem vivente, é sempre sagrado, desde a sua concepção até a sua morte natural, em todas as suas circunstâncias e condições de sua vida. Diante das estruturas de morte, Jesus faz presente a vida” (*DA* 112). Percebemos que este trecho do documento está intimamente ligado com *Jo* 10,10. Da mesma maneira aparece, como dissemos, o tema do discipulado: “Como discípulos de Jesus, confessamos nossa fé com as palavras de Pedro: ‘tuas palavras dão vida eterna’ (*Jo* 6,68)” (*DA* 101). Em outros momentos, o Documento de Aparecida cita João 4,6-40 para falar da dignidade da mulher.

Como foi demonstrado, existem sim algumas passagens que revelam lucidez ao buscar em João os textos para tratar de temas como a exclusão e a pobreza dos marginalizados. No entanto, também nos Documentos das Conferências Episcopais latino-americanas, muito mais abundantes são as citações dos Evangelhos Sinóticos.

No próximo capítulo buscaremos verificar se os estudos exegéticos em geral, principalmente as revistas bíblicas latino-americanas, contemplam a dimensão concreta do Quarto Evangelho ao tratar das categorias do pobre e do marginalizado.

3.3 – O QUARTO EVANGELHO E OS ESTUDOS EXEGÉTICOS NO BRASIL

Está coerente ou silencia a dimensão dos pobres? Esta literatura dá conta de uma leitura de João que leva em conta essa dimensão do pobre e do marginalizado?

Buscaremos, a partir de agora, mostrar que a literatura Joanina brasileira tem evidenciado e privilegiado a dimensão do pobre e do marginalizado. Faremos isso através do estudo de algumas revistas bíblicas latino-americanas. O Quarto Evangelho não está alheio às questões terrenas. Há sim a preocupação com a concretude do homem. Episódios como a multiplicação dos pães, narrada no capítulo 6, mostram que Jesus preocupou-se com algo que é elementar, mas que é extremamente necessário, que foi prover o pão para os que dele tinham necessidade. É verdade que os próprios Documentos da Igreja citam pouco o Evangelho de João quando falam de temas ligados à pobreza e à marginalização, enquanto são abundantes em recorrer aos Sinóticos.

Para elucidar a questão que estamos vendo, é necessário evidenciar a diferença que existe na compreensão da escatologia no Quarto Evangelho em relação aos Sinóticos. Nos Evangelhos Sinóticos, a escatologia, que se refere às coisas últimas, é entendida como a realização do Reino futuro, uma realidade para depois, para o futuro. Os milagres e as curas realizadas por Jesus são sinais da realização do Reino que está por vir: “O tempo está realizado e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede no Evangelho” (*Mc* 1,14). Diante desse Reino que está por vir, é feito um forte apelo de conversão para que nele se possa entrar.

Outra é a concepção de escatologia no Quarto Evangelho: “No Quarto Evangelho, porém, a escatologia recebe um tratamento diferente. O último e definitivo são antecipados para dentro da história. Nesta perspectiva, portanto, não há distância entre o céu e a terra.”¹⁵⁶ João acentua que os tempos últimos já começaram desde que Jesus fez a oferta de si no Evento Pascal. A pregação de Jesus não está centrada no Reino, mas na sua Pessoa, sempre intimamente ligado ao Pai: “Jesus não anuncia o Reino, não o proclama presente, não o ilustra por meio de parábolas. Os gestos extraordinários de Jesus não são sinais da presença do Reino, mas sinais da glória de Deus que se manifesta em Jesus. Os homens não são chamados à conversão, mas simplesmente a crer em Jesus.”¹⁵⁷ Crer em Jesus é um ato de todo o ser, uma opção de vida. Crer em Jesus é crer em Deus, pois Ele está sempre intimamente ligado com Deus Pai e Deus Espírito Santo. O Quarto Evangelho é, portanto, o Evangelho da alta cristologia, pois Jesus é de filiação Divina.

¹⁵⁶ MINCATO, Ramiro. Escatologia no Quarto Evangelho. O Reino já chegou. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, n. 93, 2007/1. p. 51.

¹⁵⁷ MINCATO, Ramiro. Escatologia no Quarto Evangelho. O Reino já chegou. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, n. 93 p. 52.

Com a vinda de Jesus Cristo o Reino de Deus já começou. O Reino é concreto, presente e atual, é histórico: “Em verdade, em verdade eu vos digo: quem escuta a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não vem a juízo, mas passou da morte à vida” (*Jo 5,24*). O Reino se realiza na Pessoa de Cristo e naquele que crê. Igualmente concreto é o Filho de Deus: “Filipe encontrou Natanael e lhe disse: encontramos aquele de quem escreveram Moisés, na Lei, e os profetas: Jesus o filho de José, de Nazaré” (*Jo 1,45*). Em João, concreto é o Reino, concreto é Aquele que implantou esse Reino como concretas são as suas atitudes em favor dos pobres e marginalizados. Ao trazer a realidade do Reino para dentro da história, Jesus assume a causa humana e em especial a daqueles que estão mais distante desse Reino que é de amor, de paz e de justiça. Deus se manifesta ao mundo na pessoa de Jesus Cristo: “Se Jesus é Deus (e não apenas o Messias davídico), a escatologia já se realizou. Se a escatologia já se realizou, então a vida eterna é uma realidade que já começou aqui neste mundo. Daí o termo “vida” ser a categoria preferida para indicar a salvação.”¹⁵⁸ A vida é trazida por Jesus Cristo curando os doentes, recuperando a vista aos cegos, dando o pão aos famintos.

Dessa forma, o Quarto Evangelho apresenta Jesus como Aquele que veio dar a vida para todos, no concreto da situação de cada homem e de cada mulher. Portanto, se é verdade que o evangelho de João é o mais espiritualizante, como foi denominado por Clemente de Alexandria, não é menos verdade que o Quarto Evangelho é também muito concreto. O Jesus Joanino é Aquele que se preocupa com o homem concreto, e que se comove com as dificuldades do dia-a-dia. O Jesus Joanino é um Jesus missionário, pois Ele vem do Pai e pelo Pai foi enviado (*Jo 5,23 ss*). Jesus sai de si mesmo, de sua plenitude para habitar no meio de nós (*Jo 1,1-14*). Jesus está a serviço do Pai e a serviço dos homens. Jesus busca a todos no seu cotidiano e fala da vontade do Pai a partir do convívio, da intimidade e do conhecimento da realidade concreta. O desejo do Pai é o mesmo de Jesus, que é o homem livre e com vida em abundância (*Jo 10,10*). Jesus foi enviado pelo Pai e envia a comunidade em missão: “Como o Pai me enviou, também eu vos envio” (*Jo 20,21*).

No estudo das revistas, verificamos que se recorre ao Evangelho de João ao tratar da questão do pobre e do marginalizado. Embora se faça isso, percebemos que ele é pouco citado. Significa que este ainda hoje não é devidamente compreendido. Existe a falsa concepção de que o Quarto Evangelho está muito distante da realidade humana e colocado fora do contexto histórico. Na realidade não é assim, pois o próprio fato da Encarnação do

¹⁵⁸ MINCATO, Ramiro. Escatologia no Quarto Evangelho. O Reino já chegou. *Estudos Bíblicos* n.93. p. 56.

Verbo revela um Deus próximo, ou melhor, um Deus que está inserido dentro da realidade humana.

Ao percorrer revistas importantes como a “Estudos Bíblicos”, vemos que em alguns momentos o Quarto Evangelho é citado para tratar do tema do pobre ou de outras categorias de marginalizados como é o caso da mulher. A título de exemplo, citamos um artigo sobre a eclesiologia da mulher no Evangelho de João, no seu número 68, onde são demonstradas a importância da mulher na comunidade Joanina e principalmente a sua ativa participação nos sinais realizados por Jesus: “É consenso que o Evangelho de João é o Evangelho dos sinais, não somente por apresentar os sete sinais, mas sua própria organização literária é sinal. Sinal também para a tradição antiga guardar memória de sete acontecimentos tendo como protagonista ao lado de Jesus uma mulher.”¹⁵⁹ Estas mulheres são Maria, a Mãe de Jesus, a samaritana, Marta e Maria irmãs de Lázaro e ainda Maria Madalena. A referida autora destaca a importância de Marta na tradição da comunidade Joanina, pois coube a ela confessar Jesus como o enviado do Pai. Enquanto isso nos Sinóticos este papel é reservado a Pedro.

No contexto de marginalização ao qual eram submetidas as mulheres no tempo de Jesus, essa valorização para com elas, encontrada no Quarto Evangelho, adquire grande importância. No contexto latino-americano estamos a caminho dessa valorização, e nisso, sentimos o Quarto Evangelho próximo de nós.

Em nosso trabalho, nos propomos agora uma análise mais sistemática de cinco revistas bíblicas latino-americanas para verificar se, ao abordar o tema da libertação concreta do homem latino-americano, estas recorrem ao Quarto Evangelho. Trata-se das Revistas Estudos Bíblicos, RIBLA (Revista de Interpretação Bíblica Latina Americana), Teocomunicação, Perspectiva Teológica e Estudos Teológicos.

3.3.1 – Revista Estudos Bíblicos

Tomando inicialmente como referência a revista **Estudos Bíblicos**¹⁶⁰, dentro da temática da libertação concreta dos povos latino-americanos, encontramos 11 artigos que são,

155 FRIGERIO Tea. Despir o manto... Vestir o avental. Ensaio de eclesiologia da mulher no evangelho de João. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 68, 2001, p. 104.

¹⁶⁰ ESTUDOS BÍBLICOS. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. 1980-.

ou que recorrem ao Evangelho de João para tratar deste tema. Bem mais abundantes são os textos que citam os Evangelhos Sinóticos: são 31 artigos e também muito recorrentes são as citações do Antigo Testamento, especialmente o livro do Êxodo e os profetas.¹⁶¹ Portanto, se recorre sim ao Quarto Evangelho para trabalhar a temática do pobre e do marginalizado, mas fica a impressão de que o nosso Evangelho está um tanto distante dos reais problemas dos excluídos.

Um exemplo disso é a edição número 21 de Estudos Bíblicos que traz como título “Categorias de marginalidade na Bíblia”. No artigo “Jesus e os marginalizados do seu tempo, uma meditação bíblica”, os Evangelhos Sinóticos são citados em abundância; já o Quarto Evangelho muito menos. Marcos é citado 39 vezes, Mateus é citado 36 vezes, Lucas é citado 25 vezes, enquanto isso, o Quarto Evangelho aparece apenas 8 vezes. Assim o total de citações dos Sinóticos, no referido artigo, chega a 100 vezes. O presente artigo apresenta Jesus como o carpinteiro pobre de Nazaré, apontado como galileu, depois passa a identificar as categorias de marginalizados para, em seguida, verificar na terceira parte, a prática de Jesus diante destes. Este artigo busca, no Evangelho de João, as categorias de marginalizados como as mulheres, samaritanos, publicanos e pecadores, mas apresenta com muito mais facilidade as categorias de marginalizados encontrados nos Sinóticos como: pobres, famintos, cegos, coxos, surdos, leprosos, prostitutas, crianças.

Muito embora haja predominância sinótica no presente artigo, este traz a preocupação com a categoria da mulher, uma classe excluída no tempo de Jesus: “Jesus relacionou-se com as mulheres...Jesus conversa com as mulheres, e em público, e com uma mulher samaritana para espanto dos discípulos (Jo 4,27).”¹⁶² Dessa forma, o artigo contempla a preocupação com a categoria das mulheres que eram marginalizadas, no tempo de Jesus e em nosso tempo, a partir de uma leitura do Evangelho de João. E ainda o mesmo artigo traz a preocupação pelos marginalizados da Galiléia, considerados como uma raça maldita: “Os marginalizados da Galiléia se caracterizam como aqueles que estão fora do sistema do Templo, da Lei, enfim, do sistema vigente. São os “malditos...que não conhecem a Lei” (Jo 7,49). Esta marginalização se manifesta na corporalidade, na materialidade das pessoas.”¹⁶³ A salvação que Jesus veio

¹⁶¹ Estes números são aproximados, mas não precisos, pois alguns textos que foram classificados, passam também pela interpretação de quem os consulta e por isso são passíveis de serem interpretados de formas diversas.

¹⁶² NEUTZLING, Inácio. Jesus e os marginalizados do seu tempo. Uma meditação Bíblica. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 21, 1989. p. 51.

¹⁶³ NEUTZLING, Inácio. Jesus e os marginalizados do seu tempo, uma meditação Bíblica. *Estudos Bíblicos* n. 21, p. 52.

trazer se manifesta nas dificuldades concretas das pessoas e na sua superação. Os sinais realizados por Jesus revelam que os tempos messiânicos já chegaram.

A literatura Joanina no Brasil tem tratado da dimensão concreta e histórica da comunidade Joanina. Nesse sentido, em *Estudos Bíblicos* número 42, o artigo de Paulo Lockmann, intitulado “o Evangelho de João e o testemunho criativo do povo”, trata da dimensão concreta e histórica da comunidade Joanina com dois pressupostos hermenêuticos: o primeiro é que o ambiente da América Latina é de crise e sede de justiça onde multidões de pessoas vivem sem os mínimos direitos de cidadania como casa, pão e saúde. E o segundo pressuposto hermenêutico é que, no interior do Evangelho, surgem diversas testemunhas que, na maioria dos casos, são pessoas do povo e não são ouvidas a princípio por ninguém, mas que se tornam mártires e, por isso, neste pressuposto, queremos nos deter um pouco mais. Segundo o autor citado, das 76 vezes que o substantivo “testemunhar” aparece no Novo Testamento, 40 se encontra na literatura Joanina. Isto se deve ao contexto de perseguição pela qual passava a comunidade Joanina quando foi escrito o Evangelho de João.

Havia neste período uma condição histórica de martírios e lutas: “Assim, o Evangelho resgata do anonimato testemunhos e testemunhas pobres e ignoradas, como as que analisaremos a seguir, e que não foram lembradas na tradição sinótica, mas que tinham, em sua piedade comprometida e sofredora, o perfil de muitos irmãos e irmãs da comunidade de João.”¹⁶⁴ A testemunha principal a que o autor se refere é a mulher samaritana: “Uma das testemunhas que João e sua comunidade resgataram foi a mulher samaritana. Ela é revestida de uma dignidade que não aparece nos sinóticos, no tratamento das mulheres, com exceção da mulher que ungiu Jesus (*Mt* 26,6-13; *Mc* 14,3-9).”¹⁶⁵ Isto adquire importância para a comunidade de João pela intolerância que havia para com os samaritanos e pelas mulheres em particular. A partir do encontro com Jesus, ela se sente enviada a anunciá-Lo aos seus conterrâneos. O Evangelho faz ver o esforço das mulheres da comunidade Joanina em mostrar que o seu testemunho foi aceito pelo próprio Cristo. “Deste modo, a acolhida de Jesus à mulher samaritana ilustra o tratamento que as mulheres da comunidade Joanina reivindicariam para si mesmas”¹⁶⁶. Em um mundo onde a história é sempre contada pelas classes dominantes, é significativo o fato que João retire do anonimato as testemunhas que sempre foram naturalmente excluídas. Por isso o autor conclui: “Valeu poder apontar o caminho do resgate da memória das testemunhas anônimas no Evangelho, pois elas têm seus

¹⁶⁴ LOCKMANN, Paulo. O Evangelho de João e o testemunho criativo do povo. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 42, 1994. p. 82.

¹⁶⁵ LOCKMANN, Paulo. O Evangelho de João e o testemunho criativo do povo. *Estudos Bíblicos* n. 42. p. 86.

¹⁶⁶ LOCKMANN, Paulo. O Evangelho de João e o testemunho criativo do povo. *Estudos Bíblicos* n. 42, p. 87.

correspondentes em tantos irmãos e irmãs que, silenciosamente, com seu testemunho, ajudam a construir uma Igreja comprometida com os pobres em nossa América Latina.”¹⁶⁷ Este texto está coerente com o Evangelho de João e responde à missão da Igreja assumida na América Latina em favor dos pobres e marginalizados. Neste artigo, o autor faz com que sintamos o Quarto Evangelho mais próximo de nós, já que nossos pobres e marginalizados, nesse caso as mulheres, podem se ver na figura dos pobres e marginalizados do Evangelho de João, nesse caso, a samaritana.

Há um conjunto de artigos que tratam da questão do pobre e dos necessitados de pão material que buscam no Quarto Evangelho as respostas para as mudanças necessárias em nossa realidade. Hoje, na América Latina, a maior preocupação de milhões de pessoas é a busca desesperada pelo pão que falta em muitas mesas. Como sabemos, em nosso continente, o problema não está na produção, mas na falta de partilha do pão. A realidade de pobreza questiona a fé de muita gente sobre a realização e a promessa do Reino de Deus.

Nesta linha destacamos o texto “Quando as cercas caírem no chão...A utopia da fartura de pão a partir de *Jo* 6,1-71” de Itacir Brassiani publicado em *Estudos Bíblicos* número 49. O autor parte de dois pressupostos hermenêuticos destacando que é necessário observar a materialidade objetiva do sinal realizado e não apenas perguntar pelo seu significado. Jesus, ao falar do pão da vida, não está apresentando uma proposta fora do contexto histórico humano, mas sim “Jesus está querendo apontar para um novo modo de viver no mundo, um novo dinamismo, capaz de produzir vida em abundância, portanto, também as condições materiais de reprodução da vida humana.”¹⁶⁸ Não se trata, portanto, de oposição entre o pão material ou pão espiritual. O contexto de João 6 é de um povo em extrema carência, por isso o pão de que Jesus fala não pode ser apenas simbólico, mas é, antes de tudo, real pois o pão é símbolo da subsistência material dos homens. No contexto de carência, há a proposta da abundância que é fruto da partilha: “Com a partilha, base da adesão a Jesus e a sua proposta, não falta alimento. Jesus toma os pães e “pronuncia a ação de graças”, isto é, estabelece a relação pão-dom de Deus, e alimenta a multidão”¹⁶⁹. Jesus ensina também que para a superação da crise, além da partilha, é preciso a ação. É a ação de Jesus que sacia a fome da multidão. Este texto leva em conta a dimensão concreta do Quarto Evangelho e responde a missão da igreja na América Latina.

¹⁶⁷ LOCKMANN, Paulo. O Evangelho de João e o testemunho criativo do povo. *Estudos Bíblicos* n. 42, p. 88.

¹⁶⁸ BRASSIANI, Itacir. “Quando as cercas caírem no chão...”. A utopia da fartura de pão a partir de *Jo* 6,1-71. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 49, 1996. p. 49.

¹⁶⁹ BRASSIANI, Itacir. “Quando as cercas caírem no chão...”. A utopia da fartura de pão a partir de *Jo* 6,1-71. *Estudos Bíblicos*, n. 49, p. 51.

Um grande grupo de pessoas fortemente desprezado e marginalizado, no tempo de Jesus, era o povo da terra. Em Estudos Bíblicos número 27, Osmar Zizemer, em seu artigo “‘Este povo que não conhece a Lei são uns malditos` (Jo 7,49)”, analisa o contexto de discriminação sofrido pelo povo simples por não conhecerem a Lei. Estes eram desprezados pelos fariseus. “O texto de Jo 7 deixa entrever que Jesus não se deixa envolver neste clima de ódio, discriminação e marginalização reinante contra o “povo da terra”, numa atitude diversa da dos líderes religiosos de sua época.”¹⁷⁰ A atitude de Jesus é de acolhida e compreensão. Jesus se preocupa em acabar com todo tipo de discriminação e marginalização. Este artigo, partindo do Evangelho de São João, demonstra clareza em relação à missão de Jesus que veio incluir todos aqueles que eram desprezados pelos fariseus, que se julgavam detentores do poder pelo conhecimento que tinham das leis.

Outra categoria de marginalizados eram os pecadores, vistos assim, principalmente quando doentes, cegos, aleijados ou desconhedores da Lei e, portanto, incapazes de cumpri-la. Verner Hoefelmann, em seu artigo “Crítica de Jesus à Lei como opção pelos marginalizados”, publicado em Estudos Bíblicos número 27, analisa o modo como Jesus se coloca diante das leis de seu tempo. A preocupação de Jesus não era somente com o cumprimento da Lei, mas com o bem estar das pessoas e a sua dignidade. No presente artigo, o autor cita 15 vezes o Antigo Testamento, 47 vezes os Sinóticos e apenas 3 vezes o Quarto Evangelho. Tanto os pagãos quanto os judeus ou não-judeus que não conheciam a Lei eram considerados pecadores e conseqüentemente discriminados e marginalizados. No entanto, o autor silencia em relação às passagens em que Jesus foi ao encontro da categoria dos pecadores no Quarto Evangelho. Como vimos na estatística acima, muito mais recorrente são as passagens dos Sinóticos: “...que Jesus recebeu dos adversários o apelido de “amigo de publicanos e pecadores” (Mt 11,19)”.¹⁷¹ No presente artigo, nenhum texto do nosso Evangelho é citado para mostrar a acolhida de Jesus para com os pecadores.

Citamos outro artigo da Revista Estudos Bíblicos, número 42, que contempla a dimensão histórica e concreta da salvação no Quarto Evangelho. Trata-se da perícopa Jo 6,1-15, analisada por Ivoni Richter Reimer e intitulada “O pão na crise, alimentando a resistência criativa.” A autora destaca as particularidades do texto em relação aos sinóticos destacando a presença do menino empobrecido, que põe o pouco que tem à disposição de todos, como componente novo no relato: “Não se trata de um menino qualquer, mas de um *paidáron*, um

¹⁷⁰ ZIZEMER, Osmar. “Este povo que não conhece a Lei, são uns malditos” (Jo 7,49). *Estudos Bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 27, 1990. p. 52.

¹⁷¹ HOEFELMANN, Verner. A crítica de Jesus à Lei como opção pelos marginalizados. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 27, 1990, p. 60.

menino empobrecido, talvez até um jovem escravo. Esse menino se agrega à multidão junto a Jesus, a qual vivencia sinais de libertação e de proclamação da glória de Deus.”¹⁷² Provavelmente ele tenha trabalhado duro para conseguir aquele pão, mas o colocou à disposição de todos e se tornou assim elemento milagroso.

Jesus tinha presente a dificuldade do povo ter o pão necessário para viver e de sua importância, por isso dirá de si mesmo: “Eu sou o pão da vida” (*Jo* 6,35). “Ora, Jesus pronuncia a frase num contexto onde a concretude da fome e o saciar-se já puderam ser realidades experimentadas.”¹⁷³ Jesus, ao afirmar-se como pão da vida, afirma-se como essencial e necessário para viver; embora no artigo a autora fale da teologização do pão, não esquece do pão como alimento primário e essencial para nossas vidas: “Jesus, o pão da vida, possibilita vida em abundância (*Jo* 10,10b) para todas as pessoas, indistintamente. Que mais é preciso, a não ser que tratemos do pão como elemento sagrado, necessário no cotidiano de nossas vidas?...para que nada se perca, e que nada falte a ninguém.”¹⁷⁴ Entendemos que neste artigo a autora tem uma visão da concretude no agir de Jesus no Evangelho de João e ao mesmo tempo, interpela seus interlocutores para que tenham a preocupação com os que necessitam de pão: “Dai-lhes vós mesmos de comer!”

A preocupação de Jesus com a vida e com o alimento no Evangelho de João não é banal: “Jesus não acha supérfluo ressuscitar Lázaro materialmente. Assim também no episódio da multiplicação dos pães, apesar de o pão material não produzir por si só a vida eterna, Jesus alimenta de fato cinco mil pessoas com cinco pães e dois peixes... Isso nos deve libertar definitivamente da leitura “espiritualizante” do Evangelho de João.”¹⁷⁵

3.3.2 – Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana

Passamos agora para a análise da **Revista RIBLA**¹⁷⁶ – Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana. Nela encontramos vários artigos que tratam da temática dos

¹⁷² REIMER, Ivoni Richter. O pão na crise. Analisando a resistência criativa. *Estudos bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 42, 1994. p. 75.

¹⁷³ REIMER, Ivoni Richter. O pão na crise. Analisando a resistência criativa. *Estudos bíblicos*, n. 42. p. 76.

¹⁷⁴ REIMER, Ivoni Richter. O pão na crise. Analisando a resistência criativa. *Estudos bíblicos*, n. 42. p. 76.

¹⁷⁵ KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João. Amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. 2000. p. 65.

¹⁷⁶ RIBLA. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. 1970-.

excluídos como as mulheres, os doentes, os pecadores e os famintos partindo do Evangelho de João. Nesse sentido, encontramos pelo menos 10 artigos que deixam clara a preocupação de Jesus com os problemas e sofrimentos concretos de seu povo. Citamos, por exemplo, o artigo “Jesus e a Samaritana” de Lúcia Weiler, publicado em *RIBLA*, número 15, onde se mostra a importância de uma mulher na evangelização da Samaria, no seu próprio contexto cultural: “A versão Joanina, que narra a evangelização da Samaria, pode ser considerada extremamente revolucionária. Uma mulher, marginalizada por ser mulher e por ser samaritana, torna-se evangelizadora dentro de sua própria cultura e a partir dela.”¹⁷⁷ O presente artigo busca valorizar a presença da mulher em um contexto de exclusão do qual fazia parte. A partir do encontro com Jesus, narrado em *Jo* 4,1-46, a samaritana reconhece Jesus como Messias e vai anunciar ao seu povo esta verdade.

Em outro artigo, “Jesus liberta uma mulher”, publicado em *RIBLA* número 18, Carmina Navia Velasco focaliza a ação de Jesus diante de alguém que está em condição de pecado e que está sendo condenada. No texto de *Jo* 8,1-11, os fariseus querem que Jesus condene a mulher que foi surpreendida em situação de pecado. Jesus não a condena, mas dá a ela a esperança de uma vida nova: “Neste episódio em que a tradição feminina de resistência guardou para nós, esta mulher concreta, chamada “adúltera”, está resgatada. Mas não só ela. Nessa confrontação realizada por Jesus com as instâncias de autoridade e com o peso da tradição, foram resgatadas todas as mulheres, vítimas de um sistema de poder que as torna indefesas.”¹⁷⁸ No presente artigo, a autora trabalha tendo presente a ação de Jesus como aquele que veio para resgatar a pessoa, nesse caso uma mulher que se encontrava em condição de pecado e que, portanto, era marginalizada pelas pessoas de seu tempo.

Citamos ainda um terceiro artigo que contempla a dimensão concreta e o resgate da condição de marginalização em que viviam as mulheres. No artigo “Maria – A mulher, a hora e a glória”, Sandro Galazzi, em *RIBLA* n. 46, mostra a presença e a importância das mulheres na vida de Jesus, principalmente no que se refere à sua “Hora”. No Evangelho de João, sete vezes se faz memória de uma mulher a começar pela Mãe de Jesus, a Samaritana, a adúltera, Marta, Maria de Betânia e Maria Madalena.¹⁷⁹ No presente artigo, o autor resgata a importância da mulher na Igreja de hoje, a partir do resgate realizado por Jesus valorizando a

¹⁷⁷ WEILER Lúcia. Jesus e a samaritana. *RIBLA*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 15, 1993/2. p. 102.

¹⁷⁸ VELASCO, Carmina Navia. Jesus liberta uma mulher. *RIBLA*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 18, 1994/2. p. 97.

¹⁷⁹ “Sua mãe Maria faz acontecer a “Hora” no início e no fim de sua caminhada, nas Bodas de Caná e ao pé da cruz. A samaritana profetiza e anuncia o messias por primeira. A adúltera nos ensina que a casa de Deus é para os pecadores e não para os justos. Marta – e não Pedro- proclama a fé no Cristo, filho de Deus vivo. Maria de Betânia sai com sua cabeça ungida e Madalena recebe a missão de anunciar o centro da fé Joanina; “o Deus de Jesus é o nosso Deus, o Pai de Jesus é o nosso Pai.” – GALAZZI Sandro, p. 53.

presença das mulheres excluídas e marginalizadas. Destacamos a mãe de Jesus no contexto das bodas de Caná e no sinal-da-cruz: “Maria, é assim, a mulher da “hora”. A “mulher” que faz a “hora” acontecer para Jesus e a “mulher” que a vivencia e a faz acontecer para o discípulo amado, quando ele a “recebe” como dom do amor de Deus e fruto da entrega do filho Jesus.”¹⁸⁰ A mãe de Jesus é protótipo de mulher forte, corajosa e resistente, presente nos principais momentos da vida de seu Filho Jesus.

Encontramos, ainda em RIBLA, outro texto, que contempla um olhar histórico concreto do Quarto Evangelho para a libertação e salvação do homem. Uwe Wegner, em seu artigo “Aspectos da cidadania no movimento de Jesus e nas primeiras comunidades apostólicas”, publicado em RIBLA n. 32, mostra que a atividade de Jesus e das comunidades apostólicas buscou valorizar as pessoas e retirá-las de sua condição de marginalização encontrando seu fundamento no amor de Deus para com a humanidade. No amor de Deus está o fundamento para uma cidadania que não exclui ninguém. A missão de Jesus foi no sentido de incluir a todos buscando a construção de uma vida mais digna para se viver em condições mais humanas. Esteve ao lado dos mais fracos para tirá-los dessa condição: os pobres, as prostitutas, pecadores e publicanos, samaritanos, doentes: “Estes exemplos bastam para comprovar que o movimento de Jesus é essencialmente incluyente, com uma forte propensão para amparar, defender, e mesmo enaltecer aquelas pessoas e grupos de pessoas que corriam o maior perigo de rejeição, discriminação e exploração social e religiosa.”¹⁸¹ O referido artigo mostra a concretude histórica e a manifestação do Reino de Deus que se torna presente através dos sinais, e da melhoria da qualidade de vida das pessoas proporcionada por Jesus. No entanto, há que se destacar a carência de citações do Quarto Evangelho. No artigo encontramos 40 citações do Evangelho de Marcos, 36 do Evangelho de Mateus, 26 citações do Evangelho de Lucas e apenas 5 citações do Evangelho de João. Ou seja, os Sinóticos foram citados 102 vezes. Permanece a concepção de que o Quarto Evangelho é “espiritualizante” e, portanto, distante da realidade concreta.

Nessa mesma direção, é sintomático que a edição número 09 de RIBLA, que traz como tema “opressão e libertação”, silencie por completo sobre o Quarto Evangelho. Por outro lado, o recurso aos Sinóticos, especialmente ao Evangelho de Marcos, é grande. Também os Sapienciais, Salmos, Esdras e Jonas aparecem.

¹⁸⁰ GALLAZZI, Sandro. Maria – A mulher, a hora e a glória. *RIBLA*. Petrópolis; São Leopoldo:, n. 46, 2003/3. p. 53.

¹⁸¹ WEGNER, Uwe. Aspectos da cidadania no movimento de Jesus e nas primeiras comunidades apostólicas. *RIBLA*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 32, 1999. p. 104.

3.3.3 – Revista Teocomunicação

Para verificar se a literatura brasileira está coerente ou silencia a dimensão do excluído, passamos agora a percorrer a **Revista Teocomunicação**¹⁸². Embora sejam pouco recorrentes os artigos sobre a temática dos excluídos, verificamos que, em todas as edições, existem em torno de 21 artigos sobre o nosso tema, dos quais 9 contêm citações do Quarto Evangelho. Em outras palavras, o recurso ao Evangelho de João é um tanto pequeno. Na edição número 141 de Teocomunicação de setembro de 2003, onde o tema foi “Fome e teologia” existem 7 artigos que tratam, direta ou indiretamente, da questão da fome e do pão como alimento. Neste, apenas 5 artigos contêm citações do Quarto Evangelho¹⁸³, sendo que dois destes apenas em forma periférica. Destacamos aqui dois artigos que levam em conta a dimensão concreta do Evangelho de São João ao abordar a questão dos famintos de pão material.

No artigo: “Pedras em pão: Por que não? Uma interrogação cristológica”, Érico João Hammes, na referida edição número 141 de Teocomunicação, parte do pressuposto que a comida representa muito mais que o preenchimento de uma necessidade biológica. Não se trata apenas de comer, mas de participar de uma ceia, uma refeição. O autor faz uma leitura cristológica da fome, a partir da tentação sofrida por Jesus no deserto: “Essa estrutura básica de tentação associada à fome pode também ser encontrada no evangelho de João, quando, após a multiplicação dos pães, Jesus, “sabendo que viriam buscá-lo para fazê-lo rei, refugiou-se, de novo, sozinho, na montanha” (*Jo* 6,15).”¹⁸⁴ Mas como a leitura que o autor faz é cristológica, afirma que o ponto de partida para a superação da fome está na consciência do poder relativo ao pão: “O ponto de partida de uma leitura cristológica da superação da fome está, portanto, na consciência da ambiguidade do poder relativo ao pão. Os Evangelhos mostram Jesus, não apenas recusando-se a invocar o poder divino em seu próprio favor, mas

¹⁸² TEOCOMUNICAÇÃO. Porto Alegre: Edipucrs., 1970-.

¹⁸³ São eles: 1 – O desejo do outro e a luta contra a fome de Ana Maria Hadwig Muller; 2 – Pedras em pão: Por que não? Uma interpretação cristológica de Érico João Hammes; 3 – Eles o reconheceram ao partir o pão de Carlos Gustavo Hass; 4 – Esmola, Jejum e oração: a obra ou o círculo da misericórdia de Luiz Carlos Susin; 5 – Eucaristia: pão de inclusão de Luiz Carlos Susin.

¹⁸⁴ HAMMES, Érico João. Pedras em pão: Por que não? Uma interrogação cristológica. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 33, n. 141, set. 2003. p. 471.

também o poder de domínio sobre outros, originado do pão.”¹⁸⁵ O próprio Jesus, no contexto das tentações, colocou a fidelidade ao Pai acima de qualquer necessidade humana de pão. No artigo encontramos 16 citações de Lucas, 15 de Mateus, 12 de Marcos e 10 citações do Quarto Evangelho. “Quanto a *Jo* 6, embora tenha sua origem no relato sinótico, faz claramente parte da reflexão eucarística e deve ser estudado nesse contexto.”¹⁸⁶ No início, ficamos com a impressão de que a multiplicação dos pães é vista em Mateus, Marcos e Lucas com o objetivo de saciar a fome da multidão, enquanto em João teria como objetivo ser Sinal Eucarístico. Mas para se chegar ao Sinal Eucarístico, passa-se antes pela superação da fome através da multiplicação do pão material que foi servido para a multidão.

O artigo de Luis Carlos Susin “Eucaristia: Pão de inclusão”, também publicado na edição número 141 de *Teocomunicação*, mostra o quanto as ações de Jesus levavam as pessoas à inclusão. Em João 6, Ele é o pão que garante a vida e, ao aceitar conversar com Nicodemos à noite (*Jo* 3,1), Jesus mostra não colocar barreiras para que as pessoas possam se aproximar Dele. “Ele não exclui ninguém, nem ricos, nem poderosos ou sábios. Mas à mesa de Simão apareceu a mulher considerada pecadora na cidade, que o fariseu teria logo afastado ou excluído. Jesus mostra então a Simão como aquela mulher de má fama, candidata ao sacrifício da exclusão, acolheu melhor Jesus do que o próprio anfitrião de boa fama, e revela assim, mais uma vez, sua afinidade e sua preferência pelos excluídos e ameaçados.”¹⁸⁷ O artigo mostra que Jesus quer que todos estejam contemplados estando à mesa com Ele, incluídos.

Na edição número 129 de *Teocomunicação*, Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues em seu artigo “Jesus e a Samaritana: *Jo* 4,1-42”, mostra a relação difícil e discriminatória dos judeus ligada aos samaritanos, bem como em relação às mulheres. Destaca que a iniciativa de romper esta barreira discriminatória é de Jesus que passa pelo território dos samaritanos e busca o diálogo com a mulher samaritana: “Foi Jesus quem tomou a iniciativa ao decidir passar pela Samaria, retornando da Judéia para a Galileia. Ele poderia ter feito outro caminho, mas observa São João: “Era preciso passar pela Samaria.”¹⁸⁸ Ao analisar esta perícopa, o autor mostra que é práxis de Jesus ir ao encontro dos mais necessitados, dos excluídos e marginalizados pela sociedade. Assim foi a atitude de Jesus diante da Samaritana que era

¹⁸⁵ HAMMES, Érico João. Pedras em pão: Por que não? Uma interrogação cristológica. *Teocomunicação*, v. 33, n. 141, set. 2003, p. 471.

¹⁸⁶ HAMMES, Érico João. Pedras em pão: Por que não? Uma interrogação cristológica. *Teocomunicação*, v. 33, n. 141, p. 477.

¹⁸⁷ SUSIN, Luiz Carlos. Eucaristia: Pão de inclusão. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 33, n. 141, set. 2003. p. 659.

¹⁸⁸ RODRIGUES, Eduardo Benes de Sales. Jesus e a Samaritana: *Jo* 4,1-42. *Teocomunicação*. Porto Alegre, v. 30, n. 129, setembro de 2000. p. 485.

discriminada seja por ser samaritana, seja por ser mulher. Jesus revela a face do Deus que vem ao nosso encontro porque ama todos, e para todos quer a salvação.

Já no distante 1975, destacamos o artigo: “A mulher e a Igreja” de Maria S. Mascarello, publicado no número 15 de Teocomunicação onde se mostra a relação da mulher dentro da Igreja. A autora destaca que, por um lado, houve avanços na valorização da mulher na Igreja, mas que, por outro, é preciso avançar ainda mais. Mostra ainda o quanto Jesus valorizou as mulheres, chegando ao ponto de causar escândalo ou, pelo menos, espanto, por exemplo, no encontro com a samaritana. Mas Jesus valoriza todos, vai ao encontro dos excluídos, não discrimina ninguém: “A raça maldita das mulheres é posta, por Cristo, no mesmo plano que a raça nobre dos homens, representada por Nicodemos (*Jo* 3,1-8), para receber a graça da revelação.”¹⁸⁹ A autora ainda destaca a importância de reconhecer a mesma dignidade tanto para o homem quanto para a mulher, evitando qualquer forma de discriminação. O artigo destaca a importância da Igreja na valorização da mulher, dentro e fora dela: “A Igreja, recebendo o que o mundo lhe propõe, descobrirá e inventará novos meios para o crescimento da consciência eclesial, a qual só se poderá manifestar na responsabilidade comum de mulheres e de homens pela mesma Igreja.”¹⁹⁰ A autora destaca a valorização da mulher como elemento para o crescimento da Igreja.

3.3.4 – Revista *Perspectiva Teológica*

Também a Revista **Perspectiva Teológica**¹⁹¹ publicada desde julho de 1969 pela Editora O Lutador, traz alguns artigos que contemplam a temática do excluído nos Evangelhos. A revista se propõe mostrar a relevância da fé para o momento cultural, político e social em que estamos vivendo. Nela encontramos em torno de 25 artigos referentes à temática dos excluídos e marginalizados, dos quais 20 contemplam o Quarto Evangelho.

Nesse sentido, destacamos o artigo de Maria Clara Lucchetti Bingemer: “...E a mulher rompeu o silêncio. A propósito do segundo Encontro sobre a produção teológica feminina nas igrejas cristãs”, publicado na edição número 18 de *Perspectiva Teológica*, que mostra que

¹⁸⁹ MASCARELLO, Maria S. A mulher e a igreja. *Teocomunicação*. Porto Alegre, n. 15. 1973, p. 14.

¹⁹⁰ MASCARELLO, Maria S. A mulher e a igreja. *Teocomunicação* n. 15, p. 16.

¹⁹¹ PERSPECTIVA TEOLÓGICA. Belo Horizonte: O Lutador. 1969-.

depois de séculos de silêncio, finalmente as mulheres se fazem ouvir dentro da própria Igreja também através da produção teológica. A autora mostra que com Jesus o Reino de Deus se manifestou a muitas mulheres, destacando a figura da Samaritana: “Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz” (*Jo* 4,1-29). A autora resgata alguns textos bíblicos que mostram mulheres e homens trabalhando juntos desde as comunidades primitivas, onde a construção do Reino é tarefa de todos: “...Onde mulheres e homens compartilhavam ombro a ombro diversos ministérios e serviços: instrução na fé e animação das comunidades (*At* 18,26), anúncio do Evangelho (*Jo* 4,42;20,17); diaconia da mesa (*Jo* 12,2) etc.”¹⁹². No Brasil e na América Latina há a constatação de que as mulheres estão assumindo o seu lugar na produção de uma teologia feminista e isto se torna significativo, a partir da constatação de que toda a produção teológica foi feita sempre por homens. A mulher, no entanto, precisa sair um pouco mais da passividade e da concordância de tudo para ser protagonista na igreja e fora dela. Jesus confiou uma missão nobre e específica a uma mulher: “Maria...Vai a meus irmãos e dize-lhes: subo a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus” (*Jo* 20,16-17). Hoje sabe-se que, a partir da experiência missionária e pastoral, ou seja, a partir da própria experiência de vida de muitas mulheres, surge a Teologia Feminista. São as mulheres fazendo-se ouvir: “O mundo de hoje está assistindo ao fenômeno da mulher que toma a palavra. De oprimida e reivindicadora, de esquecida e mal lembrada, a mulher se faz ouvir.”¹⁹³ São as mulheres da época de Jesus e as mulheres de nosso tempo em busca de reconhecimento de sua dignidade e valor, nem sempre reconhecidas por uma sociedade machista.

Nessa mesma linha, destacamos o artigo: “A mulher: aquela que começa a “desconhecer seu lugar”, de Ana Maria Tepedino, publicado em *Perspectiva Teológica*, número 17. No artigo, é destacada a fidelidade das mulheres a Jesus Cristo na época Dele e em nosso tempo e isso é sinal de valorização a elas. Hoje começa-se a valorizar mais a presença feminina na Igreja e na sociedade. Na América Latina, existem muitos sinais de morte, mas a mulher que gera a vida, também trabalha em favor dela. No entender da autora, pela própria condição peculiar de ser mulher, elas podem ser mediadoras do Espírito para aqueles que têm menos vida: “Para isso elas buscam retomar as atividades que parecem ter sido habituais na igreja primitiva: instrução na fé e animação das primeiras comunidades (cf. *At* 18,26), anunciadoras do Evangelho (cf. *Jo* 4,42 e 20,17), verdadeiras discípulas que servem à mesa (diaconia cf. *Jo* 12,2), escutam a auto-revelação de Jesus (cf *Jo* 11,25) e explicitam a

¹⁹² BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. ...E a mulher rompeu o silêncio. A propósito de segundo Encontro sobre a produção teológica feminina nas igrejas cristãs. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, n. 18, 1986, p. 375.

¹⁹³ BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. ...E a mulher rompeu o silêncio. A propósito do segundo Encontro sobre a produção teológica feminina nas igrejas cristãs. *Perspectiva Teológica*, n. 18. p. 380.

fé (cf. *Jo* 11,27).¹⁹⁴ A autora faz uma relação, no sentido de mostrar que, assim como em seu tempo, as mulheres seguiam Jesus, hoje também aumenta o número de mulheres que seguem Jesus e praticam o serviço aos marginalizados como resposta de fé. A autora também aponta a importância das mulheres no fazer teológico, tradicionalmente feito por homens: “Começa a haver uma tomada de consciência da fecundidade libertadora de uma leitura da Bíblia, que leve em conta a vertente feminina da experiência de opressão, de pobreza, de resistência e de esperança”.¹⁹⁵ As mesmas mulheres que serviam a mesa de Jesus, hoje continuam servindo a igreja por Ele fundada e, a seu modo e a exemplo de Marta, cumprem sua missão e demonstram a sua fé: “Disse ela: ‘Sim Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o filho de Deus que vem a este mundo’” (*Jo* 11,27).

Destacamos também o artigo: “Jesus ou os pobres? Análise redacional e hermenêutica de *Jo* 12,1-8” de Johan Konings, publicado na edição número 25 de *Perspectiva Teológica*. A perícopes apresenta um texto polêmico porque parece que Jesus não é solícito para com os pobres, segundo a afirmação de Jesus: “Pois sempre tereis pobres convosco; mas a mim nem sempre me tereis” (*Jo* 12,8). “Os que preferem enfeitar altares, em vez de prover à mesa dos pobres, encontram neste versículo aparente justificação. E os que se empenham pela mesa dos pobres, evitam citá-lo.”¹⁹⁶ Ao analisar a perícopes, o autor mostra que não há contraposição entre servir Jesus e ser solícito e solidário para com os pobres; trata-se somente de dois momentos diferentes na vida do discípulo: O momento de Jesus que é “não sempre” e o momento do pobre que é “sempre”. “A frase de *Jo* 12,8 exprime que a unicidade do momento de Jesus não pode ser eclipsada pela alegação da solicitude pelos pobres, já que esta é permanente.”¹⁹⁷ Jesus, em toda a sua vida terrena, preocupou-se com os pobres e buscou saciar a sua fome e restabelecer a sua dignidade. A missão da igreja na América Latina não pode esquecer a solicitude que Jesus tinha para com os pobres e, no seguimento de seus passos, servi-Lo na pessoa dos pobres e excluídos. A missão da igreja busca também a transformação social.

Os artigos aqui citados, mostram que essa revista contempla a dimensão concreta do Quarto Evangelho, pois são abordados assuntos importantes na realidade latino-americana como a questão da fome e a valorização da mulher a partir da sua leitura.

¹⁹⁴ TEPEDINO, Ana Maria. A mulher: Aquela que começa a “desconhecer o seu lugar”. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, n. 17, 1985, p. 376.

¹⁹⁵ TEPEDINO, Ana Maria. A mulher: Aquela que começa a “desconhecer o seu lugar”. *Perspectiva Teológica* n. 17. p. 377.

¹⁹⁶ KONINGS, Johan. Jesus ou os pobres? Análise redacional e hermenêutica de *Jo* 12,1-8. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, n. 25, 1993, p. 149.

¹⁹⁷ KONINGS, Johan. Jesus ou os pobres? Análise redacional e hermenêutica de *Jo* 12,1-8. *Perspectiva Teológica* n. 25, p. 158.

3.3.5 – Revista Estudos Teológicos

Citamos, por fim, a Revista Estudos Teológicos¹⁹⁸, que é uma publicação dos Luteranos. Em nosso estudo, analisamos somente as 16 edições publicadas do ano 2000 para cá. Encontramos apenas 6 artigos que contemplam a temática que estamos estudando. Apenas um contempla o Quarto Evangelho. Trata-se do artigo: “É preciso que haja pão! Ecologias de partilha e cuidado com as sobras: um estudo a partir de *Jo 6,1-15*” de Marga J. Stroher. A autora analisa na perícopes a temática da falta de pão e peixe para alimentar a multidão. Destaca a importância dos discípulos, especialmente André, na realização do milagre da multiplicação dos pães: “André tem um papel crucial no relato, embora sua palavra e postura pareçam bastante tímidas. Ele vê uma possibilidade real de partilha no pouco. O que estava nas mãos da criança é indicado como oferta para saciar a fome de muitas pessoas.”¹⁹⁹ Destaca-se ainda, no artigo, a importância do menino ou jovem escravo que, embora não empreste sua voz em nenhum tipo de fala, vemos que é com o pouco que ele tem que, colocado à disposição de todos, se torna o muito multiplicado e partilhado.

Na perícopes, Jesus realiza o milagre e age em primeira pessoa na distribuição dos pães e dos peixes, mas antes “Jesus abençoa o alimento disponibilizado: a ausência e a carência transformam-se em abundância (6.10b-13). Ao final, ainda há pedaços que sobram e que não podem ser desperdiçados.”²⁰⁰ O mesmo Jesus pedirá aos discípulos para que recolham tudo e coloquem nos cestos. Segundo a autora, o extremo cuidado com as sobras reafirma um contexto de escassez e, exatamente por isso, é necessário recolher o alimento para que possa saciar a fome de outras pessoas. Neste artigo a autora faz uma leitura que leva em conta a dimensão concreta da necessidade do pão e da sua concretização através do milagre e da partilha: “O alimento é colocado na centralidade da narrativa – a ênfase está no pão. Essa dimensão do alimento aponta para a experiência de luta, acesso e dependência na qual a produção e o acesso ao pão estão envolvidos – terra, chuva, condições de trabalho, frutos, taxaço de impostos, justa distribuição.”²⁰¹

¹⁹⁸ ESTUDOS TEOLÓGICOS. São Leopoldo: Com-texto Gráfica e Editora. 1981-.

¹⁹⁹ STROHER, Marga J. É preciso que haja pão! Ecologias de partilha e cuidado com as sobras: um estudo a partir de *Jo 6,1-15*. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, n. 46, 2006, p. 111.

²⁰⁰ STROHER, Marga J. É preciso que haja pão! Ecologias de partilha e cuidado com as sobras: um estudo a partir de *Jo 6,1-15*. *Estudos Teológicos* n. 46, 2006, p. 112.

²⁰¹ STROHER, Marga J. É preciso que haja pão! Ecologias de partilha e cuidado com as sobras: um estudo a partir de *Jo 6,1-15*. *Estudos Teológicos* n. 46, 1996, p. 114.

A autora ainda faz uma aproximação hermenêutica do texto, levantando questões relacionadas com a ecologia e faz uma re-leitura buscando entender o significado do ato de recolher os pedaços de pão; uma resposta comum de interpretação para a orientação de recolher as sobras seria a de evitar acúmulo nas mãos de algumas pessoas, ou de garantir que o pão seja guardado de forma adequada, nos cestos, ou ainda, que o pão não fique jogado no chão. A autora faz uma aproximação entre o recolher as sobras com a realidade de desperdício de alimentos existente no Brasil, onde constata que a fome de muitos se deve não só a má distribuição, mas também ao fato de que muito do alimento que é produzido acaba na lata de lixo. “O desperdício passa por todos os elos da cadeia produtiva e vai desde a seleção de variedades, preparo do solo e condições do clima, até o plantio, a colheita, o escoamento, o armazenamento, a industrialização, a embalagem, a distribuição, o estoque, a produção, o consumo, a conservação e o reaproveitamento.”²⁰² Além do desperdício ser uma das causas da fome no Brasil, causa ainda um outro problema que é o aumento da produção do lixo.

Cuidar das sobras, como ensina a parábola analisada, é cuidar da partilha do pão e, ao mesmo tempo, é preocupar-se e cuidar das pessoas, é comungar com a vida das pessoas, com as suas necessidades. Por isso não pode haver separação entre as refeições sagradas e profanas. Assim como não se pode jogar fora os fragmentos de pão da mesa do altar, não se deve jogar fora os fragmentos de pão que sobram do café da manhã.

Concluindo, percebemos que a análise de algumas revistas teológicas do Brasil e da América Latina mostra que há sim uma preocupação com a historicidade e os problemas concretos dos povos quando se lê o Quarto Evangelho. Muitos textos, como vimos, relacionam o nosso Evangelho com os problemas reais e concretos dos povos latino-americanos: fome, doenças, marginalização, situação de pecado pessoal e social, discriminação em relação às mulheres. Portanto, a literatura joanina brasileira dá conta de uma leitura do Quarto Evangelho que tem presente a concretude histórica da salvação e do Reino de Deus.

Por outro lado, fica bastante claro que se recorre com muito mais facilidade aos Sinóticos para abordar a problemática do pobre e do excluído. Isto se justifica pelo fato que muitos ainda têm uma visão de que o nosso Evangelho seja “espiritualizante” e, portanto, distante da realidade histórica e concreta. Não se pode perder de vista a essencialidade do ministério de Jesus Cristo e de sua mensagem que é o anúncio da vinda do Reino de Deus neste mundo, onde a história da humanidade e a história da Salvação andam juntas.

²⁰² STROHER, Marga J. É preciso que haja pão! Ecologias de partilha e cuidado com as sobras: um estudo a partir de Jo 6,1-15. *Estudos Teológicos* n. 46, p. 119.

CONCLUSÃO

Verificamos, em nosso trabalho, que o Quarto Evangelho não é espiritualizante e que tem uma aderência histórica, pois o Jesus Joanino preocupa-se com as dificuldades presentes na realidade do seu povo. É o Evangelho da alta cristologia, mas não está alheio às situações concretas das pessoas. Na sua riqueza teológica não se torna abstrato. O Quarto Evangelho apresenta uma escatologia realizada. Portanto, antecipa, para a existência histórica, aquilo que vai se realizar de maneira completa na parusia. Por isso se torna pertinente verificar sobre a questão do pobre e do excluído no texto do Quarto Evangelho. No final do primeiro século, a comunidade Joanina vivencia conflitos com os judeus, com o mundo, com a sinagoga e até mesmo com a grande Igreja, chefiada por Pedro. Esses conflitos tornam a comunidade Joanina uma comunidade de empobrecidos. E é essa comunidade que produz o Evangelho. Nela, o Discípulo Amado é apresentado como figura que o discípulo de Cristo deve imitar.

É verdade que Jesus afirma que “seu reino não é deste mundo” (cf. Jo 18,36), mas Ele não está apontando para uma fuga deste mundo e de seus problemas e desafios, mas mostra uma realidade não mundana do seu reinado. É uma nova concepção de mundo. De fato, Ele não veio para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele.

Na análise das categorias de marginalizados no Quarto Evangelho, verificamos especial atenção de Jesus dispensada a eles. Os famintos, os pecadores, os doentes e as mulheres são por Ele acolhidos e atendidos em suas necessidades. Ele age em favor deles saciando a sua fome, acolhendo-os na sua condição de pecadores, curando suas enfermidades e restituindo-lhes a dignidade. O Jesus Joanino não está alheio aos que sofrem e são excluídos.

Depois de vermos a aderência histórica do Quarto Evangelho e estudarmos algumas categorias de marginalizados que estão presentes nele, através do estudo dos Documentos das Conferências do Episcopado Latino-Americano de Medellin, Puebla, Santo Domingo e Aparecida, verificamos que, em suas opções, a Igreja tem vivido o Quarto Evangelho na prática. Os Documentos aderem à nossa realidade, pois há abertura aos novos desafios, sem perder de vista a Tradição da Igreja. A partir dos estudos exegéticos, se abrem caminhos e

novas perspectivas a partir da tomada de consciência da realidade e dos desafios. A Igreja assume uma atitude profética na trilha da opção preferencial pelos pobres. É verdade que nos Documentos não encontramos muitas citações do Quarto Evangelho, mas quando se faz isso, mostra-se que há uma correta compreensão e valorização do mesmo em relação à temática do pobre e do marginalizado.

Na última parte do nosso trabalho, a análise de algumas revistas teológicas do Brasil e da América Latina mostrou que, quando se lê o Quarto Evangelho, há sim uma preocupação com a história e os problemas concretos dos povos. A literatura joanina na América Latina faz jus a essa visão do Quarto Evangelho. Muitos textos relacionam o nosso Evangelho com os problemas reais e concretos dos povos latino-americanos: fome, doenças, marginalização, situação de pecado pessoal e social, discriminação em relação às mulheres. Portanto a literatura joanina brasileira dá conta de uma leitura do Quarto Evangelho que tem presente a concretude histórica da salvação e do Reino de Deus. Por outro lado, fica bastante claro que se recorre com muito mais facilidade aos Sinóticos para abordar a problemática do pobre e do excluído. Isto se justifica pelo fato de que muitos ainda têm uma visão de que o nosso Evangelho seja espiritualizante e, portanto, distante da realidade histórica e concreta. Não se pode perder de vista a essencialidade do ministério de Jesus Cristo e de sua mensagem que é o anúncio da vinda do Reino de Deus neste mundo, onde a história da humanidade e a história da Salvação andam juntas. Os Evangelhos são unânimes em mostrar que a mensagem de Jesus mais que teórica foi prática, e o nosso Evangelho não é diferente.

Os Evangelhos referem diversas atividades de Jesus, entre elas curar os doentes, dar de comer a quem tinha fome. Estas ações não são rituais religiosos. Mas se referem a necessidades concretas da vida corporal, tudo serve para salvar ou promover a vida corporal. O Quarto Evangelho afirma que Jesus sequer batizava: “Na verdade Jesus mesmo não batizava, mas os seus discípulos” (*Jo* 4,2). O Jesus Joanino não viveu ou pregou uma série de atos religiosos desligados da realidade. A sua vida teve coerência e unidade. Todas as suas iniciativas convergem para uma realização histórica: implantar o Reino de Deus resgatando a dignidade dos marginalizados.

A esperança e a utopia de um mundo melhor, onde os seres humanos possam dispor dos bens necessários para viver com dignidade, são um objetivo a ser seguido pela Igreja e por toda a sociedade.

Partindo do desejo de Cristo “Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância” (*Jo* 10,10), todos os cristãos são interpelados a trabalhar para que os pobres e

marginalizados saiam da linha da miséria e possam viver com dignidade. Mas é preciso partir da percepção que a pobreza e a miséria não são fruto da vontade divina, mas sim, de sistemas e situações sociais que têm sua raiz última no pecado pessoal ou social. A causa última da situação de exclusão está no pecado, por isso, é necessário antes de tudo empreender um caminho de conversão.

No seguimento dos passos de seu fundador, a Igreja da América Latina faz a sua escolha em função de sua missão: assumiu “A opção preferencial pelos pobres”. Nesse sentido, afirmamos que o Quarto Evangelho jamais esteve ausente das questões que dizem respeito à história da humanidade e dos povos latino-americanos. A salvação está num agir histórico, o agir que constrói neste mundo o Reino de Deus.

Por fim, apontamos alguns limites em nosso trabalho: faltou estudar, em modo profundo, a situação histórica da comunidade joanina à luz da teologia feminista e mesmo da teologia da libertação. Faltou aprofundar no Evangelho a questão dos Sacramentos da Igreja. Faltou também aprofundar a questão da hierarquia na comunidade joanina, por causa do conceito fundamental de discipulado no Quarto Evangelho. Fica ainda o desafio de se fazer o mesmo percurso que fizemos com as revistas bíblicas em livros de autores latino-americanos.

BIBLIOGRAFIA

- ASSMANN, Hugo. *Clamor dos pobres e “racionalidade” econômica*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil. De João XXIII a João Paulo II. De Medellín a Santo Domingo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BERGESCH, Karen. Poder e violência a partir da ótica da mulher. *Revista de Interpretação Latino-americana*. Petrópolis, n. 41, p. 129-140, 2002/1.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo, Paulinas, 1973.
- BINGEMER, Maria Clara L.; FELLER, Vitor Galdino. *Deus-amor: A graça que habita em nós*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. ...E a mulher rompeu o silêncio. A propósito de segundo Encontro sobre a produção teológica feminina nas igrejas cristãs. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, n. 18, p. 371-381, 1986.
- _____. *O segredo feminino do mistério*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BOFF, Leonardo. *O caminhar da Igreja com os oprimidos*. 3 ed. São Paulo: Vozes, 1988.
- _____. *Do lugar do pobre*. Vozes, Petrópolis, 1984.
- BORTOLINI, J. *Como ler o Evangelho de João. O caminho da vida*. São Paulo: Paulus, 1994.
- BRASSIANI, Itacir. “Quando as cercas caírem no chão...”. A utopia da fartura de pão a partir de Jo 6,1-71. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 49, p. 48-55, 1996.
- BRIGHENTI, Agenor. Aparecida. As surpresas, sua proposta e novidades. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, n. 109, p. 3-7-330, set./dez 2007.
- BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do Discípulo Amado*. 5 ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- _____. *Evangelho de João e Epístolas*. São Paulo: Paulinas, 1975.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 2001.

COMBLIN, José. *O clamor dos oprimidos*. São Paulo: Vozes, 1994.

_____. *O povo de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. PUEBLA. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1979 (Texto oficial da CNBB).

_____. SANTO DOMINGO. *Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1992.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja do Brasil*. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

D`AQUINO, Tomaso . *Comento al Vangelo di San Giovanni*, I-III, Roma: Città Nuova, 1992.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, Paulinas, 2007.

DUSSEL, Enrique. *De Medellín a Puebla. Uma década de sangue e esperança*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

ESTUDOS BÍBLICOS. Petrópolis: Vozes, 1980-.

FABRIS, Rinaldo. *A opção pelos pobres na Bíblia*. São Paulo, Paulinas, 1991.

_____. *Evangelizzare i poveri*. Roma: Editrice Vaticana, 1981.

_____. *Giovanni*. Roma: Borla, 1992.

FELLER, Vitor Galdino. *A Revelação de Deus a partir dos excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995.

FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história: Ensaio de uma cristologia como história*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1995.

FREIRE, Silene de Moraes (Org.). *Direitos humanos. Violência e pobreza na América Latina contemporânea*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2007.

FRIGERIO Tea. *Despir o manto... Vestir o avental. Ensaio de eclesiologia da mulher no evangelho de João*. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 68, p. 102-112, 2001.

GALLAZZI, Sandro. *Maria – A mulher, a hora e a glória*. *RIBLA* n. 46. Petrópolis; São Leopoldo, n. 46, p. 52-58, 2003/3.

- GALILEA, Segundo. *Evangelizar os pobres?* São Paulo: Paulinas, 1978.
- GALVÃO, Antônio Mesquita. *O Messias dos pobres*. São Paulo: AM edições, 1995.
- _____. *Sermão da Montanha: uma proposta de vida nova*. 3 ed. São Paulo: Santuário, 1993.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- _____. *Em busca dos pobres de Jesus Cristo: O pensamento de Bartolomeu de Lãs Casas*. 3 ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- _____. *Pobres e libertação em Puebla*. São Paulo, Paulinas, 1980.
- _____. *Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- HAMMES, Érico João. Pedras em pão: Por que não? Uma interrogação cristológica. *Teocomunicação*. Porto Alegre, v. 33, n. 141, p.449-712, set. 2003.
- HOEFELMANN, Verner. A crítica de Jesus à Lei como opção pelos marginalizados. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo n. 27, p. 54-63,1990.
- JOÃO PAULO II: *Sollicitudo Rei Socialis*. 5 ed. São Paulo: Paulinas, 2000.
- LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Loyola / Paulinas, 2004.
- LIMA, Cyzo Assis. Os samaritanos: Os oprimidos como primícias do Reino. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo n. 27, p. 64-70,1990.
- LOCKMANN, Paulo. O Evangelho de João e o testemunho criativo do povo. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 42, p. 78-88, 1994.
- _____. O pão na crise. Alimentando a resistência criativa. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 42, p. 71-77, 1994
- KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- _____. *Encontro com o Quarto Evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____. Jesus ou os pobres? Análise redacional e hermenêutica de Jo 12,1-8. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 25, p. 149-161, 1993.
- LIBÂNIO, João Batista. *Fé e política*. São Paulo: Loyola, 1995.
- MASCARELLO, Maria S. A mulher e a Igreja. *Teocomunicação*. Porto Alegre, n. 15, p. 7-17 1973.
- MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João. Análise lingüística e comentário exegético*. São Paulo: Paulinas, 1989.

- MESTERS, Carlos. *Paraíso terrestre – saudade ou esperança?* 10 ed. São Paulo: Vozes, 1995.
- MINCATO, Ramiro. Escatologia no Quarto Evangelho. O Reino já chegou. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 93, p. 51-58. 2007/1.
- MUELLER, Enio R. *Teologia da Libertação e Marxismo. Uma relação em busca de explicação*. Volume VII. São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- MORACHO, Félix. *Como ler os Evangelhos. Para entender o que Jesus fazia e dizia*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1994.
- NAKANOSE, Shigeyuki; MARQUES, Maria Antônia. Jesus e seus opositores. *RIBLA* n. 47. Petrópolis; São Leopoldo, n. 47, p. 93-107, 2004/1.
- NEUTZLING, Inácio. A crise de um modelo de desenvolvimento. Notas para uma análise da conjuntura brasileira. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, n. 23, p. 371-384, 1991.
- _____. Jesus e os marginalizados do seu tempo. Uma meditação Bíblica. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 21, p. 47-55, 1989.
- OLIVA, José Raimundo. Do Cristo a Jesus de Nazaré. Batismo e cidadania. *Estudos Bíblicos* Petrópolis, n. 79, p. 88-100, 2003.
- OLIVEROS, Roberto. *Tradição Eclesial latino-americana: Medellín-Puebla in Vida, clamor e esperança. Reflexões para os 500 anos de evangelização a partir da América Latina*. São Paulo: Loyola, 1992.
- PAUL, André. *O Judaísmo Tardio. História Política*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- PERSPECTIVA TEOLÓGICA. Belo Horizonte: O Lutador, 1969-.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- WEGNER, Uwe. Aspectos da cidadania no movimento de Jesus e nas primeiras comunidades apostólicas. *RIBLA*. Petrópolis; São Leopoldo n. 32, p. 101-115. 1999
- WEILER Lúcia. Jesus e a samaritana. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-America*. Petrópolis; São Leopoldo n. 15, p. 98-103, 1993/2.
- RATZINGER, J. *Compreender a Igreja hoje. Vocação para a comunhão*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- REIMER, Ivoni Richter. O pão na crise. Analisando a resistência criativa. *Estudos bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo n. 42, p. 71-77, 1994.

REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA. Petrópolis: Metodista, 1988-.

RICHARD, Pablo. *A força espiritual da Igreja dos pobres*. São Paulo, Vozes, 1989.

_____. Chaves para uma re-leitura histórica e libertadora. (Quarto Evangelho e cartas). *RIBLA* n. 17, p. 7-26. Petrópolis; São Leopoldo. 1994/1.

RODRIGUES, Eduardo Benes de Sales. Jesus e a Samaritana: *Jo* 4,1-42. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 30, n. 129, p. 475-492, Setembro de 2000.

SANTOS, Manoel Augusto (Org.). *Concílio Vaticano II. 40 anos da Lumen Gentium*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

SCHIAVO, Luigi. Jesus taumaturgo – Elementos interpretativos. *RIBLA*, Petrópolis n. 47, p. 80-92, 2004/1.

SCHWARZ Roberto (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SECRETARIADO REGIONAL SUL 3 DA C. N. B. B. CONCLUSÕES DE MEDELLIN. Porto Alegre: Editora Metrópole, 1968.

SILVA SANTOS, D. Bento. *Teologia do Evangelho de João*. Aparecida: Santuário, 1994.

SIQUEIRA, José Carvalho de. *Os excluídos na consciência da Igreja do Brasil (1991-1998)*, 1998. (Dissertação de Mestrado em Teologia Moral). Roma: Academia Alfonsiana, 1998.

SOBRINO, John. *A fé em Jesus Cristo. Ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000.

STROHER, Marga J. É preciso que haja pão! Ecologias de partilha e cuidado com as sobras: um estudo a partir de *Jo* 6,1-15. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 46, n. 01, p.109-121, 2006.

SUSIN, Luiz Carlos. Eucaristia: Pão de inclusão. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 33, n. 141, p. 449-712, set. 2003.

TEOCOMUNICAÇÃO. Porto Alegre: Edipucrs, 1970-.

TEPEDINO, Ana Maria. A mulher: Aquela que começa a “desconhecer o seu lugar”. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, n. 17, p. 375- 379, 1985.

TONINI, Hermes. Re-criando a casa de Jesus e seu discipulado de iguais: O movimento de Jesus na tradição do/a discípulo/a amado/a. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis; São Leopoldo, n. 67, p.17-35, 2000.

VANCELLS, José O. Tuñí. *O testemunho do Evangelho de João. Introdução ao estudo do Quarto Evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1989.

VELASCO, Carmina Navia. Jesus liberta uma mulher. *RIBLA*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 18, p. 191-194, 1994/2.

ZIZEMER, Osmar. “Este povo que não conhece a Lei , são uns malditos” (*Jo 7,29*). *Estudos Bíblicos*. Petrópolis; São Leopoldo, n. 27, p. 47-53, 1990.